

Espaço e Turismo

Sonia Morandi - Izabel Castanha Gil



CEETEPS

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Governo do Estado de São Paulo
Coordenação de Ensino Técnico - CETEC



copidart editora ltda

Doação da Família da
Professora Doutora
Doroti Quiomi Kanashiro Toyohara
Centro Paula Souza

CADERNO CURRICULAR EXPERIMENTAL



→ *Sonia Morandi*
Izabel Castanha Gil

→ *Sonia Morandi (org.)*

→ Registramos aqui nossos agradecimentos à Prof. Dr.
Adyr Balastrieri Rodrigues pelo trabalho de assessoria
acadêmica que vem desenvolvendo junto aos
professores de Geografia do Centro Paula Souza.

São Paulo
2000



DQKT 010

Catálogo na Fonte
Grupo de Informações Documentárias - CEETEPS

Morandi, Sonia
Espaço e turismo / Sonia Morandi, Izabel Castanha
Gil; org. Sonia Morandi - São Paulo, Copidart, 2000.
148 p.

1. Turismo. 2. Espaço turístico. 3. Planejamento
turístico. 4. Cartografia turística. I. Gil, Izabel Castanha.
II. Título.

CDU 379.85:338.48

Índices para catálogo sistemático:

1. Turismo - Lazer 379.85
2. Turismo - Política 338.48
3. Cartografia turística 379.85:528.9
4. Planejamento turístico 379.85:65.012.2

Conselho Editorial

Almério Melquíades de Araújo
Antonio Luís Risso
Cecília Canalle Fornazieri
Doroti Quiomi K. Toyohara
Júlia Maria Falivene Roberto Alves

Responsável por Material Didático

Doroti Quiomi K. Toyohara

Organização

Sonia Morandi

Elaboração

Sonia Morandi
Izabel Castanha Gil

Revisão

Antonio Luís Risso

Projeto Gráfico e Editoração eletrônica

Hideki Comunicação (0**14) 230 8145

Produção e Impressão

Copidart Editora Ltda.

1ª edição / 2000



Atividade editada sob orientação da
Coordenadoria de Ensino Técnico - CETEC
Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza - CEETEPS

Presidente do Conselho Deliberativo
Antonio Rubens Costa

Diretor Superintendente
Marcos Antonio Monteiro

Vice-Diretor Superintendente
Remo Alberto Fevorini

Chefe de Gabinete
Laura M. J. Laganá

Coordenador de Ensino Técnico
Almério Melquíades de Araújo

copidart editora ltda

Rua Paulo Setubal, 37 - São Paulo - SP
CEP 02031-010

Fone: (0**11) 6221-5667 / 6221-4293 - Fax (0**11) 6221-9923

e-mail: copidart@uol.com.br

Direitos reservados pela Copidart Editora.
Direitos de uso reservados ao CEETEPS, por prazo
indeterminado, em suas Unidades.

APRESENTAÇÃO

*O livro caindo n'água
É germe – que faz a palma.
É chuva – que faz o mar.*

Castro Alves

O desenvolvimento de material didático adequado às diretrizes pedagógicas do CEETEPS, bem como a sua divulgação e uso pelos professores e pelos alunos, é uma das metas da Coordenadoria do Ensino Técnico.

Esse objetivo se apóia no princípio de que o processo ensino-aprendizagem tem como um dos suportes didáticos o elemento de continuidade e aprofundamento os textos para consulta e as sugestões de atividades complementares.

A formação da biblioteca de qualquer profissional é parte integrante de seu aperfeiçoamento técnico e é ferramenta valiosa para a sua promoção no mundo do trabalho e para a melhoria de suas relações sociais.

*Almério Melquiades de Araújo
Coordenador de Ensino Técnico*



A VIDA DO VIAJANTE

Minha vida é andar por este país
Pra ver se um dia me sinto feliz
Guardando as recordações das terras onde passei
Andando pelos sertões
E dos amigos que lá deixei
Chuva e sol, poeira e sertão
Longe de casa sigo o roteiro e mais uma estação
E alegria no coração

Minha vida é andar por este país
Pra ver se um dia me sinto feliz
Guardando as recordações das terras onde passei
Andando pelos sertões
E dos amigos que lá deixei
Mar e terra, inverno e verão
Mostro um sorriso, mostro uma alegria,
Mas eu mesmo não
E a saudade no coração.

Luiz Gonzaga e Hervê Cordovil



Aos alunos e professores

O Caderno Curricular *Espaço e Turismo* que por ora apresentamos é fruto dos encontros de capacitação docente que vimos realizando sistematicamente na Coordenadoria de Ensino Técnico - CETEC, desde novembro de 1998, ano da implantação do curso técnico em Turismo, no Centro Paula Souza.

Trata-se de uma experiência desafiadora, posto que não existe no mercado editorial brasileiro publicação sobre tal temática, voltada para atender a um público crescente do ensino médio e pós-médio.

A proposta de Geografia do Turismo no CEETEPS tem duplo objetivo. Primeiramente, sob o enfoque espacial, enseja proporcionar uma reflexão crítica sobre o fenômeno turístico na nova ordem econômica mundial e seus desdobramentos sobre a organização socioespacial com significativas repercussões ambientais, particularmente nas comunidades receptoras locais. Busca-se problematizar o turismo como uma das mais expressivas atividades da atualidade e avaliar sua dimensão econômica, em geral voltada para atender os interesses do capital hegemônico, impondo uma transformação radical do território, em contraponto a um turismo voltado para o desenvolvimento com base local

(Rodrigues:1998) que permite promover uma melhoria das condições de vida das populações receptoras.

Propugna-se o desenvolvimento local, tendo em vista a gestão participativa das comunidades receptoras, contemplando a geração de ocupação e renda, com capitais locais de pequena escala.

Em segundo lugar, visa à construção de conhecimentos e habilidades ligadas à ciência geográfica. Prevê o estudo de conteúdos de uma Geografia aplicada ao turismo, cujos saberes instrumentalizam o futuro profissional nas habilidades requeridas de interpretação, análise e elaboração de mapas, cartas e instrumental de pesquisa, recursos que certamente contribuem para a construção da competência do profissional do turismo.

Este é o primeiro caderno curricular experimental, voltado para atender os alunos do primeiro módulo do curso. À luz da Geografia, o enfoque temático recai sobre o potencial turístico do Estado de São Paulo. Contamos, pois, com sugestões e críticas, para que possamos aprimorar os futuros projetos.

Sonia Morandi e Izabel Castanha Gil

SUMÁRIO

1 O ESPAÇO DO TURISMO

→ O turismo como fenómeno social e económico na atualidade _____	11
→ A paisagem como atrativo turístico _____	15
- as propriedades visuais da paisagem _____	18
→ Os elementos do espaço turístico _____	20
- avaliação da demanda turística _____	23
→ Avaliação e inventário do espaço turístico _____	25

2 TURISMO E REPRESENTAÇÕES

→ Noções cartográficas _____	33
→ Cartografia aplicada ao turismo _____	42

3 O ESTADO DE SÃO PAULO E OS ESPAÇOS TURÍSTICOS

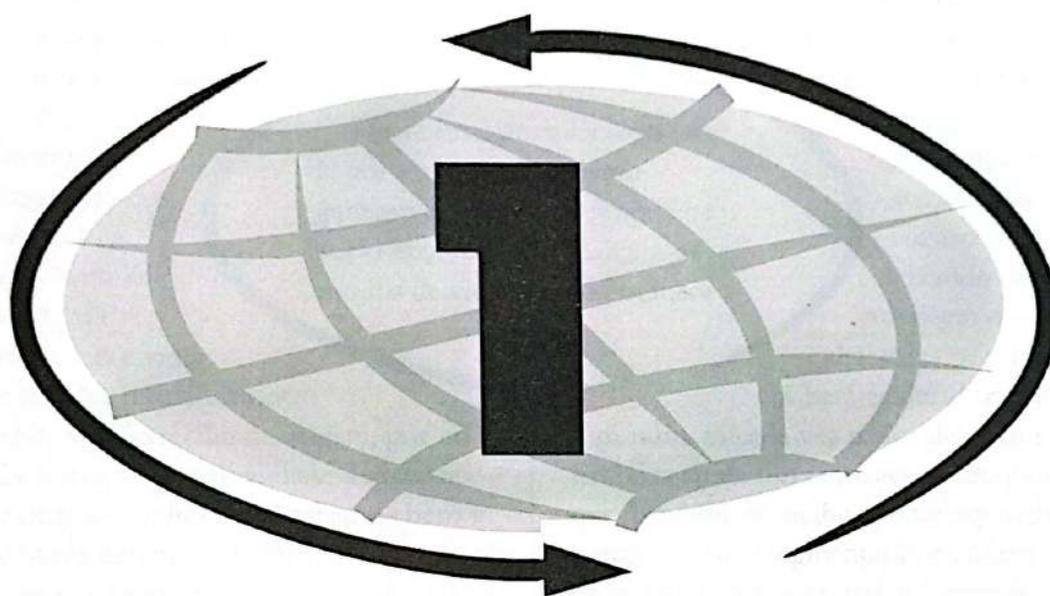
→ A paisagem como recurso turístico: os ecossistemas paulistas _____	49
→ Municípios turísticos no Estado de São Paulo: caracterização _____	73
→ As áreas de conservação e preservação paulistas _____	84
→ O sistema viário e de comunicação paulista e brasileiro _____	101

4 SUGESTÃO DE ATIVIDADES

→ Atividades _____	119
--------------------	-----

5 BIBLIOGRAFIA

→ Bibliografia _____	145
----------------------	-----



O ESPAÇO DO TURISMO

O ESPAÇO DO TURISMO

O turismo como fenômeno social e econômico na atualidade

Conceitualmente, lazer é tido como o conjunto de ocupações e ações através das quais as pessoas podem dedicar-se livremente ao descanso, diversão e desenvolvimento cultural. Enquanto que turismo, segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT) é considerado o fenômeno social que envolve o deslocamento de pessoas de seu domicílio de origem, por no mínimo 24 horas, com a finalidade de retorno. Tal deslocamento implica a utilização de bens e serviços de uma determinada localidade, ou seja, estruturas e equipamentos destinados ao alojamento, hospedagem, alimentação, diversão, transporte, etc. Quando o objetivo da viagem é o descanso, a diversão e desenvolvimento cultural, o turismo torna-se por conseguinte a expressão do lazer.

Ao longo da história, pode-se destacar várias transformações ocorridas na sociedade, entre elas as grandes mudanças nas relações de trabalho, nos hábitos e comportamentos das pessoas e grupos sociais, no seu habitat transferido do campo para a cidade e tantas outras mudanças.

Apesar das dificuldades e lutas de trabalhadores em todo o mundo, pode-se considerar algumas conquistas, como o descanso semanal remunerado, as férias, a aposentadoria, a redução da jornada de trabalho, a melhoria do nível de instrução, além das inovações tecnológicas que melhoraram o sistema de transporte e agilizaram os meios de

comunicação, promovendo maior facilidade de deslocamento de pessoas dentro de um mesmo país ou entre países e continentes.

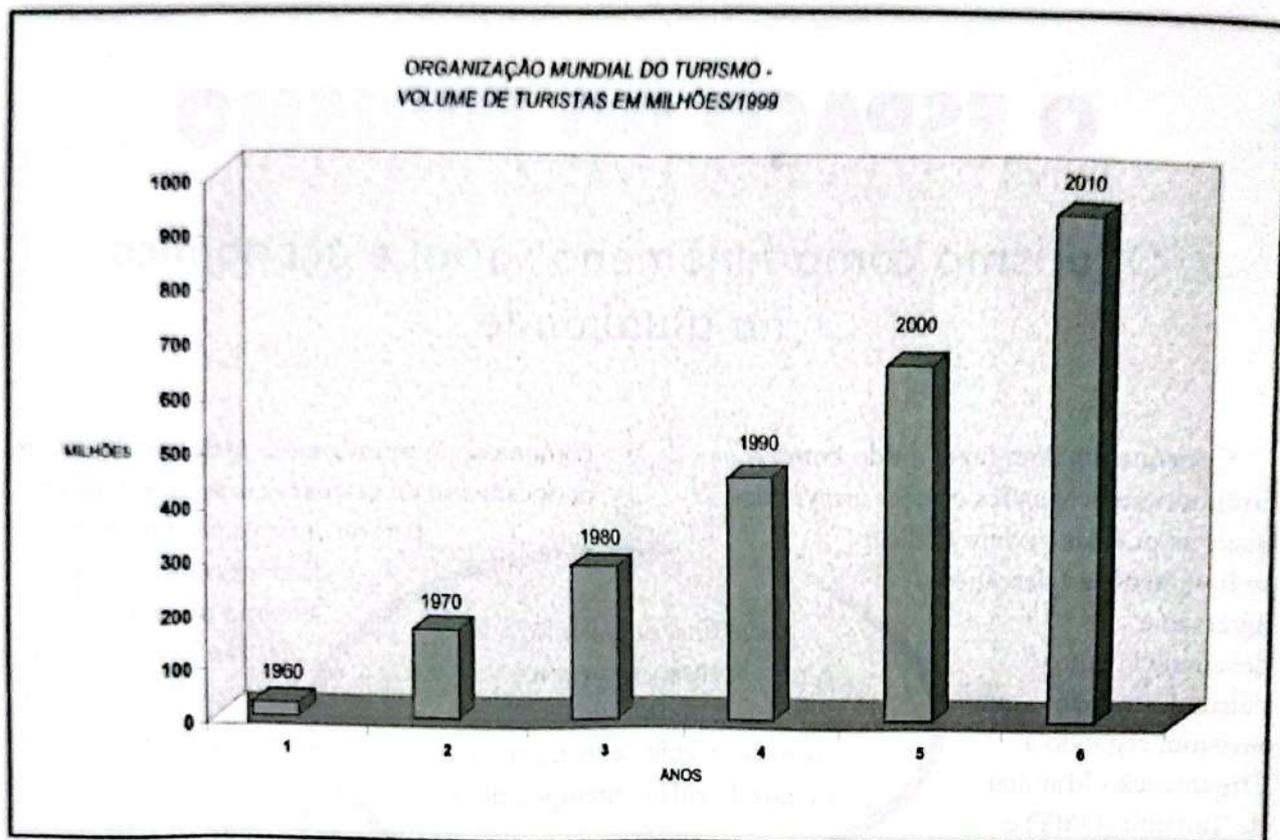
É nesse contexto que o turismo passa a despontar como uma atividade econômica em ascensão. Ele está deixando de ser um privilégio das elites abastadas para tornar-se um bem (mercadoria) acessível a

um número cada vez maior de pessoas. Embora ainda um tanto reservado para aqueles que dispõem de melhor poder aquisitivo, percebe-se uma segmentação na oferta, procurando "democratizá-lo" para quase todas as classes sociais.

Assim, na sociedade de consumo de massa, o chamado tempo livre, ou tempo do não-trabalho, é capturado através da fabricação, via publicidade, de novas necessidades de consumo ligadas ao lazer e turismo. Os princípios do *marketing* turístico edificam um discurso reforçando o ideário do lazer e do turismo como uma das necessidades básicas das sociedades, refúgio de uma vida urbana estressante. O culto à natureza é um recurso recorrente nos informes publicitários e *folders*, influenciando o imaginário do consumidor. De modo que, no período atual, o espaço, agora tomado turístico, passa a ser objeto de consumo.

Trata-se portanto de uma importante atividade econômica com desdobramentos sociais, ambientais e territoriais, constituindo-se temática de investigação e reflexão nos estudos geográficos.

Neste final de milênio, o lazer e, por extensão, o turismo, ganham expressão de fenômeno socio-econômico e marcam os modos de vida contemporâneos.



O gráfico acima ilustra o volume da movimentação de turistas no mundo, a partir de 1960. É importante destacar que a década de 70 é marcada pela intensificação do fluxo, em escala mundial.

Segundo a Organização Mundial do Turismo (quadro página seguinte), em 1999, a indústria internacional do turismo movimentou 3,7 trilhões de dólares, criou 212 milhões de empregos, o que corresponde a 10,6 % da população economicamente ativa (PEA) e representa cerca de 10,9% do PIB mundial.

Esse setor tem sido considerado como o maior gerador de divisas e de empregos das economias modernas. Dados da tabela a seguir são ilustrativos. Em 1996 registraram-se quase 600 milhões de turistas no mundo, gerando US\$ 422 bilhões de receita. Somente a Europa abocanhava US\$ 215 bilhões. A América Latina e o Caribe, juntos, atraíram menos de 9% dos turistas e US\$ 33 bilhões de receita. O Brasil trouxe menos de 3 milhões de estrangeiros, gerando apenas US\$ 3 bilhões. Em termos mundiais, isso representa 0,05 % dos turistas e 0,07% da receita. Para o ano 2020, as estimativas apontam para 1,6 bilhões de viagens em todo o

mundo, o que deverá gerar um adicional de 300 milhões de empregos.

Estudiosos do setor afirmam que o próximo milênio será marcado por novos fluxos turísticos internacionais, ligados a diferentes motivações e segmentos da sociedade: o culto à natureza, à saúde, ao lazer, particularmente dirigido aos adultos e idosos; os jovens, engajados nos movimentos ecológicos, vêm dinamizando o turismo em ambientes naturais. O aumento dos índices de longevidade repercutirá sobre a estrutura etária da população mundial, devendo implicar o crescimento da demanda pelo lazer e turismo para a terceira idade; a economia globalizada demandará viagens de negócios, estudos e aperfeiçoamento; o turismo esotérico e religioso tenderá também a apresentar índices crescentes.

Segundo estudos mais recentes da OMT, o turismo para o ano 2020 estará inserido num mundo cujo cenário geopolítico é assim apresentado:

- ↳ grande parte dos países estará sintonizada com as ações hegemônicas globais;
- ↳ permanecerá uma forte tendência às megafusões das empresas;
- ↳ haverá aumento das desigualdades sociais

O TURISMO INTERNACIONAL (1996)

REGIÕES	MILHARES DE CHEGADA	% DE CHEGADAS
África	20 502	3,5
América Latina/Caribe	52 529	8,8
EUA e Canadá	62 177	10,5
Europa	351 612	59,2
Oriente Médio	15 256	2,6
Leste da Ásia e Pacífico	87 025	14,7
Sul da Ásia	4 477	0,7
TOTAL	593.638	100,0

	RECEITA EM MILHÕES -US\$	% DA RECEITA
África	8 031	1,9
América Latina/Caribe	33 005	7,8
EUA e Canadá	73 186	17,3
Europa	215 747	51,0
Oriente Médio	8 037	1,9
Leste da Ásia e Pacífico	80 780	19,1
Sul da Ásia	3 963	0,9
TOTAL	422 745	100,0

Fonte: Thea sinclay tourism and economic development, 1998

entre os países ricos e pobres;

será ampliada a chamada harmonização monetária (tendência à adoção de uma única moeda, dentro dos blocos econômicos).

Ainda no âmbito das megatendências, segundo estes estudos, um grupo de quatro países são titulados "tigres econômicos" – China, Índia, Rússia e Brasil. Estes, por sua vez, são eleitos estrategicamente pelos vetores da globalização hegemônica como espaços de vocação turística, devendo receber dos organismos internacionais - Banco Mundial, BIRD e BID - grandes investimentos em infraestrutura de apoio, viária, saneamento, cujas obras serão realizadas com a contrapartida dos

governos locais, através de recursos públicos, preparando o território para a instalação de megaempresas hoteleiras do tipo *resorts*. Assim, áreas antes reservadas ou reservas de territórios entram agora em cena.

Nesse contexto de globalização econômica, estes territórios refuncionalizam-se, ou seja, ganham uma nova função no mercado mundial e passam a ser valorizados segundo uma outra intencionalidade, alterando as formas de seu uso. Tudo isso leva a crer que, dentro da Divisão Internacional do Trabalho, a esses países estará reservado o papel de produtores de bens imateriais, ou seja: produção do lazer e do turismo para o mercado internacional.

Se refletimos sobre o que tudo isto significa do ponto de vista da reestruturação do espaço geográfico e em termos do impacto socio-ambiental nas regiões receptoras, perceberemos que a Geografia tem um papel importantíssimo na análise e interpretação do fenômeno turístico.

Nesta nova ordem econômica, os lugares são selecionados estrategicamente pelos atores hegemônicos (capital internacional), intensificando-se a especialização produtiva e produzindo uma outra organização socioespacial, conectada a uma racionalidade global com funções controladas e planejadas por empresas globais.

Assim alerta Adyr Balastrieri Rodrigues, doutora em Geografia do turismo da Universidade de São Paulo:

"[...] Da ótica geográfica observa-se um dinamismo espacial muito grande, que se caracteriza por:

(estagnação de certos espaços turísticos, que se traduz por poucas alterações, fenômeno raro de ocorrer;

(deterioração e transformação de tradicionais espaços turísticos que acabam perdendo sua função principal;

(produção de espaços, totalmente artificiais, onde a natureza não desempenha nenhum papel, podendo ser recriada;

(produção de novos espaços – expressão da globalização – nas áreas naturais mais recônditas do mundo, onde o turismo pode ser reconhecido como um verdadeiro processo civilizatório."

Ela continua exemplificando e chama a atenção para o que vem ocorrendo na Amazônia

"[...] O chamado turismo ecológico, na Amazônia, está estendendo-se pelos médios vales dos rios, como do rio Negro [...] numa ilha em São Gabriel da Cachoeira, a 850 km de Manaus. Lá implanta-se o King Island Lodge e com isso São Gabriel da Cachoeira acede à modernidade, adotando o dólar como moeda corrente e o inglês como idioma oficial [...]."

Tradicionalmente, os modelos de planejamento turístico têm como foco e preocupação o aproveitamento mais racional e rentável do potencial natural e cultural do

lugar, modelando e remodelando o território. Em geral, ignoram e desconsideram os interesses da população receptora local, sua rotina e costumes locais.

Há que se questionar o conceito de desenvolvimento até então implementado por modelos que excluem a possibilidade de participação das comunidades residentes. É preciso incorporar ao debate os agentes promotores e os diversos atores sociais responsáveis pela produção do espaço tornado turístico, ou seja: o empresariado (local, nacional e global), os gestores públicos, as instituições, o turista e principalmente a população residente local.

A PAISAGEM ENQUANTO RECURSO TURÍSTICO



Quem não se detém para apreciar paisagens e fatos tão excepcionais? Por si, constituem espetáculos ímpares. Apesar da riqueza de cores e formas, dispostas de forma harmônica, uma imagem reproduzida no papel, no vídeo, ou em qualquer outra forma virtual, não dá conta de captar aspectos que só o contato direto pode oferecer: o som, a temperatura, o cheiro, a textura, o sabor, o movimento, enfim, a sua real dimensão.

Contemplada de longe, ou envolvendo o observador, a paisagem tem o poder de despertar

os sentimentos e emoções mais profundos do ser humano: êxtase, curiosidade, temura, solidão, autoconfiança, medo, inspiração, coragem, alegria, tristeza, tranquilidade, excitação, grandiosidade, pequenez...

Muito há o que se falar das paisagens e dos elementos da paisagem, entre eles o homem e suas relações entre si e com o meio.

Mesmo que o fluxo de pessoas tenha como destino uma área urbana, como um centro de convenções, por exemplo, que se constituem em ambientes construídos, a fisionomia desses

lugares configura uma paisagem, neste caso, humanizada.

Outros roteiros têm como motivação a altivez das montanhas, o charme das cachoeiras, a planura do terreno, a areia branca da praia, a água congelada do lago, o sol e o calor tropical, o frio dos pólos, a exuberância das matas, ou mesmo a comida típica da fazenda ou de uma região tradicional, o artesanato local, as festas regionais, entre outros atrativos.

O atrativo da paisagem está carregado de componentes geográficos: temperatura, umidade, luminosidade, topografia, influência do mar ou do continente, vegetação, fauna, disposição das rochas, etc.

Embora o turista possa estar interessado na gênese de uma cadeia montanhosa, ou na dinâmica que justifica o comportamento climático da localidade visitada, é a Geografia quem se encarrega de explicá-los. Esses componentes geográficos influenciam no calendário e nas instalações dos equipamentos turísticos, como por exemplo: um lugar frio necessita de maiores investimentos em quadras e piscinas cobertas, cinemas, boates, restaurantes e salas climatizadas. Um lugar úmido necessita de construções mais arejadas e cuidados constantes para evitar o bolor e o mofo. Lugares quentes e ensolarados podem “abusar” de construções abertas e sombreadas para amenizar o calor. O relevo pode influenciar na construção de represas ou instalações de teleféricos. As fontes termais e hidrominerais de algumas estações de saúde são consequência de antigos vulcanismos, como é o caso do chamado “Roteiro das Águas”, nos Estados de São Paulo e Minas Gerais. As estações do ano acabam definindo a identidade turística de muitas localidades, influenciando toda a organização da vida da cidade, que se prepara para a alta temporada e se retrai na baixa temporada. A tropicalidade do clima brasileiro tem influência, inclusive, no calendário escolar, transformando as férias de verão numa época de grande movimentação turística. O inverno atrai visitantes para as regiões montanhosas ou para o sul do país,

sendo que a neve, ou a sua espera, estimula grande fluxo turístico para a Serra Gaúcha. O solo, o clima, o relevo e a latitude, entre outros, são fatores condicionantes da agricultura e, portanto, influenciam a data de algumas festividades, como a festa da uva, do figo, das flores, do morango, da jabuticaba, do abacaxi, entre outras.

A propaganda procura destacar as evidências que particularizam cada paisagem e assim, o turista escolhe seu roteiro a partir do que tem mais afinidade: escalada, trilha, pesca, cavalgada, visita em cavernas, praia, manifestações folclóricas ou religiosas, eventos agropecuários, bebidas quentes em noites frias, etc.

Em qualquer circunstância – paisagens naturais ou humanizadas – o turismo incentiva o comércio, gerando emprego e renda nas comunidades receptoras. Os hábitos cotidianos dos turistas, como vestimentas, tipos de diversão, preferências musicais, etc., muitas vezes são exóticos para a população local e, mesmo permanecendo por pouco tempo, acabam influenciando – e alterando – os hábitos e costumes locais.

Nesse caso, os jovens constituem o segmento mais rapidamente influenciado, provocando um certo desprezo pela cultura de origem. Esses costumes podem reaparecer mais à frente, incentivados pelos órgãos oficiais e ou pelas empresas ligadas ao turismo, através da comercialização de artesanato, doces e compotas, muitas vezes com o calendário das festividades populares alterado para adequar-se aos períodos propícios à demanda turística.

Um dos aspectos negativos da atividade turística nas comunidades receptoras diz respeito à especulação imobiliária. A intenção de desfrutar de uma vista privilegiada, ou de um local de fácil acesso, acaba incentivando o mercado imobiliário. Muitas vezes, a população que sempre viveu naquele local acaba vendendo seu terreno por um preço muito abaixo do que será revendido e transferindo-se para locais mais afastados, onde nunca teve intenção de morar, continuando suas

atividades anteriores, porém agora longe de casa. É o caso, por exemplo, de muitos pescadores do litoral brasileiro.

Outros fatores geográficos, como o sítio e a localização, podem orientar o fluxo turístico. A proximidade do centro turístico em relação aos centros emissores acaba sendo relevante na escolha feita. Contudo, não só a localização e as características do sítio explicam a afluência constante a esses centros, mas também outros elementos, como a facilidade de acesso, a disponibilidade de energia, a qualidade das instalações e dos serviços, a divulgação, a acessibilidade dos preços, etc.

O meio de transporte a ser utilizado, os equipamentos instalados que possibilitam a permanência e as condições sócio-econômicas dos turistas podem explicar a frequência ou a experiência de vida existente numa localidade turística. Loteamentos imobiliários caros, instalações de luxo e localidades acessíveis apenas de avião acabam direcionando-se apenas para um público de melhor poder aquisitivo.

Percebe-se então que, embora importantes, os fatores geográficos por si só não condicionam a atividade turística e não bastam para explicá-la. Outros fatores internos e externos, aliados aos atributos naturais ou culturais, além dos equipamentos instalados e da divulgação e publicidade do produto turístico, definem a prática do turismo. Como diz Carlos Beni (1998): *"O produto turístico acabado constitui-se nos recursos naturais e culturais mais serviços."*

Apesar de caracterizar-se como um movimento espontâneo, o turismo pode, também, ser induzido por fatores muito variados, que requerem melhor análise de diversas áreas para compreensão do fenômeno. Como exemplo podemos citar os parques temáticos, que são instalados em função de planejamentos estratégicos e não dos atrativos naturais. O *marketing* direcionado a um público segmentado, a estrutura compatível com as expectativas deste público, o transporte facilitando o deslocamento, entre outros incrementos, definem uma modalidade turística muito em voga,

principalmente, no turismo internacional. Assim é com a Amazônia, com o Pantanal Mato-Grossense, com as savanas e os desertos africanos, entre outras localidades.

O ir e vir de um grande número de pessoas numa determinada localidade acaba provocando modificações na paisagem e na vida cotidiana dos habitantes e isto merece uma reflexão geográfica. Estas análises, sem dúvida, contribuirão para o estudo de impactos ambientais, sociais e culturais do turismo nas comunidades locais, resultando em informações concretas que subsidiarão o planejamento turístico.

O tratamento geográfico dispensado ao turismo deve levar em conta alguns pontos básicos, destacando-se o conhecimento dos recursos destinados ao turismo, ou o inventário da potencialidade turística. Os fundamentos geográficos levam a uma avaliação crítica do papel do turismo como agente transformador das paisagens por ele afetadas.

As propriedades visuais da paisagem

Dentre os elementos do espaço turístico, a paisagem “natural” e a paisagem humanizada ganham enorme destaque transformando-se em importante recurso, muito valorizado, e sem dúvida fator de atração do turista.

Do ponto de vista da Geografia, a paisagem é o aspecto visível do espaço geográfico, ou seja, o que vemos no limite circunscrito por nosso campo visual. Muitas vezes ela apresenta diferentes temporalidades ou o registro e marcas de tempos passados, como por exemplo um edifício moderno ao lado de casarios do período colonial, ocorrência comum nas grandes capitais brasileiras. Exercendo forte atração sobre os homens, a valorização da paisagem depende em grande parte da cultura de cada povo, de suas experiências, pensamentos, sentimentos e interesses.

A paisagem se expressa através da forma: uma paisagem montanhosa com picos recobertos por neve, uma paisagem plana, rasgada por meandros de um rio, uma pequena praia circundada por coqueiros, um imenso vale recoberto por pinheiros, uma pequena vila de pescadores. São formas paisagísticas que mobilizam todos os sentidos do observador. Quando nos deparamos frente a um pôr-do-sol, uma praia paradisíaca, uma cachoeira encrostada na floresta, um casarão colonial, um castelo medieval ou percorrendo uma trilha na mata, mobilizamos todos os sentidos: a visão, a audição, o tato, o olfato, os mais diversos sentimentos - alegria, tristeza, medo, contentamento, solidão, saudades, nostalgia, desprendimento, solidariedade, revolta e muitos outros - que são por sua vez filtrados, selecionados e influenciados pelos aspectos cognitivos, ou seja, pelo nosso conhecimento,

valores e aporte cultural. Dessa interação percebemos e elaboramos uma imagem mental da paisagem observada. A partir dessa percepção paisagística o observador atribui significados aos objetos, avalia e julga esteticamente. Veja o que diz Yi-Fu Tuan, geógrafo da percepção:

“[...] os objetos e lugares são núcleos de valor. Atraem ou repelem em graus variados de muanças [...] Um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva [...] meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais”.

Em geral, o turista vai em busca do inusitado, de novas experiências e novos lugares. Estimulado pela publicidade, ele cria, fantasia e idealiza o cenário que será visitado e o “consome” como apaziguador de suas ansiedades.

Estudiosos do turismo afirmam que existem “qualidades visuais” e propriedades da paisagem que exercem forte atração sobre as pessoas. Neste sentido, são destacados os seguintes aspectos: a diversidade (segundo dicionário Aurélio significa: diferença, dissimilaridade, divergência, contradição, oposição). Ou seja, do ponto de vista do observador a paisagem é atrativa quando apresentar características diferentes do lugar de sua origem; a singularidade, entendida como a capacidade de ser peculiar, particular, específico, distinguindo-se de outros lugares já conhecidos; a superfície d’água, o mar, praias, lagos, represas, rios; a amplitude visual, a qualidade ou caráter daquilo que abrange grande extensão, como por

exemplo a paisagem de um vale, contemplada de um ponto mais elevado do terreno.

Esta classificação está centrada no sujeito observador da paisagem, cuja leitura ou maneira de percebê-la é marcada por valores, sentimentos, estoque cultural, fantasias e imaginação.

Embora levando em conta o caráter subjetivo desta classificação, é possível, a partir das características consideradas atrativas do ponto de vista turístico, elaborar uma matriz de avaliação dos recursos paisagísticos de uma determinada localidade. Para tanto, sugerimos um exercício avaliativo, atribuindo uma pontuação hierárquica. Assim, ao observar quatro imagens paisagísticas diferentes, atribui-se uma menção a cada uma das categorias descritas acima. Por exemplo, na categoria diversidade - Excelente, igual a três pontos, Bom, igual a dois pontos, Regular, igual a um ponto e Péssimo, igual a zero. A somatória dos pontos indicará a paisagem com maior grau de atratividade.

OS ELEMENTOS DO ESPAÇO TURÍSTICO

A análise do espaço tornado turístico requer o reconhecimento e identificação de três territórios:

1 - território de origem da demanda ou áreas emissoras de fluxo;

2 - território do deslocamento dos fluxos, envolvendo principalmente os sistemas de transportes ferroviários, rodovias, hidrovias, estações rodoviárias e ferroviárias, portos e aeroportos. Os sistemas de comunicação ligando as áreas emissoras às áreas receptoras; como também a estrutura de apoio ao turista, como hotéis e motéis de percurso;

3 - território da demanda ou áreas receptoras, local da concentração da estrutura receptiva.

Vamos centrar nossa análise no território da demanda, caracterizando o lugar onde se concentra toda a estrutura receptiva ao turista. É neste território que se produz o espaço turístico ou remodela-se o espaço anteriormente produzido.

Há que se considerar espaço geográfico um sistema complexo de relações, ações e objetos que envolve múltiplas dimensões e não somente aquela ligada direta e indiretamente ao turismo. No entanto, a título de esquema analítico pode-se identificar os seguintes elementos de composição de um destino turístico:

⌋ demanda, ou seja, a quantidade total de pessoas que visita uma localidade;

⌋ serviços, transportes, infra-estrutura básica;

⌋ promoção e comercialização;

⌋ sistema de informação;

⌋ meio ecológico/recursos naturais e criados;

⌋ transporte de acesso.

Tais elementos, em interação, ganham expressão e são perfeitamente identificados no território. Esta abordagem parte de uma visão tradicional da geografia, preocupada em identificar e descrever as características do território analisado. Visa realizar um mapeamento e inventário da vocação turística do lugar.

Atualmente, com a explosão do fenômeno, podemos reconhecer espaços com vocação turística, como é o caso dos parques nacionais e espaços produzidos (planejados) intencionalmente para o turismo, com a implementação estratégica de equipamentos e estrutura, com recursos privados e estatais, como por exemplo o balneário de Cancún, no México.

O espaço, no dizer de Milton Santos, é um sistema complexo, resultado de múltiplas e indissociáveis interações de sujeitos e objetos concretos. Dessa rede de relações imbricadas e históricas de pessoas e coisas/objetos resulta a paisagem (forma) - aspecto visível e material do espaço. Esta categoria, paisagem, analisada anteriormente, é de grande importância na interpretação do espaço turístico. Para tornar mais claro o que acabamos de explicar, pense por exemplo na rede de relações e ações necessárias para a construção do complexo turístico de Cancún: desde a população residente, o operário da construção civil, engenheiros, arquitetos e planejadores, passando pelo sistema financeiro, grandes empresas locais

e globais, gestores públicos etc... Ao mesmo tempo, imagine a intervenção dessas ações (locais e globais) sobre a base física da península mexicana. Todo esse conjunto diverso de ações e objetos altera as formas de uso do território produzindo uma nova configuração socioespacial, uma totalidade social. Todo esse esforço e trabalho é empreendido para produzir um resultado, tendo portanto uma intenção e finalidade. Logo, todo espaço geográfico tem uma função.

O espaço turístico tem também uma realidade funcional que se expressa a partir dos seguintes elementos: a oferta, a demanda, o transporte, a infra-estrutura, os serviços, a gestão e *marketing*. A análise desses elementos é extremamente importante no planejamento do turismo e no estudo da adequação entre oferta e demanda turística e a infra-estrutura necessária e a disponível. Contudo, faz-se preciso analisar também o impacto dessa atividade nas áreas receptoras. Assim alerta Adyr Balastrieri Rodrigues, 1997:49:

"[...] Dá-se grande ênfase aos dados estatístico que relacionam oferta e demanda, procurando sua adequação; tempo de permanência; tempo de deslocamento; rede de circulação interna e externa; ampliação de serviços; densidade de ocupação, dentre outros.

Seria de grande interesse, e já aparecem trabalhos neste sentido, investigar o impacto do turismo nas comunidades locais, ou seja, a relação que se estabelece entre a população fixa e a flutuante. Também relevante é avaliar o custo social das obras e da manutenção dos serviços públicos nos núcleos turísticos, o que vem onerar sobremaneira a população local".

Outro aspecto a ser considerado na análise dos elementos de composição do espaço turístico é o ritmo de implantação da infra-

estrutura local, equipamentos e atrativos. O dinamismo desses empreendimentos parece estar ligado a um ciclo da evolução das destinações turísticas. Este ciclo compreende as fases: investimento, exploração, desenvolvimento, consolidação, estagnação e declínio ou rejuvenescimento (Ruschmann:1997,103). Em geral, grande parte das destinações turísticas são ditadas pela moda e pela mídia, levando a uma saturação e deterioração muito rápida dos recursos e atrativos antes valorizados. Temos no Brasil inúmeros exemplos ilustrativos desse processo de desvalorização e decadência do espaço turístico.

A geografia do turismo: novas abordagens e métodos

As reflexões acerca do espaço do turismo no campo da Geografia vêm ganhando novas abordagens e métodos. As categorias de análise do Prof. Milton Santos têm inspirado vários pesquisadores do turismo, dentre eles a Prof. Adyr Balastrieri Rodrigues. Para ela, os elementos do espaço: *homens, firmas, instituições, infra-estrutura e meio ecológico*, tal como é proposto pelo professor, constituem-se referencial teórico para a abordagem do espaço turístico. Assim, resumidamente, passamos a apresentar suas considerações:

1 - Os homens (homens e mulheres), correspondem, no turismo, à demanda turística, à população local residente, e às pessoas ligadas às firmas e instituições.

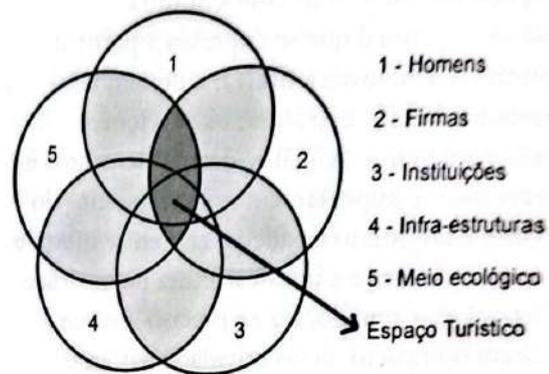
2 - As firmas correspondem aos serviços de hospedagem, alimentação, às agências e operadoras de viagem, às companhias aéreas e de outras modalidades de transporte, aos sistemas de promoção e comercialização de toda natureza, às empresas de *marketing* e publicidade;

3 - As instituições correspondem à supra-estrutura. São elas que produzem as normas, ordens e ações racionais e pragmáticas, ditadas pelas forças hegemônicas que modelam e remodelam os espaços. A OMT – Organização Mundial do Turismo – constitui-se num exemplo, no âmbito mundial, a EMBRATUR, num exemplo nacional.

4 - As infra-estruturas são importantes elementos do espaço do turismo. Além da infra-estrutura de acesso, representada pela rede de transportes e de comunicação, costuma-se, nos trabalhos de diagnóstico turístico, inventariar a infra-estrutura urbana, tais como rede de água, de energia, de abastecimento, de saneamento básico, de coleta de lixo e de esgoto. Pode-se também incluir os itens relacionados à segurança, comunicação e saúde.

5 - O meio ecológico corresponde à base física do território, sobre a qual se materializa o trabalho humano.

A figura abaixo ilustra a maneira pela qual os elementos agem e interagem reciprocamente.



ELEMENTOS DO ESPAÇO SEGUNDO MILTON SANTOS
Organizado por Adyr Balastrieri Rodrigues, 1996
In: *Turismo e Espaço*, pg.65

Avaliação da demanda turística

Demanda turística significa a quantidade de turistas que freqüentam uma determinada área. Nos tempos atuais a demanda tem apresentado uma tendência crescente, caracterizando o fenômeno turístico contemporâneo. Sua avaliação constitui-se em um importante instrumento de planejamento turístico nas áreas receptoras, pois permite:

- 1 - conhecer a estrutura da população turística de uma determinada localidade, seu perfil sócio-econômico, sua evolução e tendências futuras;
- 2 - verificar sua correlação com a oferta;
- 3 - verificar a dimensão atual e as projeções para o futuro;
- 4 - verificar o potencial ou o volume de pessoas que poderiam visitar o local, sanados os problemas impeditivos, tais como: dificuldade de acesso, inexistência ou deficiência de meios de hospedagem e alimentação, etc;
- 5 - verificar se o poder aquisitivo da demanda é compatível com os custos da oferta;
- 6 - verificar se há falta de publicidade e desconhecimento do consumidor em relação à área receptiva;
- 7 - verificar o grau de satisfação do turista em relação à estrutura receptiva e serviços utilizados.

Para a identificação do perfil da demanda utilizam-se técnicas de entrevistas com o turista por ocasião da sua permanência na localidade e também através da aplicação de questionário nos hotéis, pousadas, rodoviárias, aeroportos, pontos turísticos da localidade e outros.

Como instrumento de pesquisa para a caracterização da demanda sugerimos o seguinte questionário:

- 1 - origem
- 2 - idade
- 3 - estado civil
- 4 - profissão

5 - renda (nível de renda familiar ou individual)

6 - religião

7 - nível de escolaridade

8 - tamanho da família

9 - hábitos de viagem (época, tempo de permanência, grupo ou individual)

10 - preferências, motivação: lazer, eventos, saúde, negócios, etc.

11 - meio de influência (rádio, propaganda, amigos, TV)

12 - tipo de transporte utilizado e distância percorrida

13 - duração da viagem (dias)

14 - despesas de viagem

15 - avaliação dos atrativos do lugar: pontos fortes e fracos

16 - críticas à infra-estrutura.

A avaliação destes dados permitirá apreciar o nível de satisfação da demanda. É preciso considerar que as motivações das viagens realizadas pelos turistas são diversas e portanto as expectativas e exigências a elas estão relacionadas. Em geral, as motivações da demanda turística estão relacionadas a:

↳ mudanças de ambiente, encontro com um tipo de vida diferente que permita a recuperação das energias perdidas;

↳ contato com o próximo e com a natureza;

↳ vivência com pessoas cujos modos de vida são considerados simples, em oposição aos padrões comportamentais;

↳ contato com um lugar não massificado, diferenciado, bucólico, tranquilo, sem ruídos, algo considerado natural.

A avaliação quantitativa e qualitativa da demanda apresenta dificuldades de diversas ordens. Muitos são os fatores que influenciam o fluxo para um destino turístico. Em geral ela está sujeita:

(à suscetibilidade às grandes crises econômicas;

(à política dos centros receptores que apresentam incentivo ou restrições governamentais;

(à situação econômica dos centros emissores;

(à variação das taxas de câmbio;

(à política ou aos preços na área receptora.

(à campanhas de promoção.

AVALIAÇÃO E INVENTÁRIO DO ESPAÇO TURÍSTICO

Os atrativos de uma área receptiva constituem a base para o planejamento turístico. A avaliação e inventário desses atrativos fornecem subsídios para os projetos e o desenvolvimento da infra-estrutura turística e atrações a serem implantadas nas localidades receptoras. Para a realização de uma avaliação criteriosa, deve-se observar os aspectos ligados a equipamentos, atrações naturais, atrações históricas e culturais e realizações técnicas e científicas.

O QUE DEVE SER INVENTARIADO NO ESPAÇO TURÍSTICO?

Quanto aos equipamentos

- Meios de hospedagem: hotel, hotel-residência, hotel de lazer, pousada, motel, hospedaria, albergue da juventude, *camping*;
- Serviços de alimentação e bebidas: bares, restaurantes;
- Serviços de entretenimento e diversões: parques de diversão, cinemas, teatros, casa noturnas, clubes, bingos, parques temáticos e outros;
- Serviços de agenciamento: agências de viagem e turismo, transportadoras turísticas, outros;
- Eventos: centros de convenção e exposições, empresas organizadoras de eventos, locadoras de equipamentos, outros;
- Locadoras de veículos;
- Outros serviços: posto de informação turística, sinalização;
- Serviços de infra-estrutura básica:

limpeza pública, energia elétrica, segurança, transporte, saúde.

Quanto às atrações naturais

- Clima: classificação climática, temperaturas: mínima e máxima; média anual, pluviosidade, umidade relativa, insolação, ventos (direção e velocidade);
- Vegetação: classificação fitogeográfica, nível de preservação;
- Fauna silvestre: espécie comum, em extinção, raras e espécies perigosas;
- Montanha: picos, cumes, serras, montes, morros, colinas;
- Planaltos e planícies: chapadas, tabuleiros, patamares, pedras tabulares, vales, rochedos;
- Costas ou litoral: praias, restingas, mangues, baías, enseadas, sacos, cabos e pontas, falésias, dunas;
- Terras insulares: ilhas, arquipélagos, recifes, atol;
- Hidrografia: rios, lagos, lagoas, praias fluviais e lacustres, cachoeiras;
- Pântanos, quedas d'água, fontes hidrominerais e termas;
- Parques e reservas da fauna e da flora: nacional, estadual, municipal;
- Grutas, cavernas, fumas, trilhas;
- Áreas de caça e pesca;
- Qualidade visual da paisagem: singularidade, diversidade, superfície d'água, amplitude;
- Intrusões visuais: áreas com aspectos

destrutivos em desarmonia com a paisagem, tais como áreas devastadas, desmatadas, escavações em áreas de exploração mineral, poluição, rios poluídos e degradados, edificações degradadas, lixões e esgoto expostos, etc.

Quanto às atrações históricas e culturais, realizações técnicas e científicas e eventos

⌋ Monumentos: arquitetura civil, religiosa e funerária, industrial e agrícola (fazendas), militar; ruínas, escultura, pintura, outros legados;

⌋ Sítios: históricos e científicos;

⌋ Instituições culturais de estudo, de pesquisa e de lazer: museus, bibliotecas, arquivos, institutos históricos e geográficos;

⌋ Festas: religiosas, populares e folclóricas, cívicas, procissões;

⌋ Gastronomia típica: salgados, doces, frutas, sucos e bebidas;

⌋ Produção artesanal;

⌋ Feiras e mercados;

⌋ Exploração: mineral, agrícola e pastoril, industrial;

⌋ Obras de arte e técnica: usinas, barragens, eclusas, pontes;

⌋ Centros científicos: zoológicos, jardins botânicos e hortos, planetário, outros;

⌋ Congressos e convenções, feiras e exposições, local para *show* ao ar livre;

⌋ Eventos: desportivos, artísticos e culturais, sociais e assistenciais, gastronômicos e de produtos, outros.

A realização do inventário dos atrativos turísticos de uma localidade requer trabalho de pesquisa em várias fontes de investigação: órgãos públicos e privados, estudos e pesquisas já realizadas sobre a localidade, publicações turísticas tais como guias turísticos, *folders*, folhetos, manuais de viagem, revistas e suplementos, trabalho de campo e entrevistas com população residente.

LEITURA COMPLEMENTAR

Os meios ambientes de atração permanente

“As pessoas sonham com lugares ideais. Três ambientes naturais têm, em diferentes tempos e lugares, atraído fortemente a imaginação humana: a praia, o vale e a ilha.

A praia

Não é difícil entender a atração que exercem as orlas marítimas sobre os seres humanos. Para começar, sua forma tem dupla atração: por um lado, as reentrâncias das praias e dos vales sugerem segurança, por outro lado, o horizonte aberto para o mar sugere aventura. Além disso, o corpo humano, que normalmente desfruta apenas do ar e da terra, entra em contato com a água e a areia [...] A praia é também banhada pelo brilho direto e refletido da luz do sol, porém a areia cede à pressão; penetrando entre os dedos do pé a água recebe e ampara o corpo [...]

Nas eras do paleolítico inferior e médio, as praias marinhas ou lacustres abrigadas talvez tenham sido das primeiras moradas da humanidade na África. Nenhum outro ambiente é tão atrativo para o aparecimento do homem. O mar, especialmente a parte da praia que sofre a maré, apresentou a melhor oportunidade para comer, fixar, reproduzir e aprender. Permitiu provisões abundantes e diversas, contínuas e inesgotáveis. Foi um convite para o desenvolvimento das habilidades manuais [...]

No passado pré-histórico, a

evidência de sambaquis sugere que as praias marinhas e lacustres foram muitas vezes capazes de suportar densidades populacionais maiores que as das terras interiores, onde as pessoas viviam da caça e da coleta. Durante o último século, as praias tomaram-se muito populares[...] O crescimento rápido dos balneários, principalmente a partir de 1850, deu-se graças à construção das ferrovias. Os fluxos para o mar... foram um fenômeno pós-Segunda Guerra Mundial e refletem a crescente afluência das classes médias e o rápido aumento do uso do automóvel. Apesar do banho de mar aparecer no final do século XVIII, foi muito mais tarde que se tornou popular.

O vale

O vale ou bacia fluvial de tamanho modesto atrai os seres humanos por razões óbvias. Ele promete uma subsistência fácil por ser um nicho ecológico altamente diversificado: há uma grande variedade de alimentos nos rios, nas planícies de inundação e nas encostas do vale.

O ser humano depende muito do acesso fácil à água: não dispõe de mecanismos para retê-la por longos períodos, em seu organismo. O vale acumula água em seus cursos, em poças e em fontes. Se o curso de água é suficientemente grande, também serve como um meio de comunicação natural [...]

As amplas planícies pantanosas sujeitas a violentas inundações foram evitadas como lugar de fixação e sempre que possível, os povoados apareceram nos terraços

secos e no sopé das vertentes do vale. Foi nos vales e nas bacias de tamanho médio que a humanidade deu os primeiros passos para a agricultura e para a vida sedentária em vilas comunitárias[...]

O vale é identificado simbolicamente com útero e com refúgio. A sua concavidade protege e nutre a vida [...]

A ilha

A ilha parece ter um lugar especial na imaginação do homem. Ao contrário da floresta tropical ou da praia, ela não pode reivindicar abundância ecológica nem – como meio ambiente – teve uma grande significância na evolução do homem. A sua importância reside no reino da imaginação. No mundo, muitas das cosmogonias começam com o caos aquático: quando a terra emerge, necessariamente é uma ilha [...] em inúmeras lendas a ilha aparece como a residência dos mortos ou dos imortais. Além de tudo, ela simboliza um estado de inocência religiosa e de beatitude, isolado dos infortúnios do continente pelo mar [...]

(Na atualidade) elas adquiriram outro significado, local de fuga temporária [...] lugar para onde escapar das pressões do cotidiano.”

TUAN, Yi-fu. *Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980, p. 131/137.

LEITURA COMPLEMENTAR

TURISTAS BUSCAM SEXO COM MENORES***País virou alternativa para estrangeiros depois que o Sudeste Asiático passou a combater a prática***

“Grupos de ativistas que lutam pelos direitos de crianças na Costa Rica estão denunciando o turismo sexual que envolve menores no país, praticado principalmente por norte-americanos.

Para os ativistas, a América Central virou uma opção para esse tipo de turismo depois que países do Sudeste Asiático, como a Tailândia e as Filipinas, tomaram medidas para combatê-lo. O problema é mais acentuado na Costa Rica por causa do elevado número de turistas que o país recebe todos os anos, segundo Bruce Harris, diretor da Casa Alianza, uma organização privada que trabalha com menores de idade.

Com um índice de pobreza de 27%, a Costa Rica é um terreno fértil para o comércio sexual. Além disso, até há pouco tempo, pagar um menor para obter favores sexuais não era considerado crime. Uma lei condenando essa prática foi aprovada em junho, mas os ativistas têm dúvidas se o governo está realmente comprometido em combatê-la. Em janeiro, dois norte-americanos foram presos no país com 300 fotografias de meninas com idade entre 11 e 16 anos.

Os dois pagaram US\$ 1.000 de fiança e acredita-se que depois deixaram o país. Uma unidade policial especializada em delitos que envolvem sexo teve seu efetivo ampliado de dois para oito agentes, mas não dispõe de recursos suficientes para combater as vastas redes de hotéis, bares e salas de massagem, além de taxistas, envolvidos no comércio erótico.”

Reportagem da Folha de S. Paulo, 13/12/99. Caderno Turismo.

FERNANDO DE NORONHA:
controle do turismo em um cenário belíssimo

“O Parque Nacional de Fernando de Noronha, um dos lugares mais bonitos e bem preservados da costa brasileira, é um exemplo de como conciliar o turismo com a proteção da natureza. Fernando de Noronha é uma pequena ilha, uma reserva natural cujos habitantes precisam receber tudo do continente. Suas regras não se aplicam, portanto, aos outros milhares de praias brasileiras. Mas o caso de Fernando de Noronha é interessante pelo sucesso obtido em sua preservação. Ali vivem apenas 2.100 moradores. A visitação turística é controlada: só entram 418 pessoas de cada vez. Cada uma tem de pagar uma taxa de permanência que é revertida em favor da preservação do meio ambiente. Essa taxa aumenta progressivamente, conforme os dias de hospedagem na ilha, de modo a desestimular permanências prolongadas. Para fixar residência em Fernando de Noronha, só casando de papel passado com algum nativo. Carro novo entra apenas se o velho sair primeiro, para a

frota não crescer. A pesca é permitida em escala mínima e para suprimento familiar.

O resultado é que Fernando de Noronha atraiu para suas imediações um rico zoológico marinho, que hoje funciona como o principal atrativo turístico na região. As tartarugas gigantes nadam ao lado dos banhistas. De tão habituados à presença humana, cardumes de golfinhos rotadores parecem animais domésticos. Nem os tubarões amedrontam. Ali se encontram espécies raras, como a arraia-chita, e muitas lagostas, esponjas e corais. A exibição dessas espécies marinhas em seu habitat, em meio a uma paisagem praticamente intocada, produz cenas que enchem os olhos dos turistas estrangeiros. Não é à toa que o arquipélago brasileiro tem sido apontado em diversas publicações internacionais como um dos mais espetaculares destinos turísticos do planeta. Fernando de Noronha é uma prova de que, apesar da ocupação desordenada da costa, ainda há recantos no litoral brasileiro que servem de modelo de preservação ambiental.”

Revista Veja/1999

MUTIRÃO CONTRA O LIXO

“As melhores experiências de preservação acontecem quando as comunidades locais estão envolvidas”, afirma o antropólogo Antonio Carlos Diegues, do Núcleo de Estudos de Populações de Áreas Úmidas da Universidade de São Paulo (USP). Em 1998, o Ibama teve 70 milhões de reais para gastar em todas as suas unidades de conservação. Como os recursos são poucos, a colaboração dos moradores de áreas protegidas acaba sendo decisiva. Em Marujá, pequena vila de 150 pescadores na Ilha do Cardoso, onde se hospeda a maior parte dos turistas que visita a área, todas as decisões a respeito do turismo e da ocupação no local são tomadas em reuniões entre os moradores, a direção do parque e ONGs ambientais. O impacto provocado pela chegada dos turistas no verão é reduzido por mutirões da população local para recolher o lixo na praia.

Poucas coisas orgulham tanto os brasileiros quanto a beleza de seu litoral. Da Praia do Cassino, a maior do mundo, com 212 quilômetros, no extremo sul do país, aos manguezais do Amapá, são 8.500 quilômetros de praias de águas mornas ou geladas, dunas de até 50 metros de altura, recifes de corais, lagoas e costões rochosos esculpidos pelo mar. É a costa brasileira que fornece ingrediente à moqueca e diz-se que a moda neste verão é biquíni com miçangas e tatuagem temporária de hena. A proximidade do mar é tão intrínseca ao Brasil que, dizem os antropólogos, ajudou a moldar a personalidade de seu povo. Algumas das 2.045 praias brasileiras, como Ipanema ou Itapoã, são famosas no mundo todo. Se um dia o Brasil passar a receber turistas estrangeiros em quantidade proporcional à dos países do Primeiro Mundo, será por mérito de seu litoral. Portanto, é hora de começar a cuidar dele com maior cuidado. Até por interesse comercial.”

Revista Veja/1999



TURISMO E REPRESENTAÇÕES

NOÇÕES DE CARTOGRAFIA

A atividade turística tem como característica básica o deslocamento de pessoas no tempo e no espaço. Este último – espaço – constitui-se numa categoria que, em Geografia do Turismo, nos interessa muito de perto. Deslocamento sugere que haja dois pontos: o de saída e o de chegada. Este percurso (que pode ser feito através de inúmeros meios de locomoção) e o trajeto percorrido (que pode ser próximo ou distante), podem ser cartografados, isto é, representados em mapas. Podemos usar um mapa para traçarmos o roteiro antes da partida, durante a viagem, para certificarmos de que o caminho é aquele mesmo, ou, ainda, se a viagem for meio acidental, podemos olhar o mapa no final, para observarmos o trajeto percorrido.

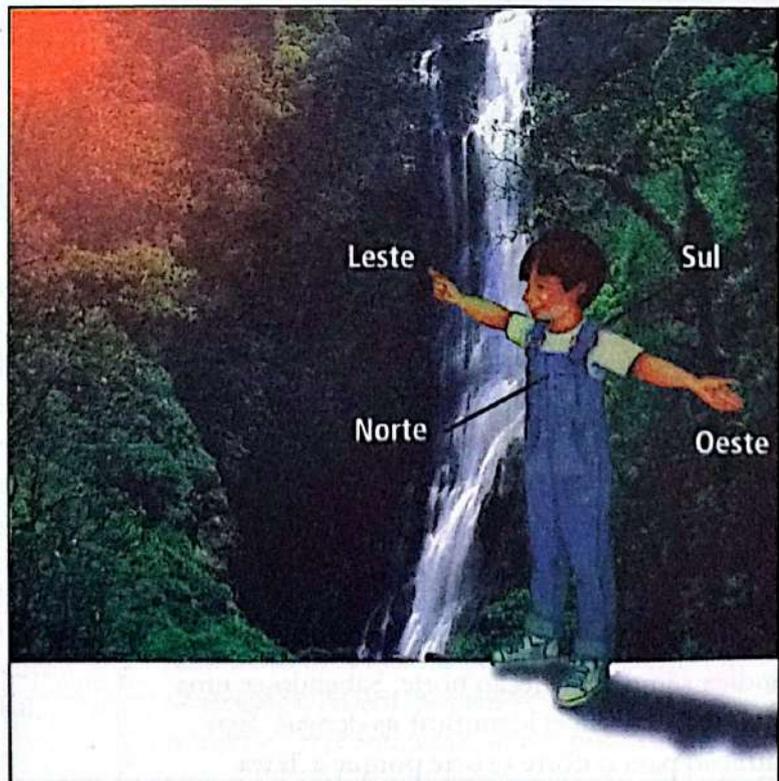
Isto nos leva a concluir que os mapas são meios de informação largamente utilizados nas viagens de qualquer natureza. Deslocamento sugere direção e direção necessita de localização. Quando nos deslocamos de um lugar a outro estamos tomando um rumo e para termos segurança, é preciso que nos orientemos. Ao longo da história, o homem sempre buscou pontos de referência para se orientar. O mapa é um deles. Antes do mapa os povos antigos já usavam o Sol, a Lua, algumas estrelas e constelações, entre outros. Além das referências naturais, criaram instrumentos como a rosa-dos-ventos e a bússola. Mais recentemente, com o avanço do sistema de comunicação, foi criado o GPS.

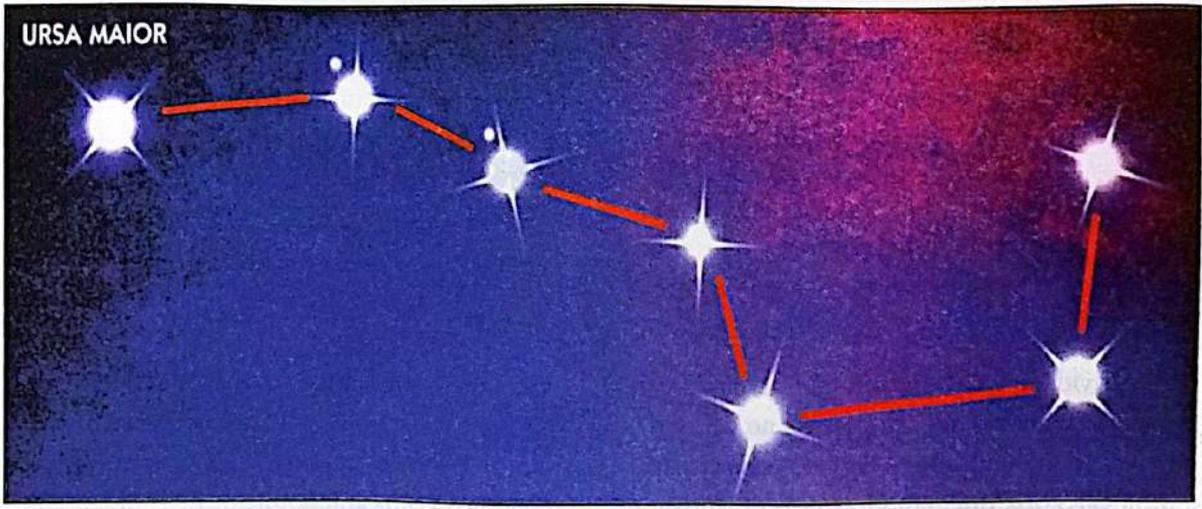
Neste capítulo, apresentamos uma

breve revisão das noções básicas de orientação e tratamos um pouco da Cartografia aplicada ao Turismo. Para tanto, necessitamos relembrar conceitos vistos anteriormente de coordenadas geográficas, fusos horários e escala.

Os meios mais usuais de orientação

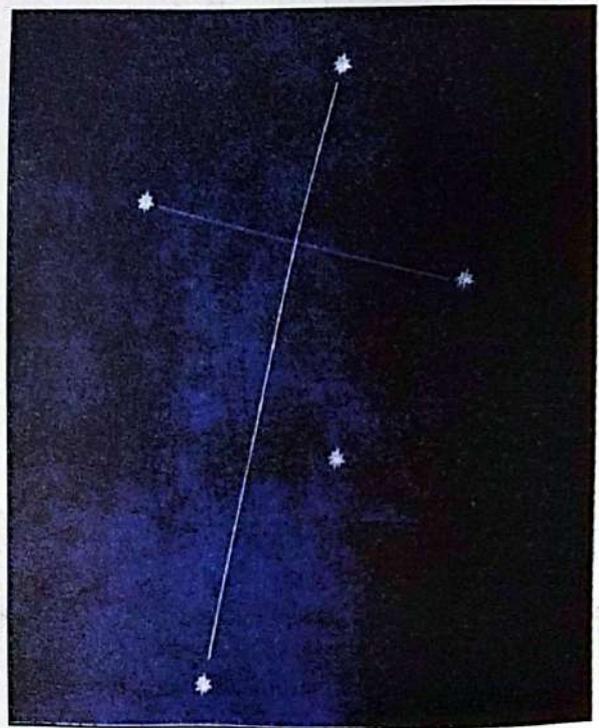
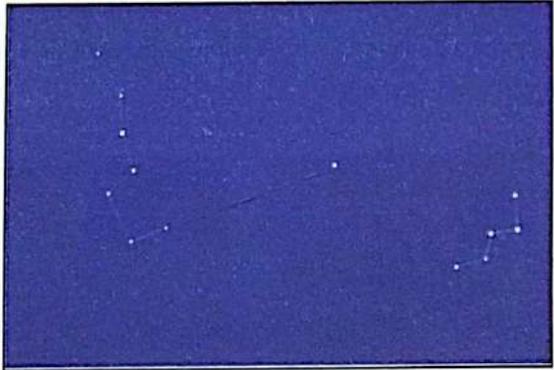
O **Sol**, provavelmente, tenha sido o primeiro meio de orientação usado pelo homem. Sabendo que ele surge no leste, todas as manhãs, convencionou-se estender o braço direito para a sua direção. Assim, para o ponto representado pelo Sol, deu-se o nome de **leste** e ao ponto do lado oposto, chamou-se **oeste**. À frente, tem-se o **norte** e atrás, o **sul**.





Outro recurso bastante utilizado é a lua. Apesar de só poder ser observada durante a noite e em algumas de suas fases, é um recurso fácil, pois segue o mesmo trajeto do Sol: nasce no leste e se esconde no oeste.

A constelação do Cruzeiro do Sul, no hemisfério Sul, e a estrela Polar, no hemisfério Norte, também são astros bastante utilizados para orientação, principalmente de navegadores.



Nem sempre se pode dispor dos meios naturais de orientação: um dia nublado, uma noite escura, entre outras manifestações da natureza, dificultam ou impossibilitam a utilização dos astros como meios de orientação. Por isso, desde o século X, os chineses criaram um invento que, mais tarde, resultou na bússola, um meio mais seguro para se orientar.

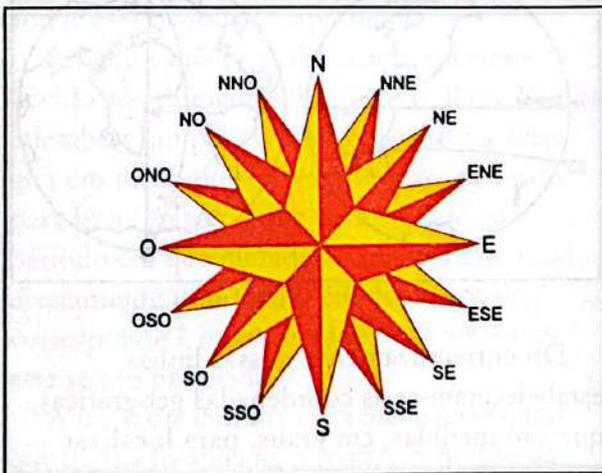
Parecida com um relógio de apenas um ponteiro (uma agulha imantada), a bússola indica sempre a direção norte. Sabendo-se uma direção, é possível identificar as demais. Esta atração para o norte ocorre porque a Terra

possui, nas proximidades do Pólo Norte, um *pólo magnético*, que atrai a agulha imantada da bússola. A distância entre o *pólo magnético* e o *pólo geográfico* é de cerca de 1.400 km havendo, portanto, uma ligeira diferença entre o norte apontado pela bússola e o norte real. Esta diferença é quase desapercibida nas áreas distantes do Pólo Norte, mas é significativa para as regiões próximas a ele.

As relações topológicas elementares

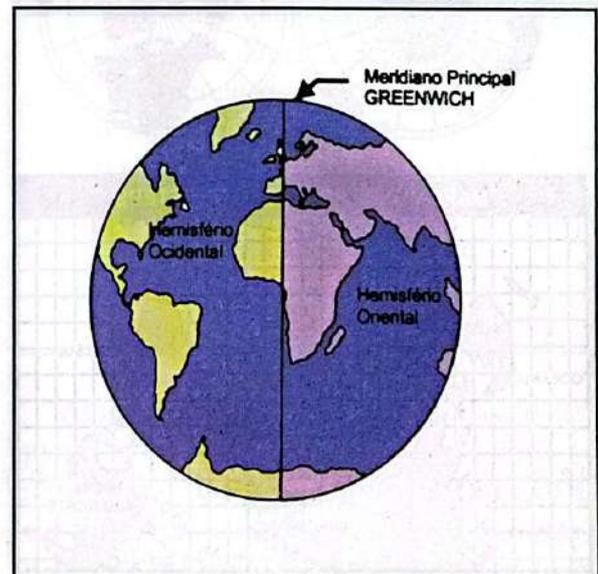
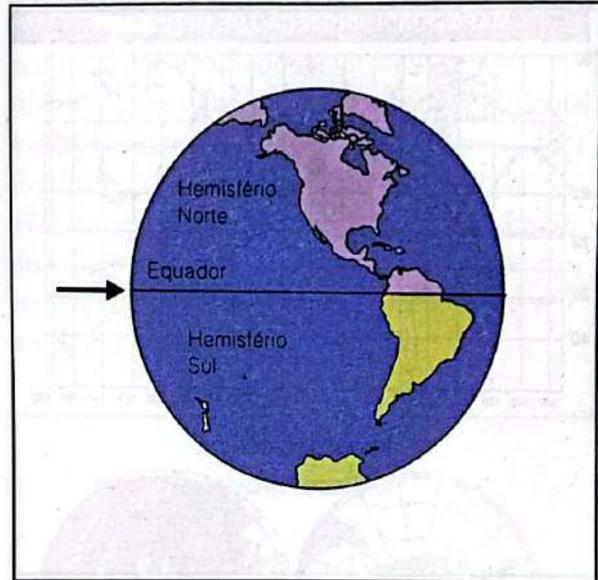
Cada coisa e cada lugar ocupa um espaço. A dificuldade está em localizá-los com precisão no Universo. Na superfície terrestre, porém, esta localização é possível.

Não sabemos os limites do Universo, por isso desconhecemos a localização da Terra em relação a ele. Para facilitar a localização na superfície terrestre, usam-se os conceitos de **em cima, embaixo, à esquerda e à direita**. No século XV, os europeus, sentindo grande necessidade de elaborar mapas para as navegações que se expandiam para além da Europa, convencionaram estes conceitos denominando-os **norte, sul, leste e oeste**. A esquematização destes quatro pontos resultou na rosa-dos-ventos, um recurso bastante utilizado para orientação.

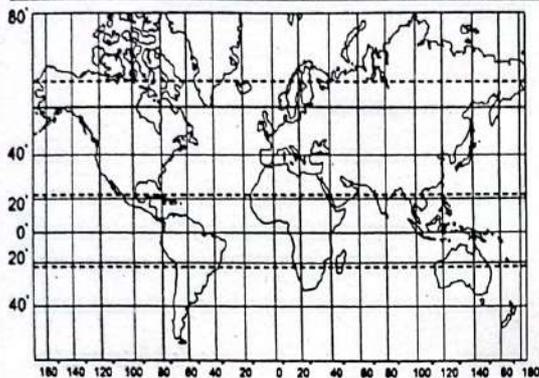
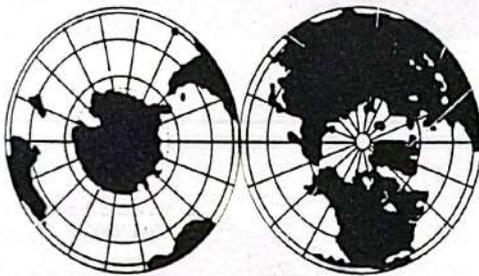
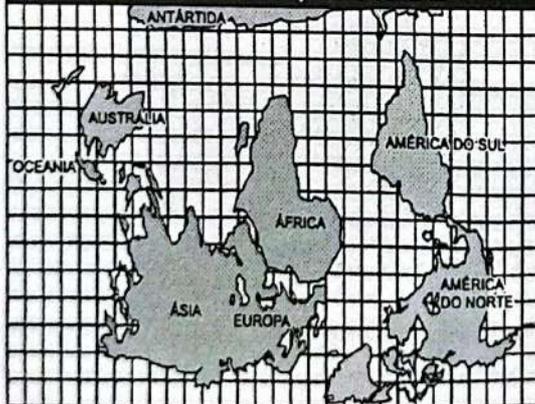


Faça a sua rosa-dos-ventos. Desenhe duas retas sobre um papel consistente (cartolina ou papel-cartão). Para facilitar o manuseio, plastifique o desenho antes de recortá-lo.

Aplicando-se estes conceitos no globo terrestre, temos os hemisférios: norte ou setentrional; sul ou meridional; leste ou oriental; oeste ou ocidental. Convencionou-se delimitar a porção mais larga da Terra, no sentido leste-oeste, com uma linha imaginária denominada Equador e no sentido norte-sul, com o Meridiano Principal. Assim temos:



Comumente, esta é a forma mais habitual de representar o globo terrestre. Ela foi elaborada no século XV, por Mercator, um cartógrafo holandês. A Europa ficou representada acima da África e das outras terras do chamado hemisfério sul e, por influência europeia, criou-se o hábito de se colocar o hemisfério Norte acima do Sul. Este hábito foi reforçado pelo fato de se usar, com freqüência, os mapas na posição vertical (pendurado numa parede). Este posicionamento, no entanto, não é uma verdade absoluta, pois a forma como se representa um fenômeno depende do ponto de referência do observador. Assim, podem-se criar outras formas de representação, como por exemplo:

MAPA MÚNDI: PROJEÇÃO DE MERCATOR

PROJEÇÃO CÔNICA

MAPA MÚNDI: PROJEÇÃO DE PETERS


Mesmo esta última representação, aparentemente invertida, está correta. É como se o observador tivesse se posicionado de ponta-cabeça em relação ao modo convencional de olhar e representar a Terra.

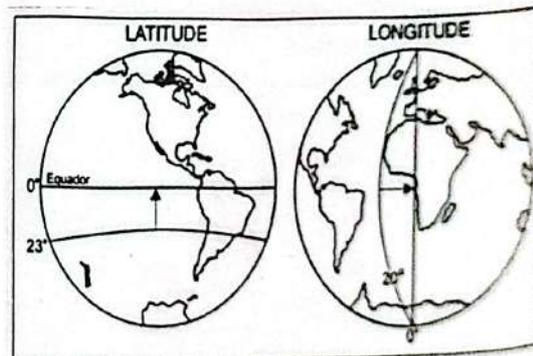
As coordenadas geográficas

Os meios de orientação nos dão um rumo, uma direção, mas não possibilitam uma localização exata e precisa. Um rumo depende sempre do lugar onde estamos. Por exemplo: A Bolívia e o Paraguai localizam-se a oeste do Brasil, enquanto o Uruguai localiza-se ao sul, esses países, no entanto, estão no hemisfério

Sul (com exceção do extremo norte do Brasil, que se localiza no hemisfério Norte). Como se percebe, estas localizações são muito genéricas.

Um avião pode ter sofrido uma pane e o piloto precisou fazer um pouso de emergência. Pelo rádio, ele comunica-se com a torre de algum aeroporto. Não basta dizer que está no hemisfério Norte ou Sul, neste ou naquele continente ou país, é preciso que indique com precisão o ponto em que se encontra para que o socorro possa chegar com mais rapidez. Neste caso, usamos as **coordenadas geográficas** para identificar a localização de um ponto.

As coordenadas geográficas baseiam-se em linhas imaginárias traçadas sobre o globo terrestre: os paralelos e os meridianos. Assim temos:



Do entrecruzamento dessas linhas estabeleceram-se as coordenadas geográficas, que são medidas, em graus, para localizar qualquer ponto na superfície terrestre. No ponto em que a linha da latitude cruza-se com a linha da longitude, temos uma coordenada geográfica.

Latitude é a distância medida em grau (0° a 90°) de um ponto qualquer da superfície terrestre em relação à linha do Equador. Ela só pode ser, portanto, norte ou sul.

Longitude é a distância medida em grau (0° a 180°) de um ponto qualquer da superfície terrestre em relação ao meridiano de Greenwich. Ela só pode ser, portanto, leste ou oeste.

OS FUSOS HORÁRIOS

Quando fazemos uma viagem de longo percurso, é comum atentarmos para o tempo que iremos demorar e o horário de chegada. Em função disso, definimos a hora da saída. Isto porque, além das questões funcionais de uma viagem, dependendo da localidade para onde vamos, há diferença de horário em relação à localidade em que estamos. Quando se programa a hora de chegada em um determinado lugar, é possível evitar vários aborrecimentos, como chegar de madrugada e não dispor de serviços de atendimento, por exemplo. É comum, também, durante a transmissão de competições esportivas internacionais, observarmos grande diferença de horário entre as localidades de origem das equipes e mesmo entre estas e a localidade aonde está ocorrendo a partida.

Sabemos que estas diferenças ocorrem devido aos diferentes horários da Terra. Vamos lembrar um pouco estes conceitos: a Terra gira em torno do seu próprio eixo, de oeste para leste. Assim, o dia corresponde ao período em que metade do planeta está sendo diretamente iluminado, enquanto a noite corresponde à outra metade onde a sombra está sendo projetada.

A luz solar ilumina cada hemisfério quase que na sua totalidade, porém, em função da esfericidade e da inclinação da Terra, há diferença na intensidade da luz entre a região equatorial (luz mais intensa) e as regiões polares (luz menos intensa). Este fato, no entanto, não altera o horário dos pontos localizados na mesma longitude, pois o Sol ilumina a Terra no sentido longitudinal.

Concluimos, portanto, que a longitude é um elemento importante para as diferenças de horário. Assim, o horário é alterado à medida que a Terra gira e o Sol vai iluminando suas áreas no sentido longitudinal, sendo que as horas são adiantadas a leste porque este hemisfério, por causa da direção do deslocamento, recebe a luz antes do hemisfério oeste.

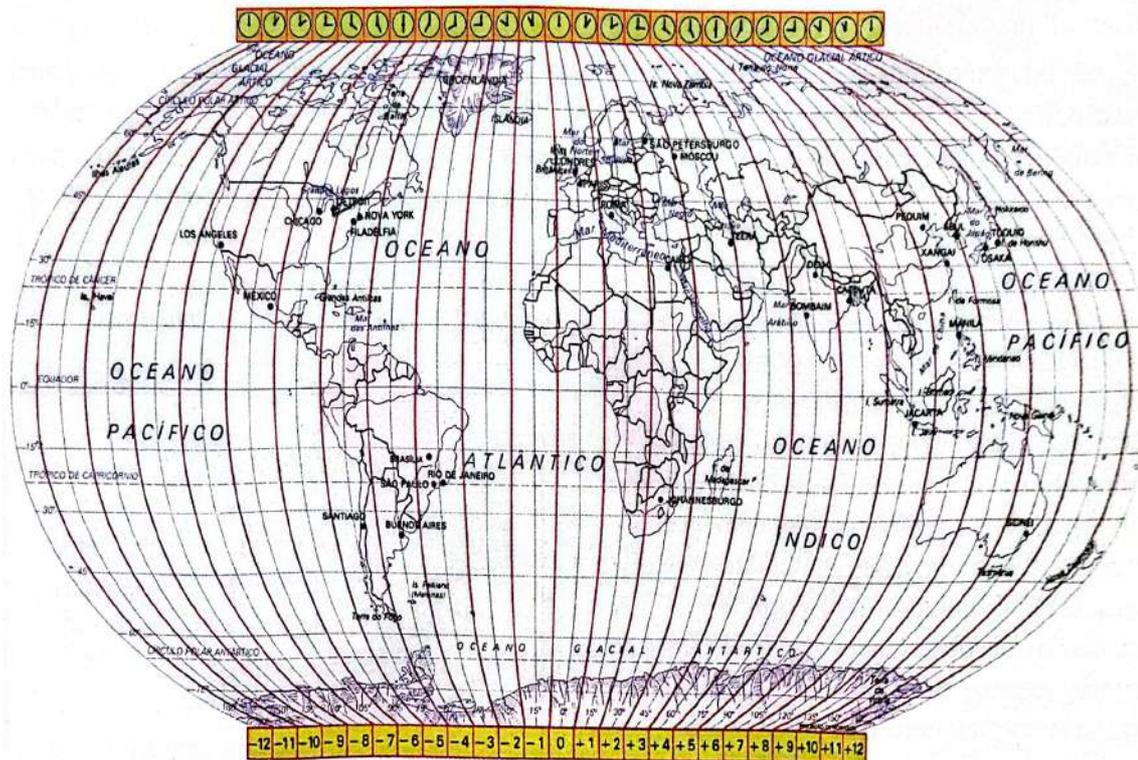
Para facilitar os cálculos, tomou-se como referência o meridiano de Greenwich para dividir os dois hemisférios: oriental e ocidental. O fuso horário inicial, então, fica ao redor deste meridiano. Assim, a partir deste fuso as horas vão aumentando de 15 em 15 graus, até chegar ao décimo segundo fuso; o mesmo ocorre no hemisfério oeste, sendo que neste as horas são atrasadas em relação a Greenwich.

Para entender melhor:

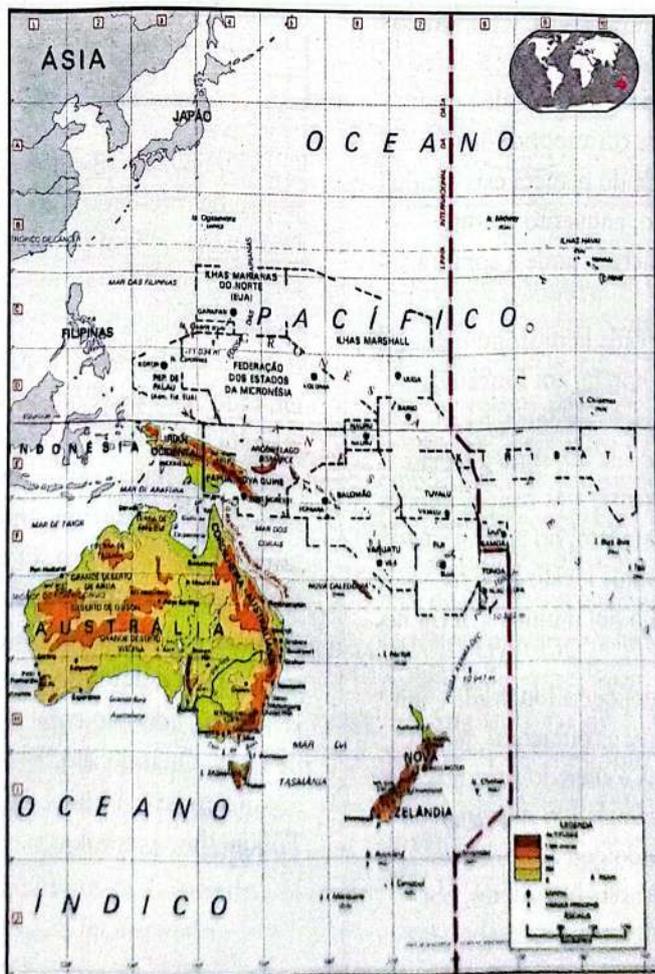
A circunferência terrestre possui 360°, sendo que o Sol demora 24 horas para iluminar. Sendo assim, serão iluminados 15° ou 15 meridianos por hora. Este intervalo corresponde a um fuso horário. Ou: $360^\circ \div 24 \text{ horas} = 15^\circ$ ou 15 meridianos ou 01 fuso horário.

As imediações de Londres são consideradas ponto de referência para o traçado da linha imaginária de GMT, que se estende por toda a circunferência terrestre e o horário de Londres é considerado o horário de referência para todo o mundo. Isto significa que todos os relógios, em todos os países, são acertados tendo como referência o horário londrino. Sendo os meridianos linhas semicirculares (de 180°), para cada um há o seu antimeridiano, isto é, um meridiano oposto. O antimeridiano de GMT, que passa pelo oceano Pacífico e em algumas de suas ilhas, foi considerado como marco para determinar a mudança de data, sendo considerado como Linha Internacional de Data. Quando são 15 horas do dia 5, em São Paulo, são 3 horas da manhã do dia 6, em Tóquio, por exemplo.

FUSOS HORÁRIOS



LINHA INTERNACIONAL DE DATA



Os fusos horários do Brasil

O Brasil é um país extenso. De leste para oeste (sentido longitudinal) tem, aproximadamente, 4.320 km. No oceano localizam-se algumas ilhas e a mais distante está a 1.100 km do litoral. Sendo assim, sua área territorial, mais a extensão das ilhas, corresponde a uma superfície de aproximadamente 60°, implicando, portanto, quatro fusos horários.

No primeiro, com duas horas atrasadas em relação a Londres e uma hora adiantada em relação a Brasília, localizam-se todas as ilhas oceânicas.

No segundo, com três horas atrasadas em relação a Londres e no mesmo fuso de Brasília, localizam-se a maior parte dos estados. Ele determina a hora oficial do país, que é a hora de Brasília.

O terceiro fuso, com quatro horas atrasadas em relação a Londres e uma hora atrasada em relação a Brasília, abrange os Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Roraima, Rondônia, a porção oeste do Pará e a maior parte do estado do Amazonas. Estes dois estados, devido à sua grande extensão longitudinal, foram "cortados" pelos fusos.

O quarto fuso, com cinco horas atrasadas em relação a Londres e duas horas atrasadas em relação a Brasília, abrange o extremo ocidente do Amazonas e o Estado do Acre.

Horário teórico e horário prático

Observe as linhas que demarcam os fusos horários. Por se tratarem de linhas imaginárias, deveriam ser contínuas, lineares (horário teórico). No entanto, seu traçado, em vários trechos, aparecem sinuosos, moldando-se às divisas dos estados ou países. Isto ocorre principalmente quando o fuso "corta" um pequeno estado ou país, como é o caso dos pequenos estados do Nordeste brasileiro. Para não provocar transtornos à população local, considera-se a divisa política como limite de

fuso horário, caracterizando o horário prático.

Os países com grande extensão longitudinal possuem mais de um fuso horário. Toma-se como referência de horário, tanto nacional como internacional, a hora da capital, sendo esta denominada hora legal.

FUSOS HORÁRIOS



Escala cartográfica

Os mapas, geralmente, são representações reduzidas de um fenômeno. Por isso, usamos a escala, que corresponde à proporção do tamanho real, isto é, quantas vezes o fenômeno foi reduzido ou ampliado para caber na folha de papel ou outro material utilizado para registrar a representação.

Vamos partir de um exercício prático: a representação da sala de aula no caderno. Por ser impossível esta representação em tamanho real, fazemos uma redução proporcional. Supondo que o tamanho da sala seja 8 metros de comprimento e 7 metros de largura, projetamos no papel um retângulo de 8 cm de comprimento por 7 cm de largura. Neste caso, o mapa é cem vezes menor que o tamanho real.

Isto é representado pela escala 1:100 (lê-se: um por cem). Para cada unidade do mapa – cm ou mm – existem na realidade cem unidades.

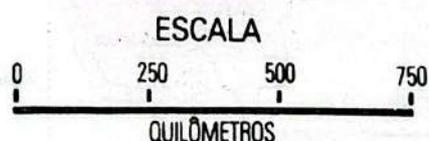
A escala, então, é uma proporção matemática, uma relação numérica entre o mapa e a realidade que ele representa.

Representação da escala

São duas as formas de representação de uma escala.

Escala gráfica - expressa diretamente os valores da realidade mapeada num gráfico de barras na horizontal. Ela dá uma idéia imediata das distâncias aproximadas entre os pontos cartografados.

Exemplo:

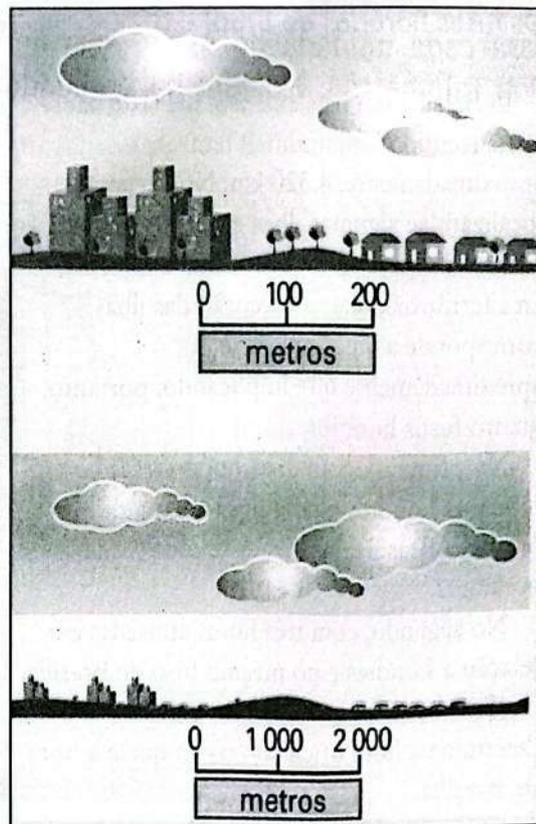


Escala numérica - expressa em números os valores da realidade mapeada. Por tratar-se de número grande, geralmente milhares ou milhões, é preciso transformá-los em quilômetro (km) ou metro (m), que são as medidas mais usadas quando se trabalha com distância.

Para superfícies pequenas, como um bairro, usa-se uma escala grande e para superfícies grandes, usa-se uma escala pequena.

*Exemplo: bairro: 1:20.000
Mapa-múndi - 1:310.000.000*

Quanto menor a área, maior a necessidade de detalhamento, o que somente as escalas grandes conseguem oferecer. Para que a superfície terrestre seja representada em tamanho tão pequeno, a escala considerou apenas o contorno dos continentes.



Os mapas - como interpretá-los?

Os mapas são meios de informação e eles têm grande importância na atividade turística. Interpretar é ler um mapa. Da mesma forma que precisamos nos alfabetizar para ler um texto escrito numa determinada língua, precisamos de uma espécie de alfabetização cartográfica para interpretar um mapa. Isto porque ele possui elementos específicos que o constituem: as linhas, os pontos e as áreas. Para "explicar" os fenômenos que se quer representar utilizamos cores, símbolos, pontos, linhas e algumas poucas palavras (geralmente títulos e nomes). Por ser uma linguagem codificada, usamos a legenda para explicar as informações cartografadas.

Conhecidos desde a antiguidade e elaborados de diferentes formas, confeccionados com diferentes técnicas e materiais, hoje podemos dispor de mapas sofisticados e complexos. Entre os vários tipos de mapas, os mais conhecidos e utilizados são:

↳ mapa físico ou hipsométrico: retrata o relevo e as altitudes de um território;

↳ mapa político: mostra a divisão de um continente em países, a divisão dos países em estados, as principais cidades, entre outras informações do gênero;

↳ mapas climáticos, de vegetação, de solo, de vias de circulação, de transportes, demográficos, entre tantos outros temas.

Todos os mapas que tratam de um tema são chamados mapas temáticos. Os mapas turísticos podem ser considerados como mapas temáticos.

CARTOGRAFIA APLICADA AO TURISMO

Imagine-se numa cidade onde você chega pela primeira vez. Por alguns motivos a viagem atrasou-se algumas horas e, apesar da expectativa, você e sua família ou você e seus amigos estão cansados, com vontade de chegar logo à pousada, tomar um banho e fazer uma boa refeição.

A cidade é pequena, mas as informações turísticas são precárias, dificultando a sua orientação. Precavido, você levou um mapa turístico num fôlder que a agência de turismo lhe forneceu. Esta é, também, a primeira vez que você abriu o *folder* porque ele traz informações específicas daquela localidade.

Ao observar o mapa, porém, uma grande decepção: trata-se de um mapa estilizado, cheio de desenhos coloridos e informações confusas, que não resolvem o seu problema. O jeito é perguntar para alguém que esteja passando na rua, mas é noite e está chovendo. E agora, o que fazer? A primeira sensação é a de que você foi vítima de uma propaganda enganosa e que os atrativos turísticos daquela localidade não correspondem ao que foi colocado no papel.

Esta situação desagradável acontece com muitos turistas, principalmente com aqueles que viajam de automóvel particular. Para eles o mapa turístico é, em muitas ocasiões, o principal meio de orientação e de informação. Por isso, quanto mais claro e informativo, melhor. Deu para perceber a importância da Cartografia do Turismo?

A busca de um lugar para satisfazer as vontades e necessidades do homem da sociedade industrial demanda sempre um complexo de informações imagens e mensagens. Deste contexto é que nasce a Cartografia aplicada ao Turismo, responsável pela sistematização dos mapas turísticos.

Muitas das imagens e referências que se têm de

um lugar são resultantes das informações disponíveis em reportagens, *folders*, cartazes, fotografias, etc. Compreende-se, neste aspecto, a comunicação visual como um todo, onde a representação gráfica está inserida.

O espaço turístico – aquele lugar que se escolhe para uma viagem turística – é composto por três elementos: os dados do ambiente natural; os dados das estruturas receptoras; a ação das operadoras turísticas e dos publicitários (Martinelli, 1996).

Para que um lugar se tome um bem turístico, é preciso que ele seja usufruível e para isto três condições básicas são necessárias: cultural, tecnológica e econômica.

A representação cartográfica, como um meio de comunicação visual, é capaz de promover grande impacto na motivação do turismo. Além de orientar e coordenar lugares, os mapas podem fornecer informações de como usufruir racionalmente o lugar escolhido.

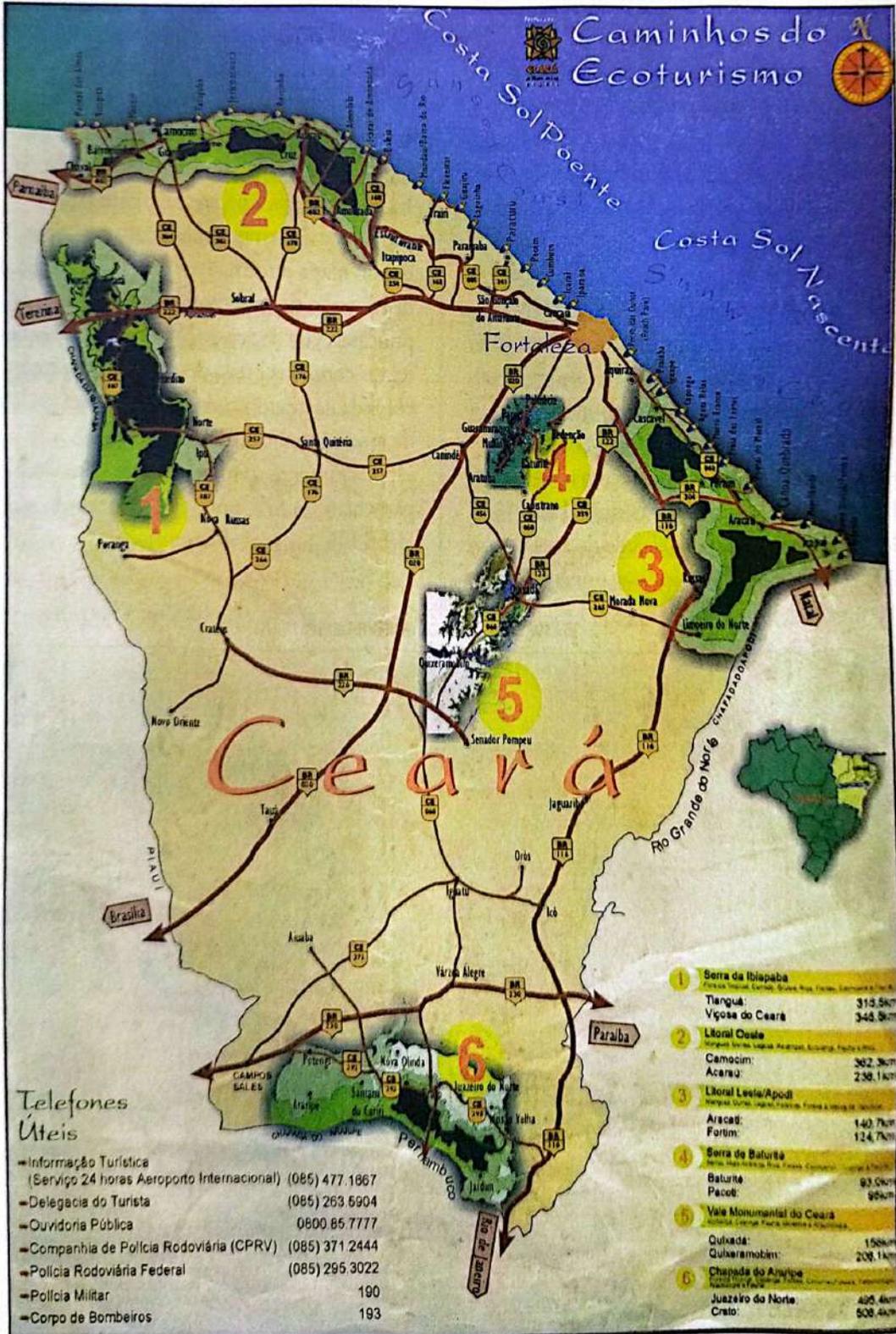
Desta forma, um mapa turístico deve ter preocupações ao serem elaborados: por si só, sem necessitar de longas legendas, ele deve apresentar as vias de deslocamento, a localização e os tipos de atrativos turísticos, os desníveis do terreno, o adensamento das edificações. Para isso, deve procurar harmonizar a diversidade através da diversidade visual; a ordem, pela ordem visual e a proporção, pela proporção visual (Martinelli, 1996).

As fotografias ou desenhos representativos têm importante participação na elaboração dos signos iconográficos. Em muitos casos, eles constituem a legenda, facilitando a comunicação. Estes recursos proporcionam impacto positivo, também, sobre a noção de preservação e dos cuidados que se deve tomar em ambientes mais frágeis, como um ecossistema, por exemplo. Sendo o turismo

Observe este mapa do Ceará, divulgado pela Secretaria do Turismo: é um mapa mais genérico. Evidencia a polarização de Fortaleza através dos eixos rodoviários. Dá uma noção da distribuição dos principais atrativos no Estado,

sem particularizar nenhum deles. Certamente, o turista que for a Fortaleza ou a qualquer outro pólo turístico do Estado precisará de informações mais específicas.

MAPA TURÍSTICO DO CEARÁ

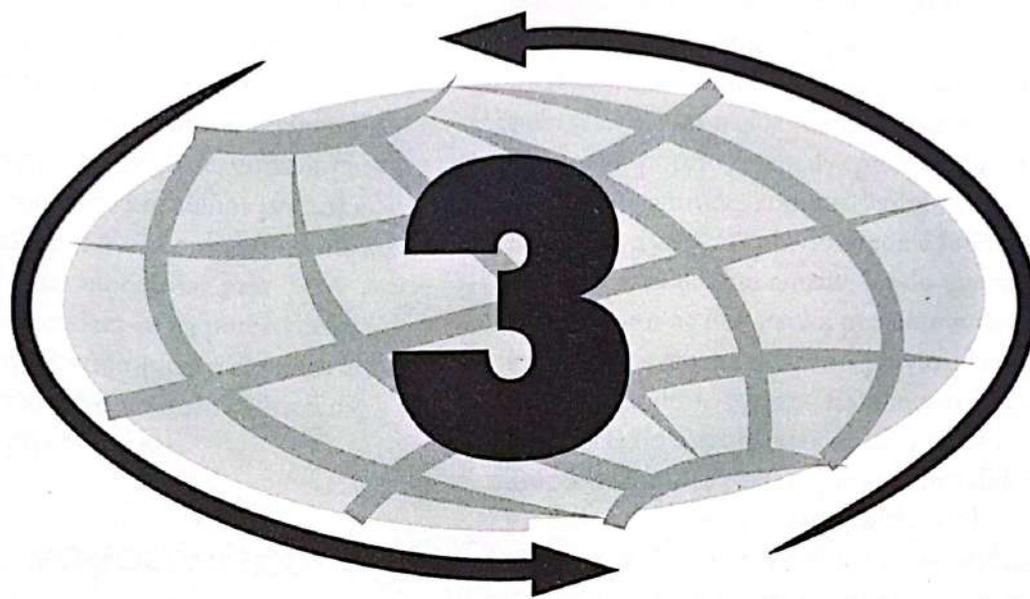


Este mapa de Sorocaba foi elaborado com o intuito de orientar a locomoção do turista pela cidade, oferecendo informações que lhe permitem locomover-se sozinho, sem a ajuda de um guia. As ruas estão identificadas com os respectivos nomes e os atrativos turísticos mais relevantes foram numerados e

legendados. Este recurso permite ao turista escolher, com alguma segurança, aqueles atrativos que lhe despertam um maior interesse. Além da localização e da legenda, há um conjunto de fotos coloridas, todas do mesmo tamanho, ilustrando os pontos turísticos.

MAPA DA ÁREA CENTRAL DE SOROCABA/SP





O ESTADO DE SÃO PAULO E OS ESPAÇOS TURÍSTICOS

A PAISAGEM COMO RECURSO TURÍSTICO: OS ECOSSISTEMAS PAULISTAS

Uma grande diversidade morfológica, vegetal e climática compõe o ambiente natural do território paulista: formações cristalinas recobertas por floresta densa, irrigadas por chuvas tropicais determinando o regime dos rios que, em maior quantidade, correm para o oeste; costões rochosos em alguns pontos e extensas praias em outros compõem o litoral; longas áreas planas modeladas pela sedimentação estendem-se na porção centro-ocidental; floresta subtropical e algumas áreas de campo cerrado dão um tom exótico na tropicalidade predominante.

O DOMÍNIO MORFOCLIMÁTICO TROPICAL

A posição geográfica do Estado de São Paulo encontra-se entre as latitudes de 20° e 25° Sul, sendo este atravessado pelo Trópico de Capricórnio na altura da capital.

A região Sudeste, da qual o Estado de São Paulo faz parte, constitui-se numa porção muito particular do território brasileiro, pois apresenta-se como uma área de contato entre outras formações geomorfológicas a oeste, onde há predomínio de terrenos aplainados (região Centro-Oeste), e o oceano Atlântico, a leste.

Sua latitude situa-se entre a baixa (nas proximidades do Equador) e a média (entre 30° e 50°), onde ocorre, com mais frequência e em equilíbrio dinâmico, o choque entre o sistema de altas tropicais e o sistema de altas polares. Estas circunstâncias imprimem um caráter de transitoriedade na climatologia do Sudeste,

expresso, principalmente, no seu regime térmico. Nesta região, portanto, há o predomínio do clima subquente.

A latitude tropical do Estado é abrandada pelo relevo. Nas regiões com formações serranas – porção oriental – predomina o clima tropical de altitude, com médias térmicas inferiores a 20°C. A pluviosidade é intensa, superior a 2.000 mm anuais, sendo que no litoral Norte de São Paulo, próximo a Bertioga, localiza-se a isoietal de maior pluviosidade do país – cerca de 4.750 mm. Essa região recebe influência de duas massas de ar: a massa Tropical atlântica (mTa), que gera instabilidade na região, e a massa Polar atlântica (mPa), que provoca ondas de frio e muita nebulosidade.

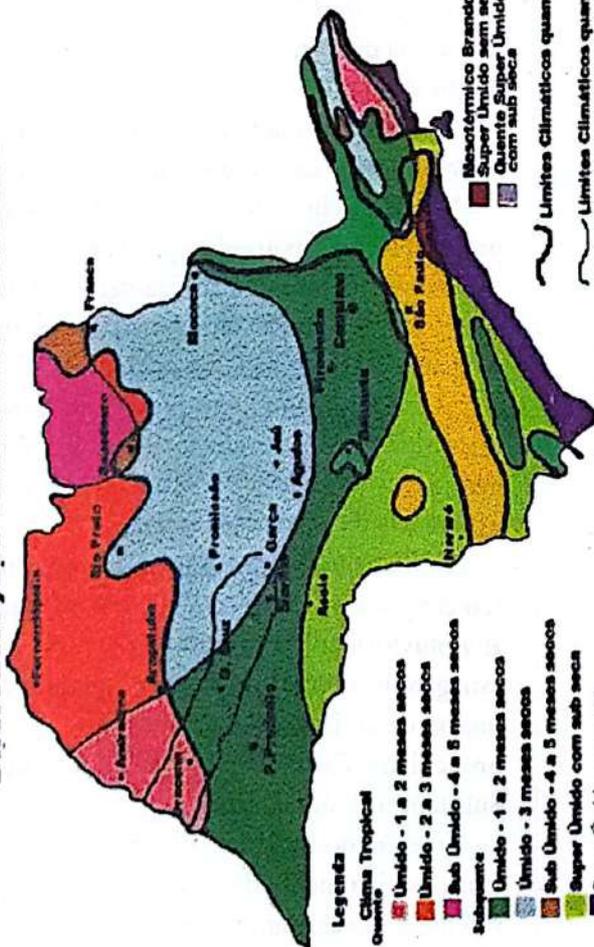
A ação da chuva nas escarpas do planalto provoca fortes enxurradas que lixiviam o solo, resultando em erosão e deslizamento de terras.

Na Depressão Periférica, as temperaturas médias variam de 23°C ao norte, a 19°C, ao sul. A tropicalidade nessa porção do Estado é mais nítida, com chuvas fortes de outubro a março e estiagem nos meses de inverno, com ocorrência de geadas.

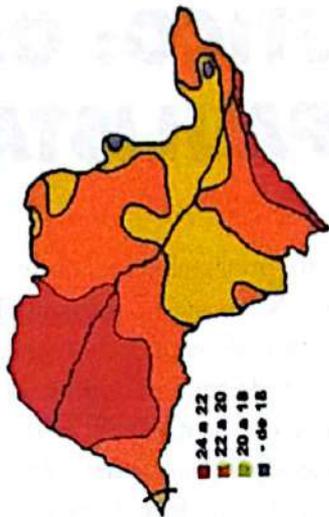
No Planalto Sedimentar as temperaturas são elevadas, entre 25° e 27°C, em média, com alta pluviosidade no verão (1.500 mm) e estiagem nos meses de inverno, quando a mTc (massa de ar Tropical continental), proveniente da porção central da América do Sul, tem influência nítida.

No extremo Sul, por influência da latitude, mas principalmente da altitude, as temperaturas são mais baixas, com temperatura média em torno de 16° a 18°C, caracterizando o clima subtropical.

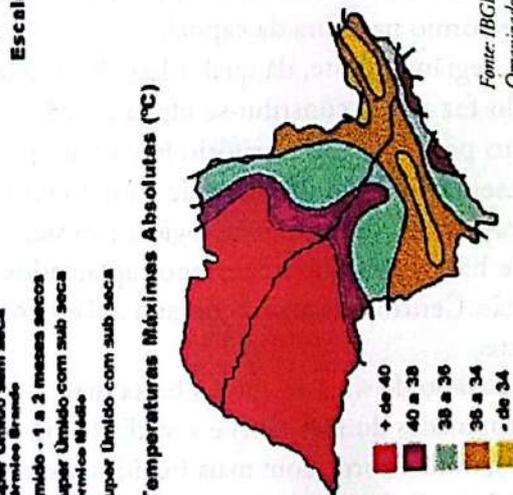
Diferenciações Climáticas - São Paulo



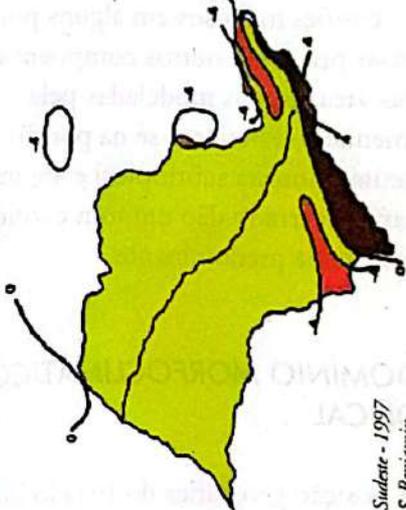
3 a - Temperatura Média Anual (°C)



3 b - Temperaturas Máximas Absolutas (°C)



3 c - Temperatura Mínima Absoluta (°C)



3 d - Isoietas Anuais (mm)



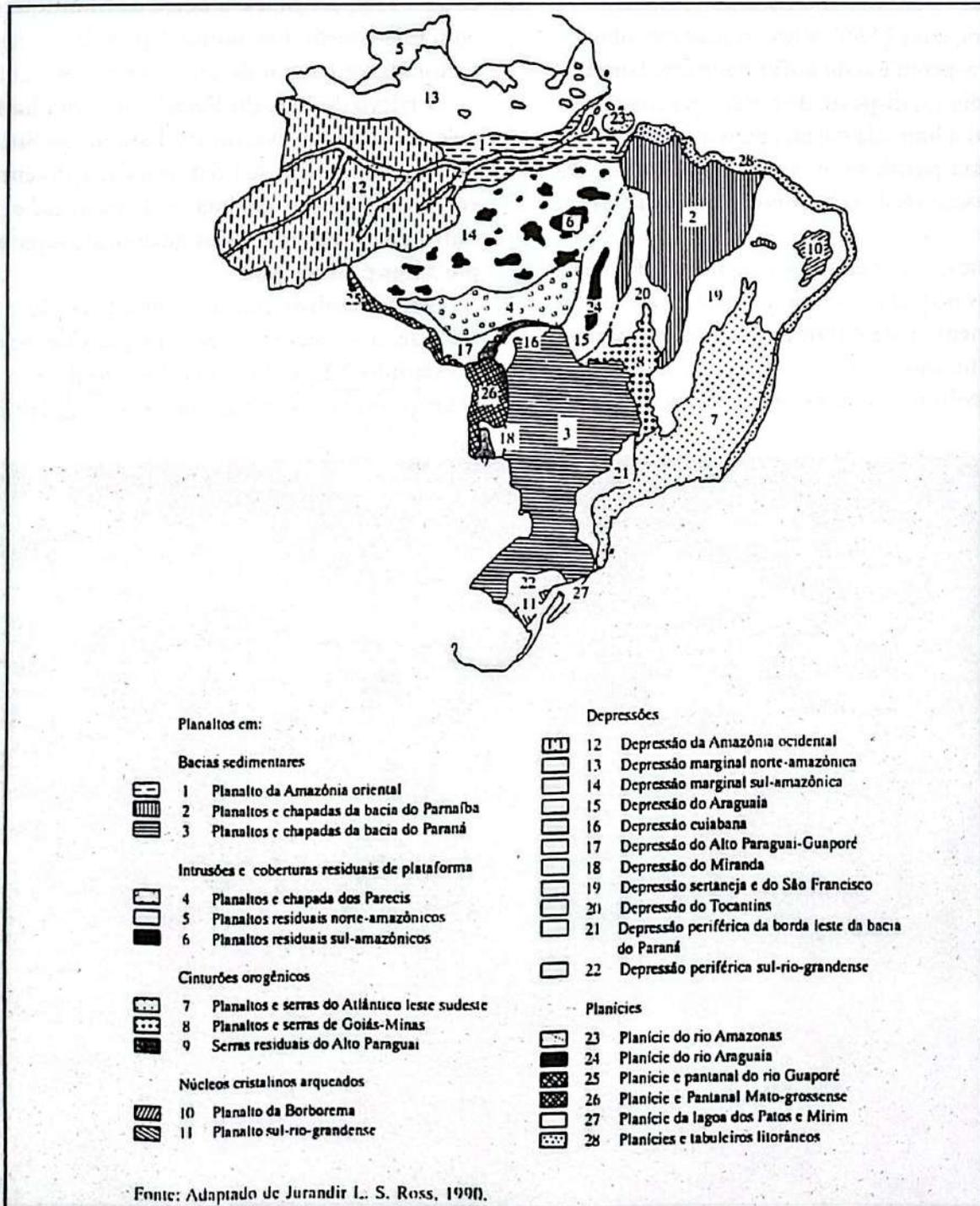
Fonte: IBGE - Região Sudeste - 1997
 Organizador: Roberto S. Benjamin

Além da diversidade climática, o Estado de São Paulo possui grande variação de altitude, sendo mais modesta na porção ocidental (entre 300 e 600 metros) e mais proeminente na porção oriental, variando entre 900 e 2.800 metros. Diferentes épocas e tipos de formação geológica resultaram em planaltos cristalinos e

sedimentares, fossas tectônicas, falhamentos, escarpas, planícies e bacias sedimentares.

De acordo com a classificação morfológica do professor Jurandy Ross (1998), do Departamento de Geografia da USP, podemos considerar as seguintes unidades do relevo paulista:

UNIDADES DO RELEVO BRASILEIRO



Planaltos e Serras do Atlântico Leste – Sudeste

Localiza-se na porção oriental do Estado e constitui-se num maciço planáltico de formação Pré-Cambriana, com destaque para as serras. A forte ação do intemperismo, principalmente da chuva, provocou a formação de topos convexos, de forma arredondada. As altitudes são superiores a 1.000 metros, sendo o Pico da Bandeira, com 2.890 metros, o mais elevado.

Seu aspecto é o de uma imponente barreira montanhosa, disposta de modo aparentemente paralelo à linha da costa, apresentando-se ora como um paredão escarpado junto ao mar, ora como escarpas de contornos sinuosos (IBGE, 1977).

Representa uma linha divisória da drenagem entre os pequenos cursos d'água, que escoam diretamente para o litoral, e os rios que drenam para o interior.

Constitui um complexo geomorfológico,

compreendendo a Serra do Mar, a Serra da Mantiqueira e a Serra de Paranapiacaba, que, embora tendo a mesma origem tectônica, apresentam-se distintas por terem sofrido ações de falhamentos e dobramentos que as particularizaram.

O Vale do Paraíba do Sul constitui-se numa subdivisão do relevo paulista que apresenta características muito particulares. Localiza-se entre a Serra do Mar e a Serra da Mantiqueira, cujo vale constitui-se numa depressão tectônica, originária de um falhamento.

O relevo do Vale do Paraíba foi entalhado pelo trabalho erosivo do rio Paraíba do Sul e de seus afluentes. Em sua fisionomia, apresenta, em alguns pontos, os “mares de morros” e, em outros, sucessão de cristas gnáissicas, separadas por vales profundos.

O rio Paraíba nasce a 1.800 metros de altitude, no planalto da Bocaina, deslocando-se no sentido NE, indo para o Estado do Rio de Janeiro, onde desemboca no oceano Atlântico.

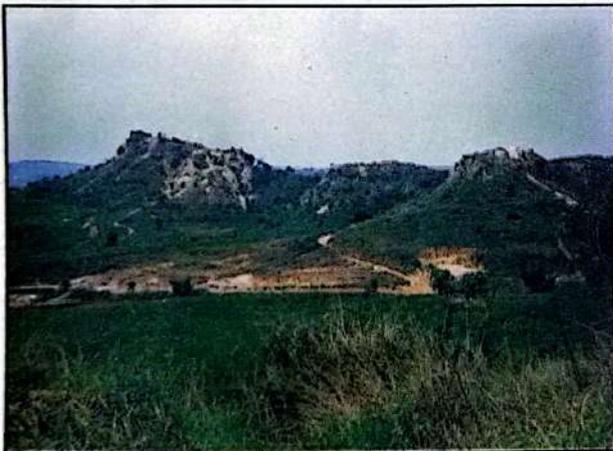


Depressão Periférica

Com altitudes entre 500 e 700 metros, a depressão periférica é uma área deprimida entre o planalto cristalino, de terrenos Pré-Cambrianos (leste) e o planalto sedimentar, uma grande escarpa arenito-basáltica (oeste).

Constitui um grande arco formado por uma faixa onde afloram terrenos sedimentares Paleozóicos. No período Terciário, esta formação teria sofrido intenso processo erosivo, resultando na criação desta depressão. Uma drenagem, em grande parte conseqüente, produziu formas diferenciadas, destacando-se as "cuestas".

Os cursos d'água, ao transporem o contato com as rochas mais resistentes, mudam a direção de seus cursos (como, por exemplo, o rio Atibaia) ou transpõem o obstáculo natural, formando corredeiras e quedas d'água.



Serra da Fartura - SP

Planalto Sedimentar Ocidental ou Planalto Arenito-Basáltico

Ocupa pouco mais da metade da área territorial do Estado, indo da *cuesta* de Botucatu (900 a 1.000 metros de altitude nos rebordos da *cuesta*) até o rio Paraná (cerca de 300 metros de altitude em relação ao nível do mar), numa extensão latitudinal de cerca de 600 quilômetros. Neste planalto predominam arenitos e argilas, aparecendo, em alguns

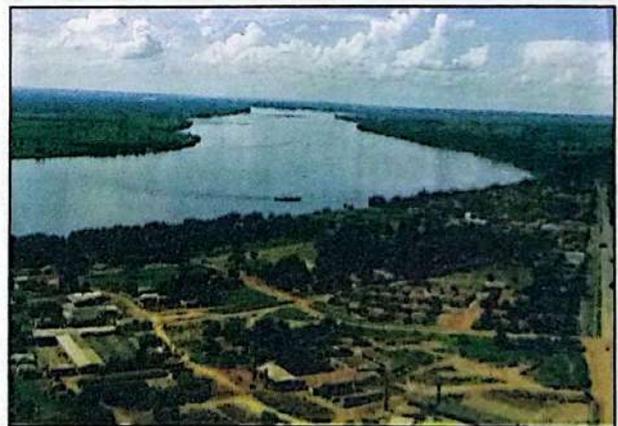
pontos, micaxistos e rochas eruptivas (basalto). Ao passarem pelos derrames basálticos, os rios tornam-se encachoeirados, oferecendo elevado potencial energético para a instalação de usinas hidrelétricas. Em algumas áreas aparecem algumas "cuestas", como as de Novo Horizonte, Santa Adélia e Marília.

O relevo planáltico, inclinado na direção E-W, direciona o traçado da maior parte dos rios paulistas, que, na porção centro-ocidental, constituem a bacia do rio Paraná.

Possui feições morfológicas diversificadas em função das variações da espessura do derrame basáltico. As vastas extensões de baixos chapadões arenito-basálticos são interrompidas pelo alinhamento irregular das *cuestas* basálticas ou morros-testemunhos de arenito ou basalto.

As *cuestas* arenito-basálticas apresentam-se sinuosas e descontínuas, esculpidas e seccionadas por extensos rios conseqüentes que se constituem nos únicos acidentes de maior relevância no dorso ondulado deste planalto.

Os *fronts* das escarpas estão voltados para o leste e seu reverso acompanha o mergulho geral das camadas Mesozóicas para a calha do rio Paraná (IBGE, 1977).



Panorama SP - Observe a planura do relevo no extremo oeste de São Paulo

Litoral paulista

Normalmente é dividido em dois trechos: de Ilha Grande (no Rio de Janeiro) até Ilhabela e de Ilhabela até o limite com o Paraná. O primeiro trecho é constituído por costas altas,

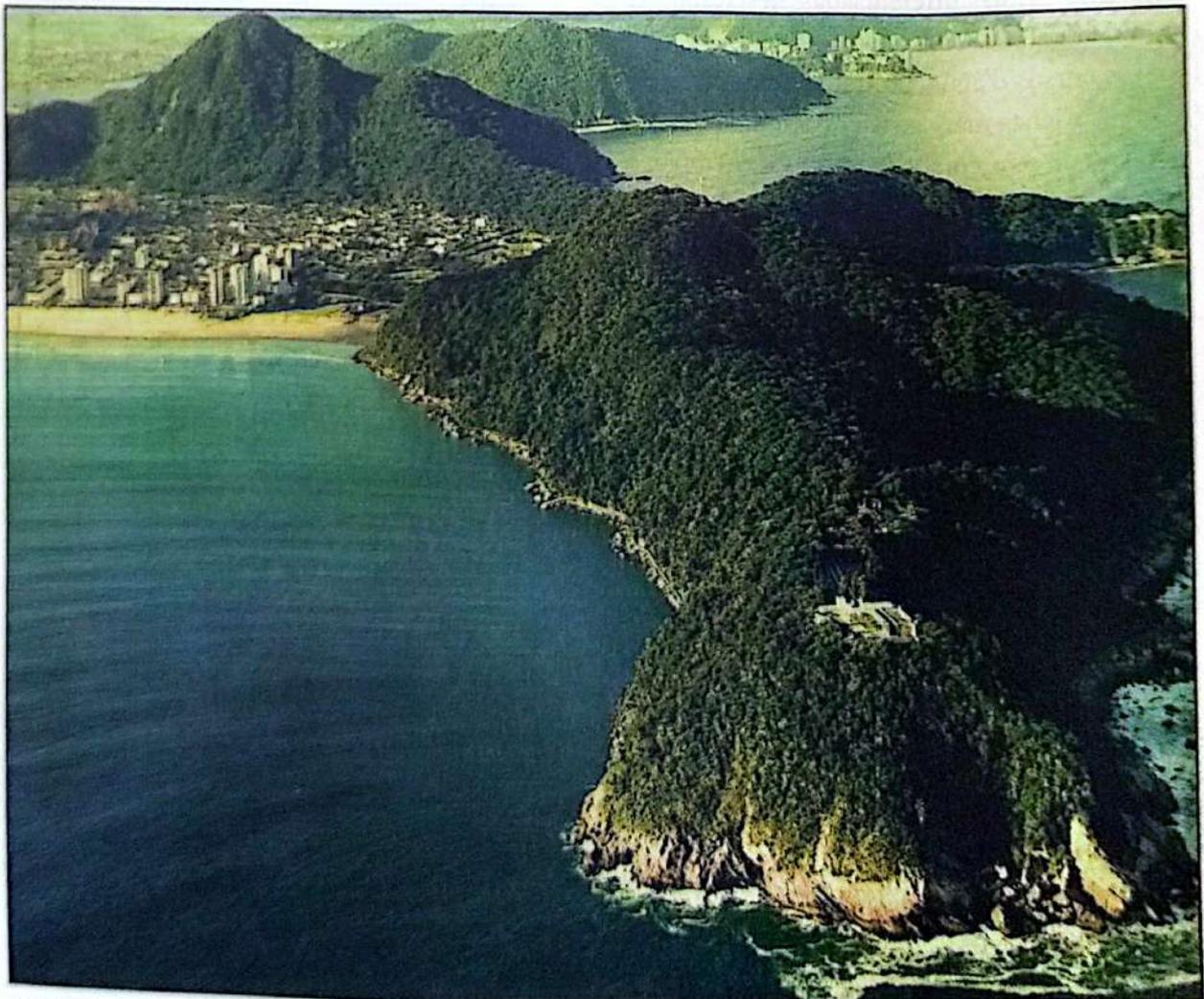
onde o paredão da serra do Mar chega, muitas vezes, diretamente ao oceano, formando as falésias graníticas.

São comuns as pontas e as falésias, que se prolongam mar adentro. Aparecem também as baías, como a de Caraguatatuba, com mar mais calmo. Pela interatividade entre as rochas, os riachos, a vegetação e o oceano, este trecho apresenta inigualável beleza cênica.

De Ilhabela até o limite com o Paraná, o litoral é retilíneo, com estreita faixa de planície costeira. Ali encontra-se a Baixada Santista, com altitudes entre 0 e 600 metros, para onde

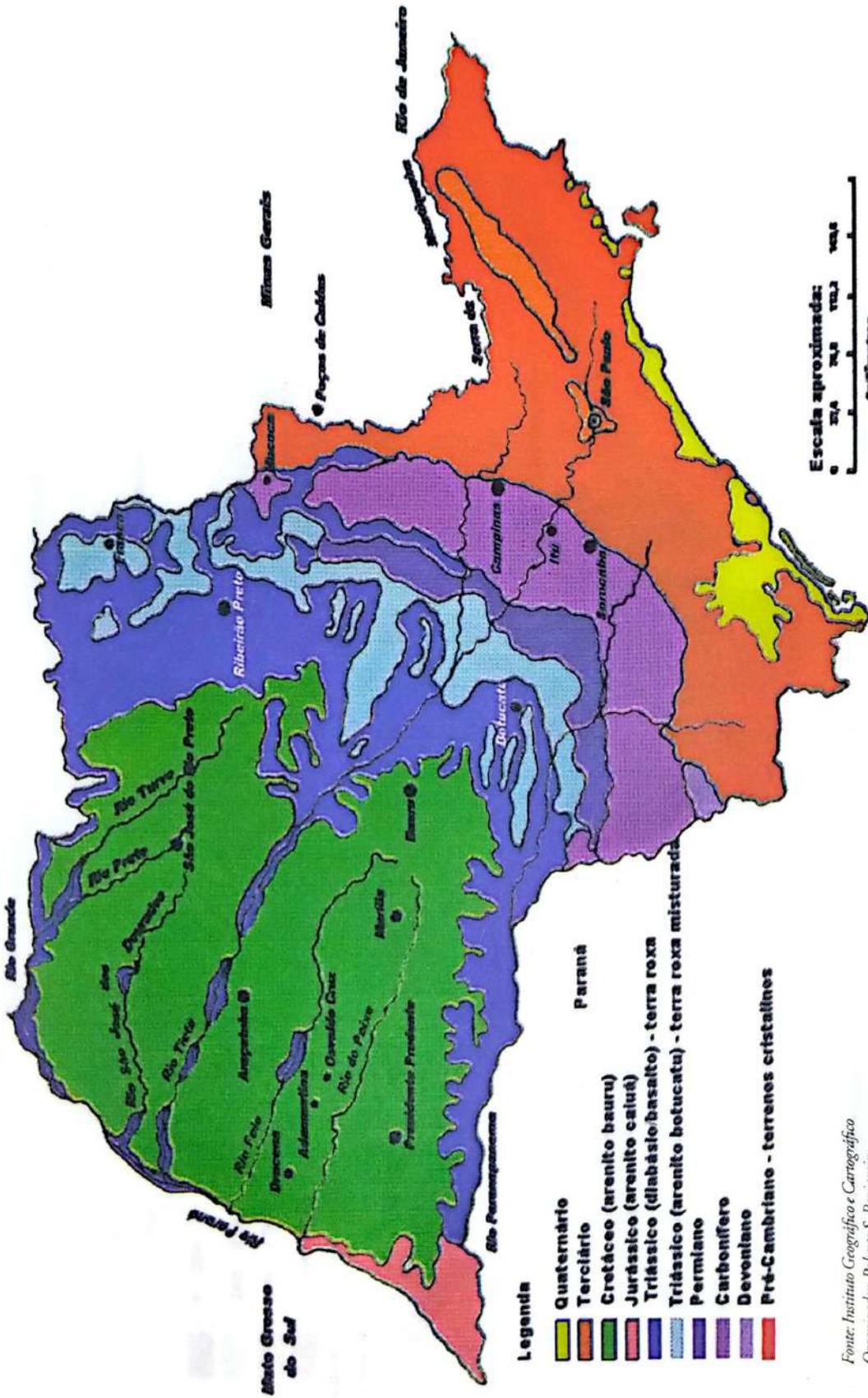
convergem vários riachos que descem da Serra do Mar, formando áreas de manguezais. Nessa área, é elevado o índice de poluição provocado pela alta concentração industrial e pelo esgoto das cidades. Apesar da fiscalização e programas de despoluição monitorados por órgãos públicos, ainda há muito o que fazer. Na parte marinha, o complexo portuário também é responsável por grande parte da poluição.

Mais para o sul, o litoral permanece com estreita planície costeira e algumas formações de manguezais.



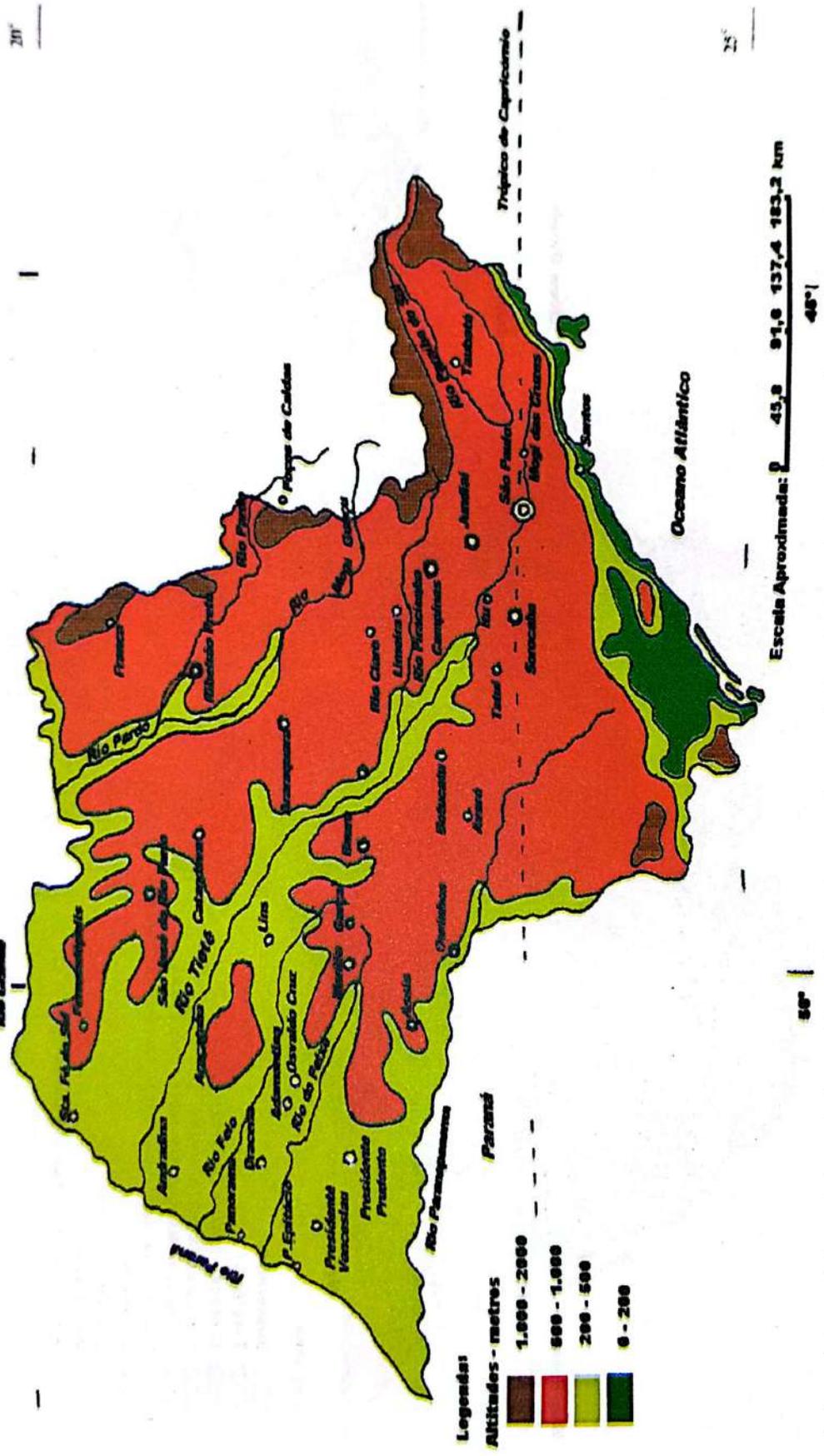
Praia Grande - SP

Estrutura Geológica do Estado de São Paulo



Fonte: Instituto Geográfico e Cartográfico
Organizador: Roberto S. Benjamin

Mapa hipsométrico do Estado de São Paulo



Legenda:

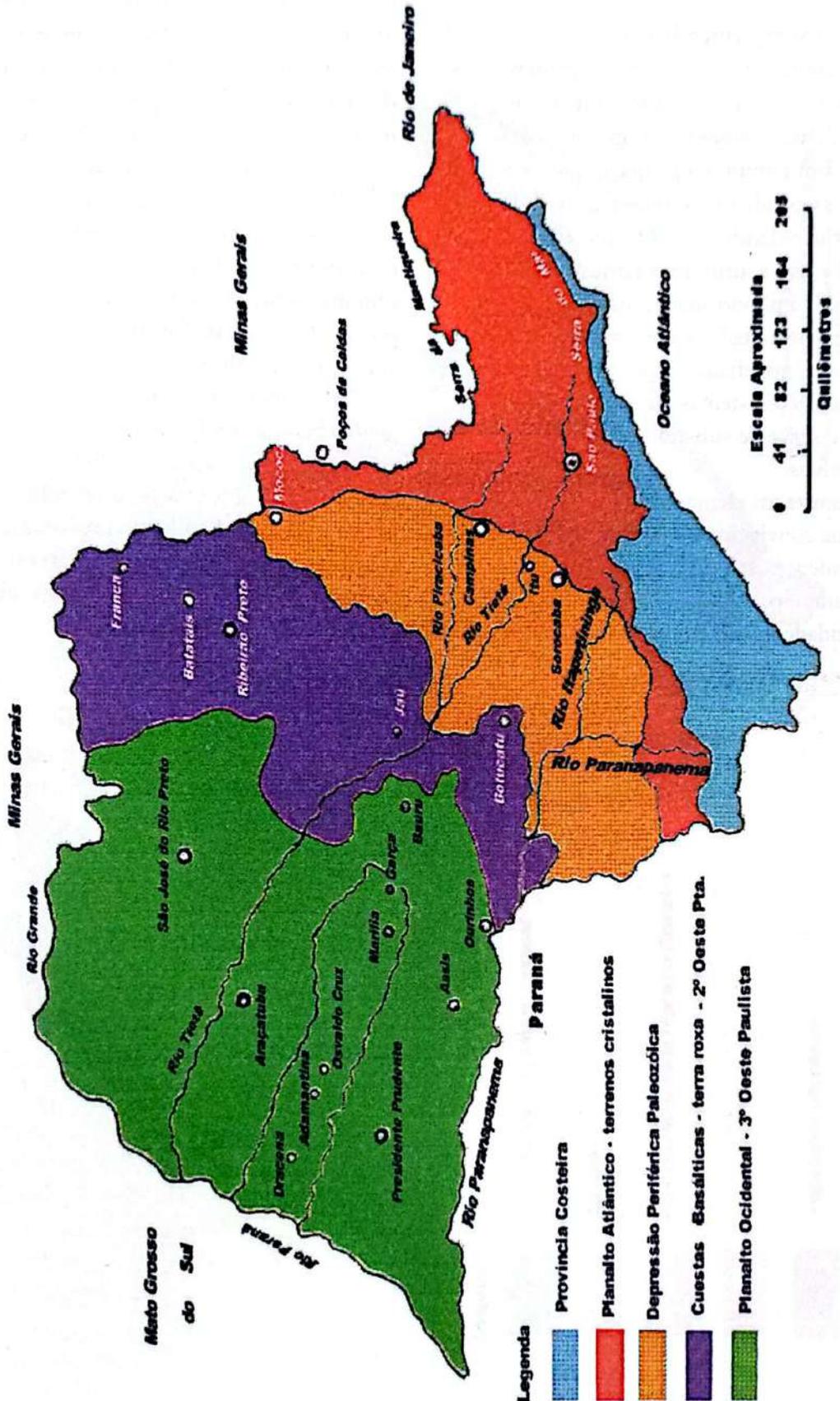
Altitudes - metros

- 1.000 - 2.000
- 500 - 1.000
- 200 - 500
- 0 - 200

Escola Aproximada: 45,8 91,6 137,4 183,2 km

Fonte: Atlas Geográfico do IBGE - 1970
Organizador: Roberto S. Benjamin

Unidades Geomorfológicas do Estado de São Paulo



- Legenda**
- Provincia Costeira**
 - Planalto Atlântico - terrenos cristalinos**
 - Depressão Periférica Paleozóica**
 - Cuestas Basálticas - terra roxa - 2º Oeste Pta.**
 - Planalto Ocidental - 3º Oeste Paulista**

Fonte: Instituto Geográfico Cartográfico
Organizador: Roberto S. Benjamin

OS ECOSISTEMAS PAULISTAS

Por ecossistema entende-se a interdependência dos seres vivos – plantas e animais (seres bióticos) – com o meio – ar, água e os demais minerais (seres abióticos), formando um complexo próprio, que varia conforme as condições ambientais de cada região. Influenciando essa diferenciação ambiental estão a altitude, a latitude, a temperatura, a pluviosidade, os tipos de rocha e solo, a maritimidade, a continentalidade, os ventos, a luminosidade, entre outros fatores. Na base dos ecossistemas terrestres está o relevo, que serve de substrato para a fixação dos seres vivos.

Na natureza, os elementos que compõem um ecossistema convivem de maneira interdependente, isto é, um não se dissocia do outro, mantendo, ao mesmo tempo, unicidade e especificidade. Por exemplo: as bromélias

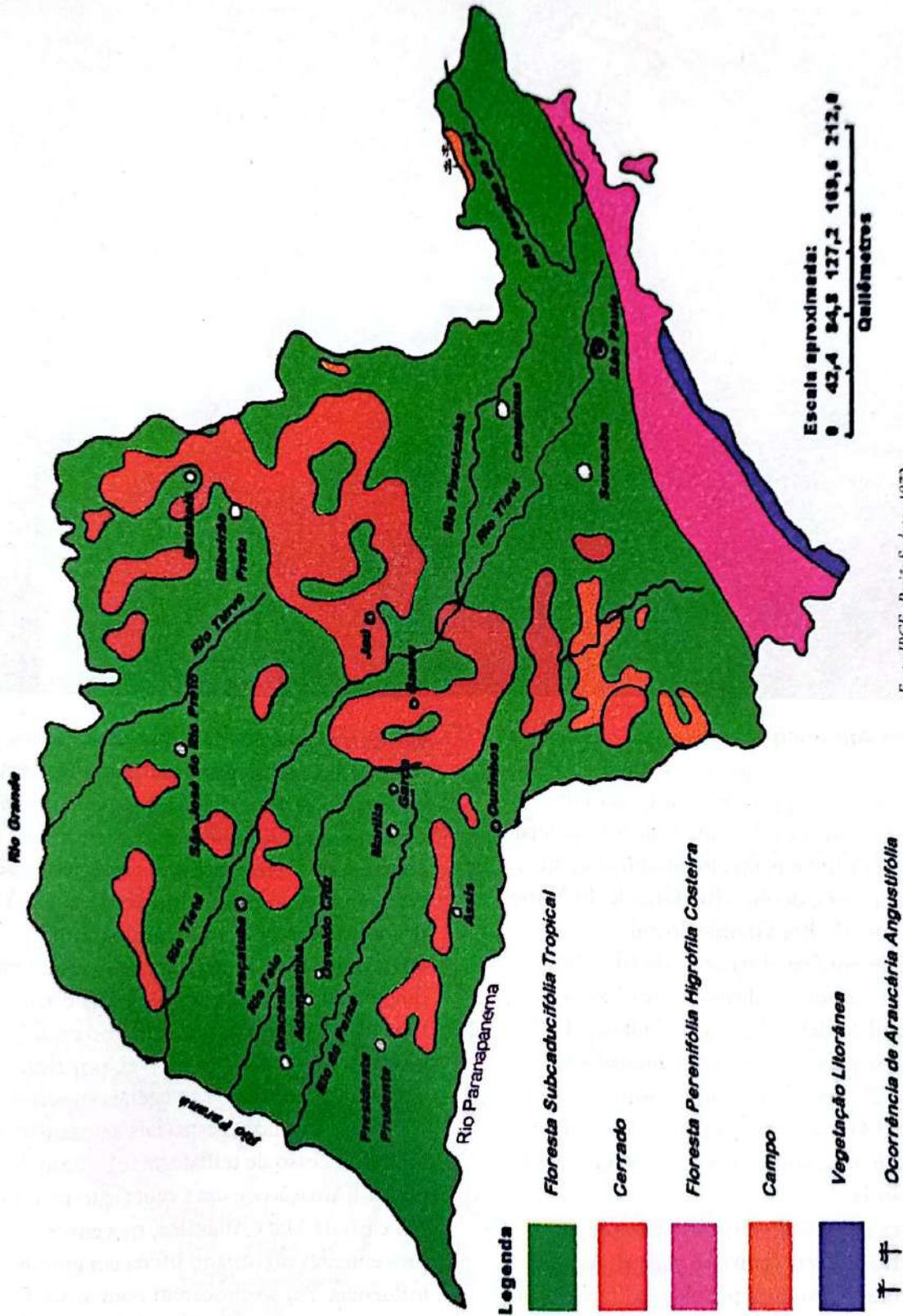
precisam do calor abafado e úmido do interior das florestas, do sombreamento das copas das árvores e dos troncos para servirem-lhes de suporte. Mas, apesar de esta planta compor a diversidade das florestas tropicais, trata-se de uma espécie específica, com formas e características botânicas próprias.

Por influência da inter-relação entre relevo, clima e solo, as coberturas florestais constituíam a formação vegetal predominante. Originalmente, 82% do território paulista possuía esse tipo de formação vegetal. Nos dias atuais, as áreas florestadas não ultrapassam 5%.

Na Depressão Periférica, e em algumas regiões centrais do Estado, onde os solos são areníticos e com menor fertilidade e maior acidez, ocorre a formação do cerrado.

No Estado de São Paulo predominam alguns ecossistemas, entre eles o complexo estuarino-lagunar, a Mata Atlântica, a floresta subtropical e o cerrado.

Vegetação do Estado de São Paulo



Fonte: IBGE - Região Sudeste - 1972
 Organizador: Roberto S. Benjamin



A Mata Atlântica

A Floresta Tropical Atlântica, ou Mata Atlântica, é uma exuberante formação vegetal arbórea que acompanha longitudinalmente a costa brasileira, desde o Rio Grande do Norte até o norte do Rio Grande do Sul.

Originalmente recobria cerca de 10% do território nacional e dispunha-se sobre o Planalto Brasileiro. Na região Sudeste, ela estende-se para oeste, nas proximidades da latitude 20° Sul, abrangendo a porção oriental de Minas Gerais, a maior parte do Estado de São Paulo e algumas áreas de Mato Grosso do Sul e Goiás.

Cerca de 82% do território paulista era recoberto por esta formação vegetal. As condições climáticas e pedológicas favoreceram a sua formação. Um longo processo físico-químico-biológico conhecido como intemperismo provocou a desintegração das rochas através da sua contração e dilatação,

devido às variações de temperatura e das reações das rochas por causa das chuvas. Os líquens, secretando ácidos que penetram e colaboram na decomposição das rochas, constituem-se em processos biológicos que também permitem a formação do solo. A sua decomposição cria condições para o aparecimento de fungos, musgos e samambaias que preparam o terreno para ervas e arbustos. Quando o ambiente apresenta boa quantidade de nutrientes torna-se possível, por fim, o alojamento de árvores e vegetais superiores.

Outras condições especiais somam-se a este longo processo de transformação contribuindo para a formação de uma vegetação exuberante. No caso da Mata Atlântica, os ventos provenientes do oceano oferecem grande influência. Ao se chocarem com as montanhas costeiras os ventos úmidos de barlavento se elevam e se resfriam, precipitando-se em forma de chuvas orográficas ou nevoeiros. Essa umidade constante favorece o desenvolvimento

de árvores altas e vegetação densa, em cujo sombreamento formam-se camadas de árvores menores, de troncos finos e pouco ramificadas, além das palmeiras e samambaias.

Sobre o solo forma-se uma densa camada de matéria orgânica composta por folhas, galhos, excrementos e animais mortos, entre outros elementos. A densidade da vegetação arbórea provoca menor intensidade de luz e um ambiente escuro e mal ventilado, dificultando a formação de vegetação rasteira, porém favorecendo a ação de fungos e bactérias, que transformam a matéria orgânica morta em húmus, que será absorvido pelas raízes dos vegetais. O reaparecimento dos nutrientes explica a existência de florestas exuberantes em solos de pouca fertilidade, como em algumas áreas do Planalto Ocidental Paulista.

As copas das árvores mais altas absorvem a maior parte dos raios solares que ali incidem, provocando, nas camadas inferiores, grande competição pela luz. Este fato explica a grande quantidade de epífitas, como as orquídeas, bromélias, líquens e lianas.

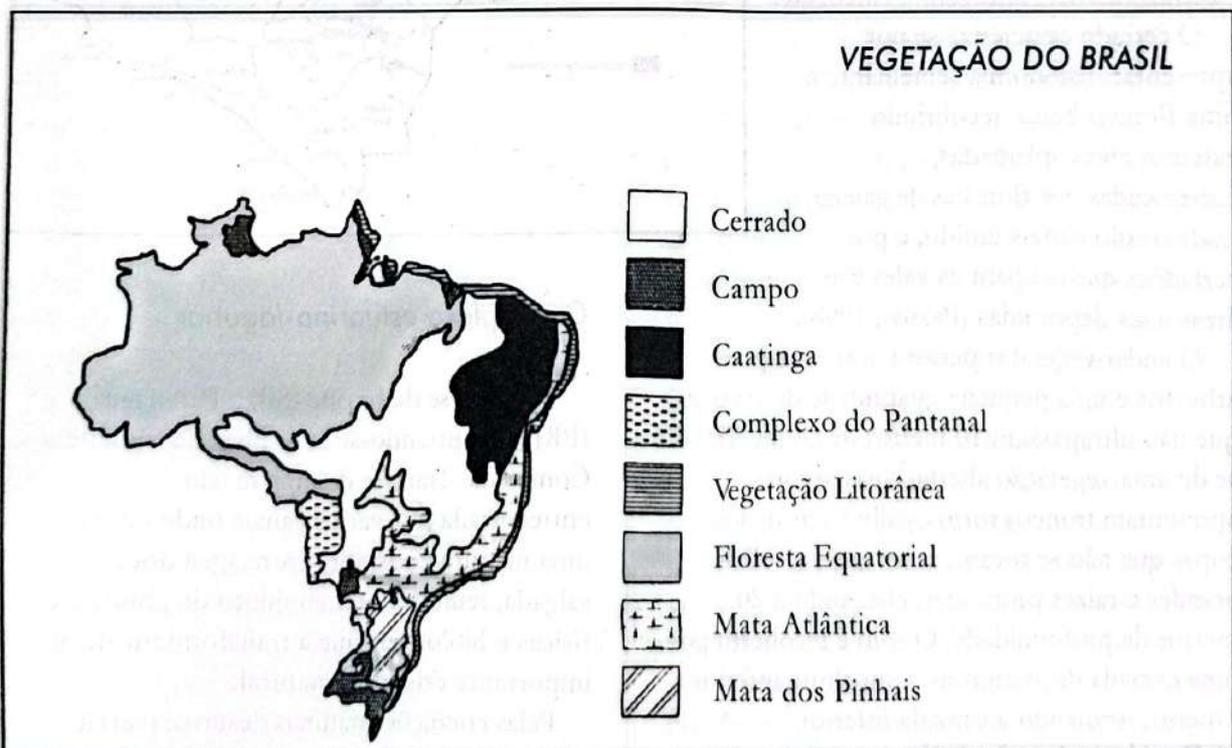
É imensa a variedade de espécies vegetais, porém cada uma representada por poucos

indivíduos afastados entre si. Neste aspecto, é fundamental a ação dos elementos polinizadores e disseminadores de sementes. São eles: as aves, os insetos e os mamíferos, principalmente. Muitas variedades de sementes só germinam depois de passarem pelos intestinos de alguns mamíferos e aves, sendo que a defecação poderá ocorrer distante da planta-mãe.

Algumas das espécies vegetais que se destacam são o jacarandá, o jequitibá, o guapuruvu, a peroba, os ipês, as canelas, as palmeiras, as quaresmeiras, entre outras, que constituem grupos típicos da mata pluvial tropical.

Entre os animais estão os bugios, as cotias, as onças, as queixadas, os lagartos e inúmeras aves como araras, maritacas e macucos.

É sabido que a cobertura vegetal contribui para a redução do impacto da água da chuva sobre o solo, diminuindo a intensidade do processo erosivo e de assoreamento, ao mesmo tempo em que favorece a infiltração da água. Assim, os planaltos recobertos pela Mata Atlântica abrigam grande quantidade de mananciais que alimentam os rios principais.



clima chuvoso, etc., o Vale do Ribeira e a região estuarino-lagunar mantiveram-se, até pouco tempo atrás, pouco alterada pela ação humana. O pouco que ainda resta da cobertura florestal nativa do Estado de São Paulo encontra-se principalmente nesta região, em áreas protegidas por órgãos governamentais (parques estaduais e reservas).

Há, nessa sub-região do Estado, cerca de 3.000 km² de planície sedimentar, formada pelo depósito de pequenas partículas desagregadas das rochas dos terrenos elevados, fragmentadas pela ação das ondas do mar, da água dos rios e do intemperismo. Esses sedimentos podem formar praias, dunas, restingas, etc., que são frequentes na região.

As restingas são cordões de areia que se formam paralelos à costa, provenientes de material trazido pelos rios ou pelo mar. Algumas restingas formam lagos rasos, importantes para a produção de sal e para o turismo.

Formam-se, geralmente, em mares rasos, aparecendo pontas de enseadas ou ilhas rochosas que servem de apoio para o início da acumulação de areia. Nesses ambientes, os rios têm grande influência, pois trazem sedimentos de outras localidades.

No litoral paulista, o rio Ribeira de Iguape tem destaque especial. Antes de desembocar no oceano, atravessa uma planície sedimentar, arrastando e depositando materiais, o que facilita a sedimentação.

Por terem se originado em épocas de sedimentação, esses cordões formam paisagens descontínuas, intercaladas por depressões, chamadas de planícies de restinga.

É comum a formação de lagoas e pequenos cursos d'água, ou zonas pantanosas de água parada.

“As dunas formam-se sobre as restingas e parte das praias. São originadas pelas ondas do mar e, principalmente, pelos ventos que carregam partículas de areia e as depositam paralelamente à costa.”

Durante o dia, o vento sopra na direção mar-terra e, conseqüentemente, a areia torna-se mais pesada, portanto, a quantidade de grãos levados de volta à praia é bem menor. Essas dunas podem ser bem altas, atingindo cerca de 80 metros de altura, ou apenas formar pequenos montes de areia”(SEMA, 1988).

Um dos fatores principais que contribuem para a formação das dunas e para a fixação destas e das restingas é a instalação da vegetação.

O termo restinga é empregado tanto para designar este tipo de sedimentação, como para o conjunto de vegetação que coloniza as dunas e restingas.

A vegetação desta área é adaptada à alta salinidade, falta de nutrientes, baixa retenção de água, superaquecimento das camadas superficiais e instabilidade da areia. Apresenta folhas duras e espessas, armazenando água para os períodos mais secos. Algumas apresentam caule rastejante (cipó-de-leite), formando longos cordões semi-enterrados na areia.

As restingas apresentam-se como ambientes propícios para a formação de salinas junto às lagoas de água salobra, por constituírem-se reservatórios que possibilitam intensa evaporação. É comum também a ocorrência de turfa nas margens destas lagoas ou de rios. Ela constitui-se num combustível natural formado a partir de restos vegetais não decompostos. É o primeiro estágio da formação do carvão e, por isso, torna-se amplamente utilizado como fonte de energia pela população local.

A fauna das regiões de dunas não se apresenta muito diversificada, sendo povoadas apenas pelo caranguejo maria-farinha, alguns insetos e pequenos lagartos visitantes. Quando a vegetação é mais densa, encontram-se maior diversidade de insetos, aves como tucanos, pica-pau e outros animais. Nas lagoas, é possível ver jacarés e garças, à procura de peixes.

Mangues

Os mangues são formações típicas dos litorais tropicais. No Brasil, estendem-se do Amapá até o litoral sul de Santa Catarina. No litoral paulista é encontrado, principalmente, na porção sul, nas imediações da foz do rio Ribeira de Iguape e de outros rios de menor porte, espalhados pela região.

Localizam-se entre os níveis mais altos e mais baixos das marés, tomando-se pontos de ligação entre os ambientes marinho, terrestre e de água doce.

A mistura de água doce com água salgada e a deposição de partículas de argila e de material orgânico forma um solo compactado e oxigenado, devido ao alagamento periódico. Apenas alguns vegetais conseguem adaptar-se neste ambiente, formando, portanto, um ecossistema próprio.

Predominam, no Brasil, a *Rhizophora mangle* (conhecida como mangue vermelho), a *Avicennia schaueriana* (chamada de mangue siriúba) e a *Laguncularia racemosa* (mangue branco). A *Avicennia* e a *Laguncularia* desenvolvem raízes laterais que projetam-se para fora do solo, permitindo a sustentação da árvore e a circulação de gases num ambiente pobre em oxigênio.

A fauna dos manguezais é muito diversificada, abrigando crustáceos (como caranguejos e cracas) e moluscos (como ostras, por exemplo). Na parte aquática, grande variedade de peixes, como as tainhas, avançam e recuam no mangue, de acordo com as marés ou com a fase da vida (fase jovem e em época de postura).

Outras espécies como garças, mergulhões, guaxinins, gaiotas, capivaras, cágados e jacarés, são considerados visitantes, pois não são animais que vivem exclusivamente no mangue.

“Devido à sua localização fronteiriça entre os diversos ambientes: mar, rio, terra e a estrutura arquitetônica de suas

árvores, os manguezais funcionam como verdadeiro quebra-mares, protegendo a região e a bacia hidrográfica contra a erosão excessiva. Também ao longo dos rios, os manguezais fornecem proteção contra as enchentes, diminuindo a força da inundação e protegendo campos agricultáveis”

(Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo: 1988).

A população local utiliza vários recursos do mangue para autoconsumo e como fonte de renda: o extrativismo animal (pesca e captura de peixes, moluscos, crustáceos, etc.) e o extrativismo vegetal, destacando-se o uso da madeira na construção de casas, portos, ancoradouros e, também, como fonte de energia (carvão vegetal).

Muitas áreas de mangue estão ameaçadas pelo extrativismo predatório, pela contaminação industrial e dos esgotos urbanos, pelo desmatamento indiscriminado realizado pelos loteamentos imobiliários, entre outras agressões. Os manguezais constituem ecossistemas frágeis, com funções ecológicas marcantes para a região onde se localizam.



Mangue Vermelho (Rhizophora mangle)

O ESTADO DE SÃO PAULO E OS ESPAÇOS TURÍSTICOS

São Paulo é a terra dos extremos (ou dos superlativos nacionais): maior aglomeração populacional, maior número de municípios, maior metrópole nacional, maior concentração e produção industrial, maior rede viária, maior universidade... Mas é, também, a terra dos contrastes: maior número de pessoas morando em favelas, maior concentração de migrantes, maior índice de violência e criminalidade urbana, maior emissão de poluentes atmosféricos, maior fila de pessoas esperando por atendimento nos serviços públicos, maior modificação no espaço natural...

Esta constatação não é fruto do acaso: o hoje é reflexo da história construída, a cada dia, por operários, agricultores, médicos, lavadeiras, professores, ambulantes, engenheiros, comerciantes, industriais, escriturários, enfim, por todos aqueles que, envolvidos com o seu presente, criaram as raízes do amanhã. Esta luta diária – para alguns, nos ônibus, nos trens, no chão das fábricas, no “braseiro” dos campos, para outros, no requinte dos ambientes bem decorados, no conforto dos escritórios e carros climatizados, na tranquilidade das casas de veraneio – faz com que a paisagem de São Paulo seja dinâmica.

Cidade e campo se completam, o novo e o velho insistem em desafiar o tempo, as edificações tensionam a natureza e esta, indiferente em sua magnitude, ora enaltece, ora zomba da pequenez humana.

Assim, numa incrível dialética, o Estado de São Paulo sintetiza principalmente a partir de meados do século XIX, a história de um país que, com ideais grandiosos, produziu fortes contradições que a espacialidade faz questão de mostrar.

“São Paulo de pau e pedra, São Paulo de pedra e pau.” São dois movimentos que se integram numa dinâmica fantástica: a sociedade, em sua expressão máxima – inteligência e racionalidade – e a natureza, em sua dinâmica – sol, chuva,

ar, rocha, plantas, animais (entre eles o homem), que interagem criando novos espaços.

É nesse contexto e nesse conflito que, nas últimas décadas do século XX, começa a reflexão sobre o turismo, uma categoria típica da modernidade.

A urbanização da metrópole paulista atrai turistas: os teatros, os museus, os shopping centers, a arquitetura, as praças, os negócios, as feiras, os monumentos, os estádios, o comércio atacadista, os congressos, os eventos artísticos, literários e culturais. Os turistas têm motivos e procedências diversificadas: alguns têm na metrópole o destino do roteiro, outros aproveitam o tempo livre de um outro compromisso para um programa rápido; outros, aproveitam a visita a amigos e parentes para conhecer “coisas diferentes”.

Mas não é só a metrópole que atrai: São Paulo é mágico e tem atrativos para todos os gostos. O litoral, com praias, ilhas e balneários; as cidades antigas, ligadas à expansão do café e das ferrovias; as regiões serranas com clima ameno e vegetação exótica; as cidades interioranas, com eventos regionais e a sua mítica tranquilidade; o campo, convidando para interação mais íntima com a natureza; os rios, com seu potencial de pesca e de lazer; as cidades religiosas, “de braços abertos” para as peregrinações de fé; as cidades históricas, com seu casario, ruas e calçamentos próprios...

Assim, temos um complexo ir e vir de turistas que se utilizam do sistema viário e da estrutura turística dos centros receptores, trazem e levam informações, geram divisas, criam empregos e ocupações e, inevitavelmente, provocam modificações nas localidades que visitam.

Como São Paulo tornou-se um “gigante”?

Até meados do século XIX, a província de São Paulo tinha expressão secundária na economia e na sociedade nacional. No período colonial, tornou-se um centro produtor de cana-

de-açúcar e a constituição física do relevo estimulou o uso dos rios que correm em direção ao interior, como caminhos naturais para as entradas e bandeiras que se dirigiam a Goiás e Mato Grosso à procura de ouro e pedras preciosas.

Essas incursões bandeirantes contribuíram para a colonização de algumas regiões interioranas, principalmente no vale do rio Tietê. A decadência da mineração, no entanto, repercutiu no ritmo do povoamento da província. A economia brasileira substituiu a mineração pela volta à agricultura, agora com um novo produto: o café.

Quando os fazendeiros paulistas começaram a dar atenção ao novo produto, já há algum tempo, ele tinha conquistado expressão econômica na baixada fluminense como consequência de uma moda européia de se tomar uma infusão feita com grãos vermelhos provenientes da Arábia e da Etiópia.

O território paulista apresentava condições físicas e sociais favoráveis ao novo produto: solos férteis e clima úmido, com temperaturas elevadas a maior parte do ano e fazendeiros ávidos por novos empreendimentos. Nesta época, a Europa vivia uma fase de conflitos políticos, com fortes consequências econômicas e sociais, incitando o desejo de muitas pessoas procurarem novas oportunidades em terras distantes, o que, mais tarde, resultaria na imigração de milhares de europeus, principalmente italianos.

Em pouco tempo, os escravos ociosos das minas foram transferidos para os cafezais paulistas e o novo produto ganhava o mundo, sempre em volume crescente, através do porto de Santos. Inicialmente, por causa da pequena produção, o café era levado até o porto do Rio de Janeiro, mas, com o tempo, São Paulo superou a produção do estado vizinho e passou a vendê-lo diretamente ao exterior.

A conjuntura internacional da época beneficiou o Brasil e São Paulo soube tirar proveito disso: crises políticas inviabilizaram a produção de café do Ceilão (o maior produtor

da época), os Estados Unidos boicotaram a exportação de chá, interrompendo a produção interna por causa dos baixos preços pagos pelos europeus, incentivando o consumo do café que se apresentava como o mais novo hábito de consumo de bebida.

Internamente, alguns acontecimentos também favoreceram São Paulo: a forte campanha abolicionista, que resultou na Lei Áurea, de 1888, fez com que a aristocracia paulista apoiasse o ideal republicano, mais liberal em seus princípios. A dificuldade em se obter escravos estimulou a imigração de trabalhadores livres provenientes da Europa (italianos em maior número) e do Oriente Médio (sírios e libaneses, principalmente). Alguns anos mais tarde (entre 1908 e 1930), o país recebeu também grande contingente de imigrantes japoneses.



Família de descendentes de imigrantes italianos, em Tupi Paulista, extremo oeste do Estado de São Paulo - década de 1950.



Embarque de café no porto de Santos - década de 1920.

Esses trabalhadores, com melhor conhecimento técnico do que os escravos, e com fortes princípios liberais, inovaram as lavouras paulistas e alteraram para sempre as relações de trabalho. Com eles, surge o trabalho assalariado, criando as categorias de patrão e empregado, opostas ao regime escravista, constituída pelo senhor e pelo escravo.

A imigração em grande escala, iniciada em 1888, foi a solução encontrada pela burguesia cafeeira para substituir a força de trabalho cativa. Os colonos eram remunerados em dinheiro, com direito ao cultivo de alimentos em lotes cedidos nas fazendas.

As fazendas de café do oeste paulista tinham uma estrutura que se diferenciava das do Vale do Paraíba. Nelas, o proprietário mantinha luxuosa casa destinada a uma permanência breve, pois em geral, sua principal residência localizava-se na cidade. As demais dependências: casa do administrador, os escritórios, os terreiros e armazéns, circundavam a "Casa Grande". As casas dos colonos ficavam espalhadas pela propriedade.

As guerras na Europa interromperam o abastecimento de produtos industrializados

e a população com melhor poder aquisitivo passou a consumir o produto nacional, estimulando a ampliação do parque industrial nacional, que foi se concentrando na capital paulista.

Os cafezais atraíam muita gente para São Paulo, proveniente tanto dos Estados vizinhos, como de outros países, formando um significativo mercado consumidor e, conseqüentemente, expressivo contingente de mão-de-obra. O dinheiro ganho com as exportações de café e com o comércio que se intensificava fez com que surgissem os bancos e as casas de crédito; a elite pressionava por boas escolas, os trabalhadores lutavam pelo direito à escola pública gratuita e a "onda de progresso" reclamava a instalação de pólos tecnológicos.

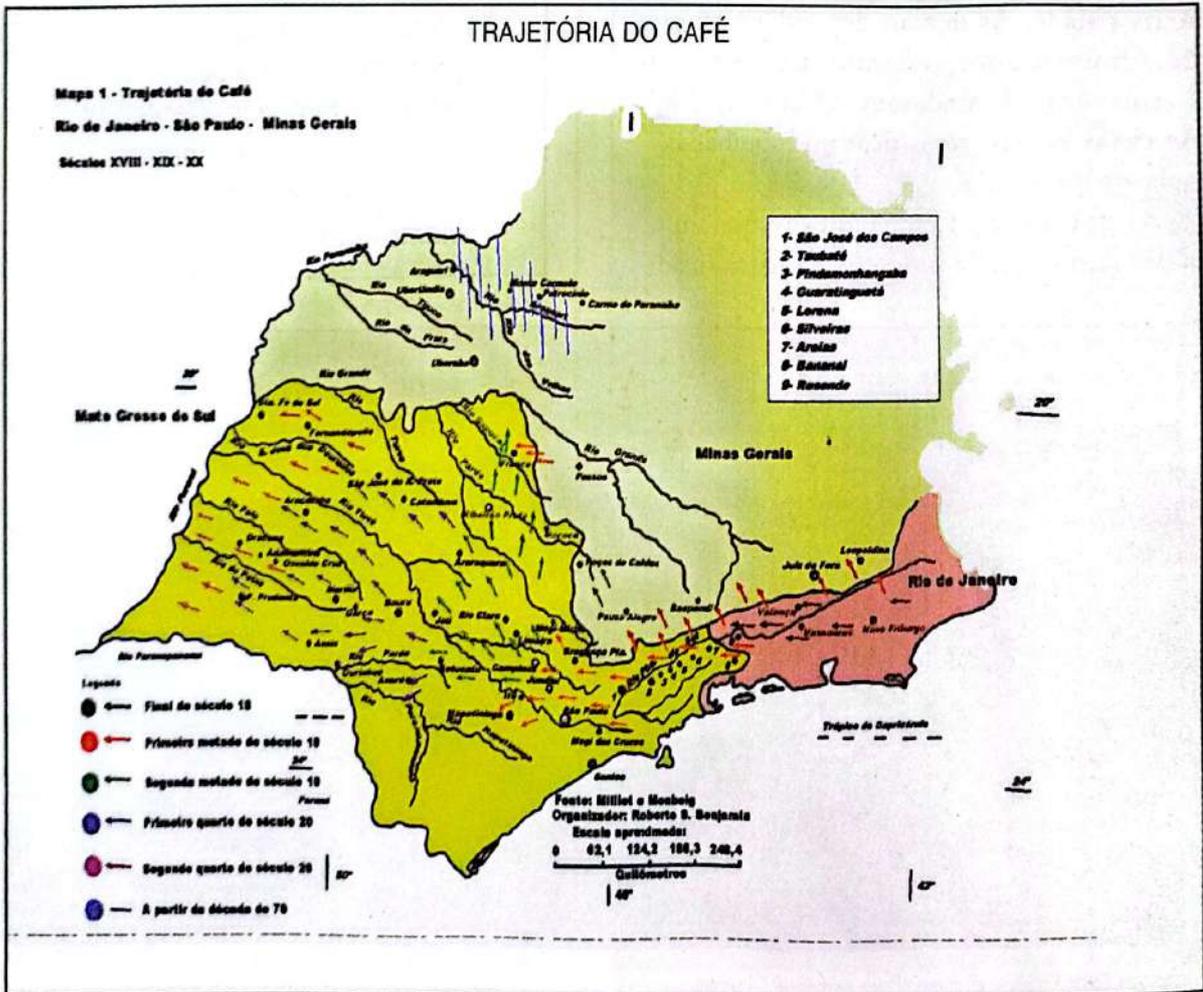
A cidade de São Paulo se industrializava e se urbanizava, enquanto o café estendia-se para o oeste, no rastro das ferrovias. Centenas de cidades surgiram, outras, "meio adormecidas", dinamizaram-se.



Fazenda Santa Veridiana de Antonio Prado, na região de Campinas.



A cidade de São Paulo na década de 1920.

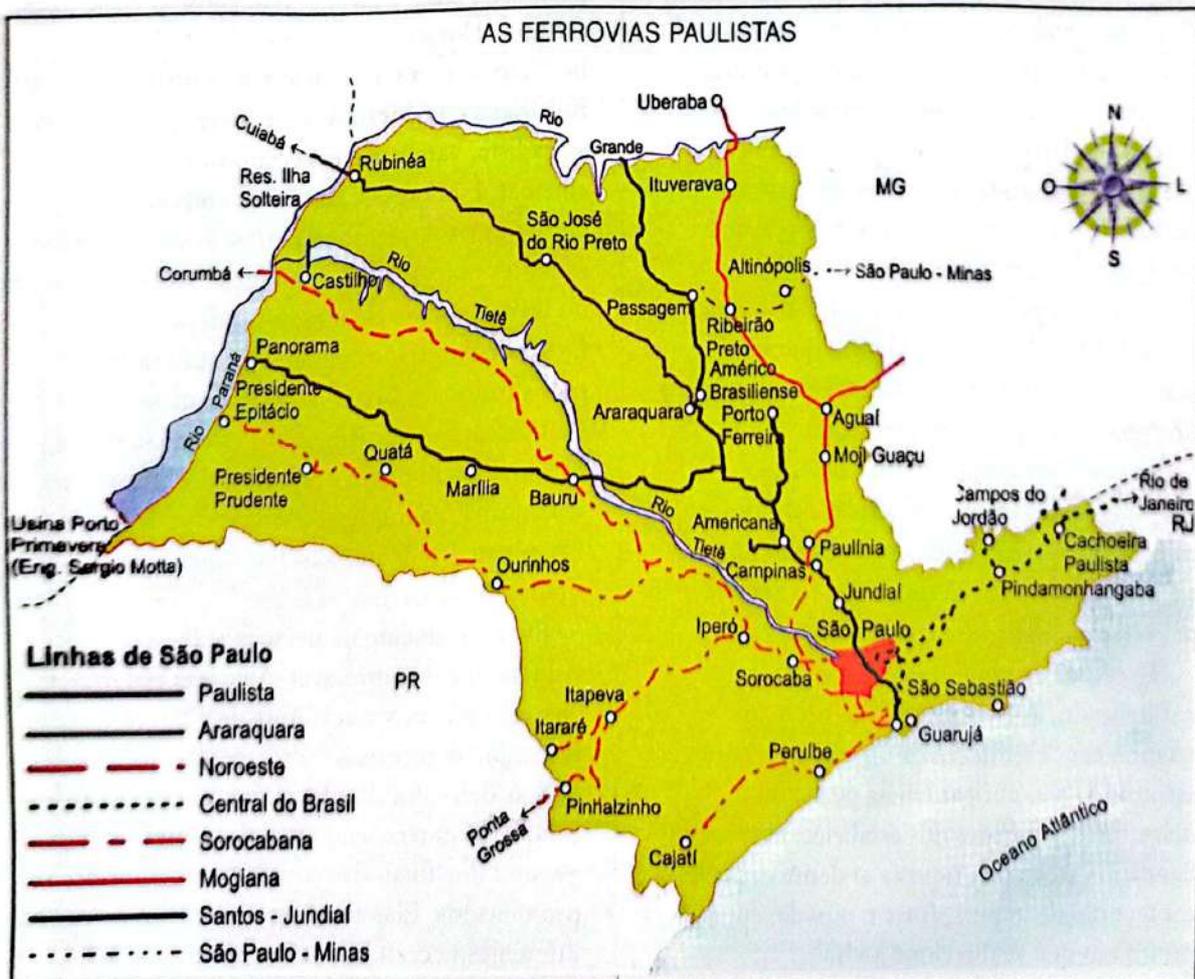


A construção das ferrovias rompia os limites espaciais da economia cafeeira e, com ela, os cafezais foram se alastrando para o oeste paulista, sul de Minas Gerais e norte do Paraná. A Lei de Terras de 1850 regulamentava a forma de acesso às terras devolutas e impedia que imigrantes e posseiros se instalassem nelas como posseiros. Assim diz Kowarick: 1994, 76:

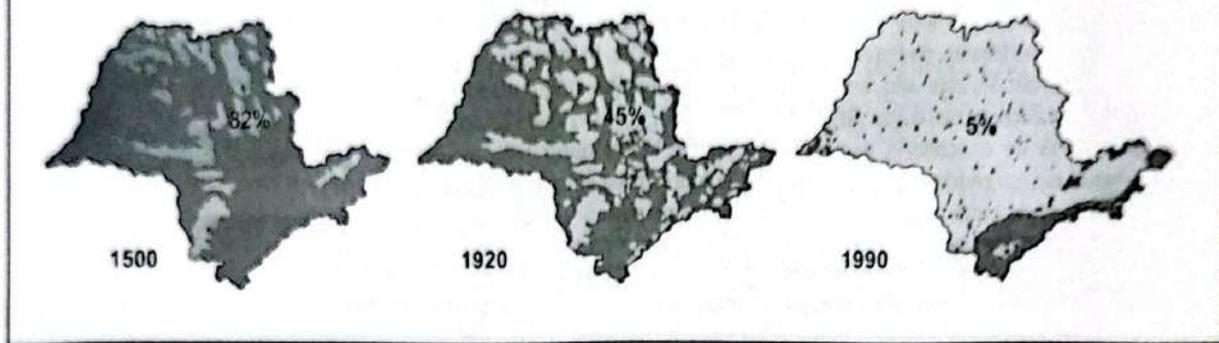
"(...) Não foi ocasional que a Lei de Terras tenha coincidido com o término do tráfico negreiro, época em que os fazendeiros utilizaram, pela primeira vez de forma mais abrangente, mão-de-obra estrangeira pelo sistema de parceria. Ela indica de maneira cristalina o intento de obstaculizar o acesso à propriedade da terra, forçando o trabalhador livre a permanecer nas fazendas (...)"

Assim, os fazendeiros, ao lado do café, investiam também na compra de terras. No oeste paulista, abrir uma nova fazenda era um negócio lucrativo. As terras eram compradas do Estado a preços baixos, os cafezais eram formados em sistema de parceria com os colonos. Estes plantavam o café e cuidavam dos cafezais por cinco anos. Após as duas primeiras colheitas, entregavam o cafezal formado para o proprietário.

Cafezais e terras eram os símbolos da riqueza da burguesia cafeeira do oeste paulista.



EVOLUÇÃO DA DEVASTAÇÃO FLORESTAL EM SÃO PAULO



Na mesma intensidade do crescimento e da opulência vertiginosa, os trabalhadores e a natureza foram impactados. Os primeiros, trabalhando no ritmo das locomotivas e das máquinas, quase não percebiam que “abriam mão” do direito de compartilhar da riqueza que produziam. E quando percebiam e se organizavam, eram duramente reprimidos pelos patrões e pela segurança pública: “*São Paulo não pode parar!*”. Assim, na mesma intensidade, criou-se a riqueza e a pobreza; ao lado dos bairros nobres formaram-se as favelas; embaixo dos viadutos e nas calçadas das ruas onde trafega a maior frota de veículos do país amontoam-se pessoas que perambulam sem endereço.

Na pressa pela construção do patrimônio pessoal e familiar, não se pensou que se atropelava o ritmo da natureza. Florestas foram derrubadas, rios e corredeiras foram “domados” pelas hidrelétricas, os vales e encostas foram ocupados pelas plantações, os espigões foram salpicados pelas cidades e esquadrihados pelos trilhos das ferrovias e pelo traçado das rodovias.

O céu das grandes cidades ficou enfumaçado, as ruas repletas de gente, os arranha-céus escondem os vizinhos, os córregos assoreados não abrigam mais peixes, o mármore das paredes dos estabelecimentos bancários atestam a riqueza aí dentro guardada e a tecnologia impera, forte e ousada, em cada ponto em que se direciona a visão.

O Estado de São Paulo tornou-se o mais rico da federação, a cidade de São Paulo tornou-se uma cidade global e a Grande São Paulo ostenta o posto de terceira área metropolitana mais populosa do mundo. Apesar das contradições, a capital paulista consolidou-se como uma metrópole nacional por concentrar extraordinária estrutura econômica, produtiva, tecnológica, social, cultural e de serviços. Hospitais, universidades, rede hoteleira e de restaurantes, aeroportos, estações rodoviárias, ferroviárias e de metrô, comércio atacadista, varejista e especializado, museus, cinemas, bibliotecas, centro de convenções, entre outros serviços, atraem pessoas de todas as partes do país e até do mundo. No interior e no litoral, várias cidades, estendendo esta mesma estrutura, tornaram-se importantes pólos regionais. Entre elas destacam-se Campinas, Santos, Ribeirão Preto, Sorocaba, São José do Rio Preto, São José dos Campos, Americana, Bauru, Assis, Piracicaba, Rio Claro, Presidente Prudente, Marília, Araçatuba, Franca, entre outras.

O deslocamento de pessoas tornou-se volumoso e incontrolável. Algumas cidades “nasceram com vocação turística”, mas outras tornaram-se turísticas com o passar do tempo. Muitas delas, localizadas próximo aos grandes centros, vêm recebendo grande número de pessoas nos finais de semana, férias e feriados prolongados. Elas atraem pessoas com as mais diferentes necessidades e interesses, que se

utilizam de uma estrutura turística, como hotéis, restaurantes, centros de diversão e lazer, centros de convenção, etc., pressionando as prefeituras e estimulando o empresariado local a investirem na ampliação dessas estruturas e em outros equipamentos turísticos. Em contrapartida, o incremento do turismo gera ocupação e renda ao município, além de estimular a produção local e promover a sua divulgação, criando um circuito que se auto-alimenta.

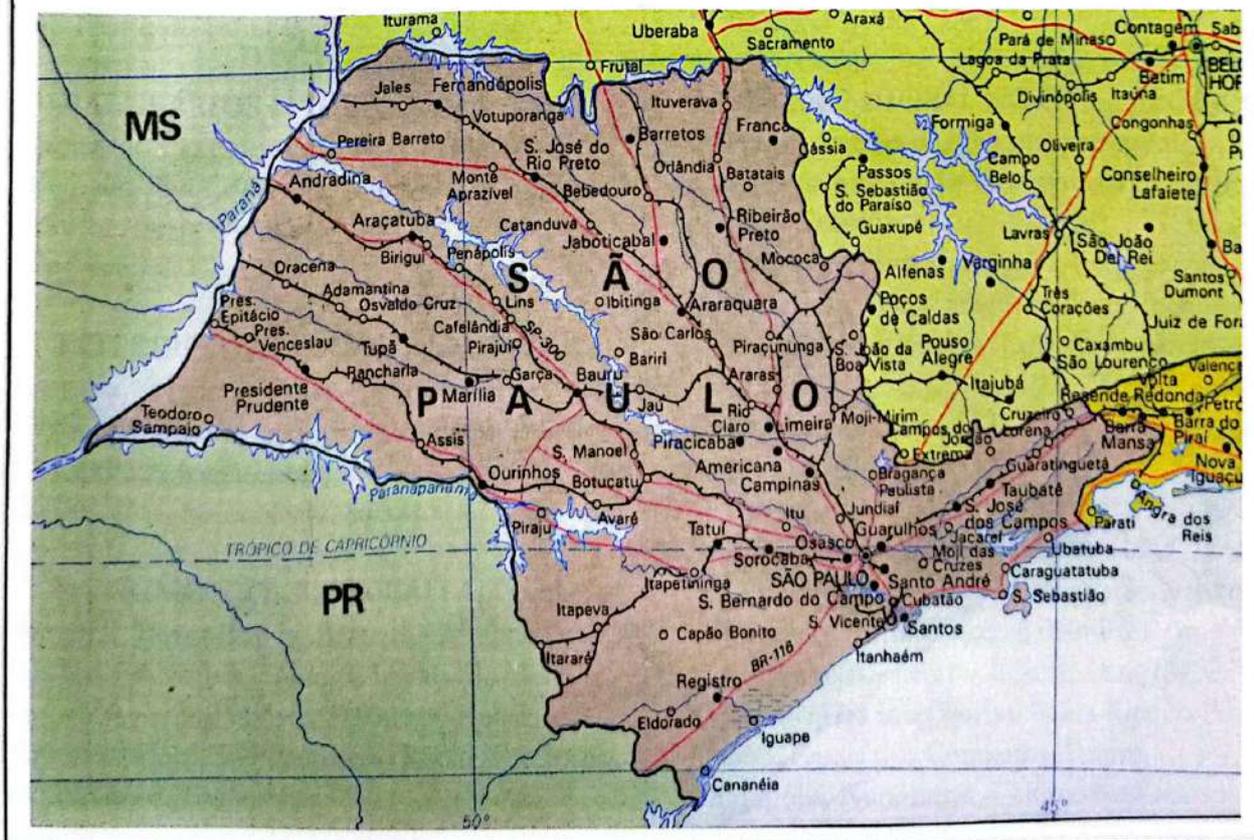
Fazer turismo para "descobrir" São Paulo

Os tempos mudaram e as novas tecnologias vêm liberando o trabalho do homem; a vida confinada das grandes cidades estimula a saída para outros lugares; as conquistas trabalhistas concederam o direito de férias, 13º salário e descanso semanal remunerados aos

trabalhadores; o avanço nos meios de comunicação e a melhoria dos transportes alavancaram a atividade turística. Expande-se entre as pessoas o conceito de turismo e lazer. O mercado empresarial acredita e investe nesta nova tendência e as políticas públicas começam a dar atenção a este segmento até como uma nova frente econômica capaz de criar ocupação e renda numa época de profunda recessão.

Os paulistas e os paulistanos, então, vêm descobrindo uma outra dimensão do seu Estado, sem ser somente aquela do trabalho, do estudo, do progresso. São Paulo tem mar, rios e represas artificiais, tem montanhas, tem algumas regiões frias e outras quentes; tem leite no curral, vacas mugindo, ovelhas balindo, cavalos correndo; tem macacos brincando em árvores nos parques e reservas naturais; tem eventos esportivos; tem a cidade de São Vicente, que foi a primeira cidade construída pelos colonizadores portugueses; tem antigas

AS PRINCIPAIS CIDADES DO ESTADO DE SÃO PAULO



fazendas de café que mostram suas histórias aos turistas; tem rodeios e festas do peão; tem cavernas; tem metrô; tem muitos ônibus e estradas pavimentadas em todas as direções; tem muitos aviões e modernos aeroportos; tem churrasco dos bons; tem festas folclóricas; tem a basílica da padroeira do Brasil; tem entidades e instituições que promovem congressos científicos e encontros culturais; tem artistas que abrilhantam shows; tem teatros requintados; tem o Memorial da América Latina; tem o MASP - Museu de Arte Moderna; tem estádios de futebol; tem campeonatos de pesca; tem exposição de flores e de animais, tem modernas tecnologias aplicadas ao campo, tem o dinamismo dos negócios. Tudo isso espalhado por 645 municípios, numa área de 247.898 km², com uma população superior a trinta e quatro milhões de habitantes (IBGE, 1996), que corresponde a quase duas vezes a população da Austrália.

MUNICÍPIOS TURÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO: CARACTERIZAÇÃO

Tomamos como referência a classificação elaborada pela Secretaria Estadual de Esportes e Turismo de São Paulo, que considera, dos 645 municípios, 231 com potencialidade turística. São 55 destinações, agrupadas em quatro caracterizações turísticas principais: Estâncias climáticas (10 municípios), Balneários litorâneos (15 municípios), Roteiro das Águas (13 municípios) e Patrimônio Cultural (17 municípios).

São eles:

ESTÂNCIAS CLIMÁTICAS: Analândia, Bragança Paulista, Caconde, Campos Novos Paulista, Cunha, Morungaba, Nuporanga, Santa Rita do Passa Quatro, Santo Antônio do Pinhal, São Bento do Sapucaí.

BALNEÁRIOS LITORÂNEOS: Bertioga, Cananéia, Caraguatatuba, Guarujá, Iguape, Ilhabela, Ilha Comprida, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos, São Sebastião, São Vicente, Ubatuba.

ROTEIRO DAS ÁGUAS: Águas de Lindóia, Águas da Prata, Águas de Santa Bárbara, Águas de São Pedro, Amparo, Atibaia, Campos do Jordão, Ibirá, Lindóia, Monte Alegre do Sul, Poá, Serra Negra, Socorro.

PATRIMÔNIO CULTURAL: Aparecida, Bananal, Barra Bonita, Batatais, Eldorado, Embu, Holambra, Ibitinga, Igarçu do Tietê, Itu, Paraguaçu Paulista, Presidente Epitácio, Ribeirão Pires, São Pedro, São Roque, São José do Barreiro, Tremembé.

Dezenas de outros municípios estão em fase documental para transformarem-se em municípios turísticos. Os que já se documentaram estão dispostos em 14 roteiros turísticos que transcreveremos a seguir:

1- ROTEIRO LITORAL SUL - REGIÃO

Seus atrativos não se restringem apenas ao mar, mas também às trilhas, cachoeiras, a exuberância da Mata Atlântica e a seu importante patrimônio cultural.

Municípios integrantes: Santos, São Vicente, Guarujá, Praia Grande, Peruíbe, Mongaguá, Cubatão e Itanhaém.

Delegacia Regional de Turismo de Santos.
Rua Dona Áurea Gonzalez Conde, 65.
Tel: (0xx13) 261 - 2867

2- ROTEIRO LITORAL NORTE - REGIÃO

Praias, dezenas de ilhas que permitem passeios ou mergulho e atrativos naturais para a prática do ecoturismo.

Municípios integrantes: Bertioga, São Sebastião, Ilhabela, Caraguatatuba e Ubatuba.

Delegacia Regional de Turismo de São José dos Campos.
Av. Castelo Branco, 177.
Tel: (0xx12) 232 - 3975

3- ROTEIRO PORTINARI - REGIÃO

O roteiro caracteriza-se pela criação artística de Cândido Portinari que se manifesta em museus, igrejas e centros de arte da região.

Municípios integrantes: Santa Rita do Passa Quatro, Cássia dos Coqueiros, Franca, Altinópolis, Nuporanga, Cajuru, Batatais, Rifaina, Pedregulho, São Simão, Porto Ferreira,

Ribeirão Preto, Brodowski, Miguelópolis, Igarapava e Ituverava.
 Delegacia Regional de Turismo de Ribeirão Preto.
 Rua Barão do Amazonas, 1447.
 Tel: (0xx16) 636 – 8131

4- ROTEIRO DOS PEÕES – REGIÃO

Região marcada pelas provas dos peões boiadeiros, que movimentam muito a economia e reúnem grande público.

Municípios integrantes: Adolfo, Barretos, Bebedouro, Colina, Colômbia, Ibirá, Icem, Mendonça, Mirassol, Monte Aprazível, Nova Granada, Olímpia, Palestina, Paulo de Faria, São José do Rio Preto, Ubarana e Catanduva.

Delegacia Regional de Turismo de Araraquara.

Rua Carvalho Filho, 150.

Tel: (0xx16) 232 – 0311

5- ROTEIRO BELEZA DA MANTIQUEIRA - REGIÃO

A natureza presenteia a saúde com suas águas terapêuticas, cachoeiras e trilhas.

Municípios integrantes: Mairiporã, Amparo, Serra Negra, Socorro, Águas de Lindóia, Bragança Paulista, Pedreira, Jaguariúna, Mogi-Mirim, Monte Alegre do Sul, Itapira, Espírito Santo do Pinhal, Santo Antônio de Posse, Mogi-Guaçu, Holambra, Morungaba, Itatiba, Tuiuti, Atibaia, Nazaré Paulista, Piracaia, Joanópolis, Bom Jesus dos Perdões e Jundiá.

Delegacia Regional de Turismo de Campinas.

Rua Engenheiro Cândido Gomide, 196.

Tel: (0xx19) 243 – 8188

6- ROTEIRO DAS SERRAS - REGIÃO

O roteiro caracteriza-se por forte atividade cultural, pelas atrações naturais ditadas pela presença do rio Piracicaba e pelas fontes com propriedades medicinais.

Municípios integrantes: Analândia, Águas de São Pedro, Itirapina, Leme, Limeira, Piracicaba, Rio Claro, São Pedro, Torrinha, Brotas, Cordeirópolis, Corumbataí, Ipeúna,

Santa Gertrudes, Itacemópolis, Charqueada, Americana, Santa Cruz da Conceição, Santa Maria da Serra, Santa Bárbara D'Oeste e Paulínia.

Delegacia Regional de Turismo de Campinas.

Rua Engenheiro Cândido Gomide, 196.

Tel: (0xx19) 243 – 8188

7- ROTEIRO DOS TROPEIROS - REGIÃO

O roteiro caracteriza-se pela presença de diversos marcos históricos de seu desenvolvimento sociocultural, desde a época dos bandeirantes.

Municípios integrantes: Araçoiaba da Serra, Capela do Alto, Ibiúna, Mairinque, Piedade, Pilar do Sul, São Roque, Saparuí, Sorocaba, Tapiraí, Votorantim, Itu, Salto, Pirapora do Bom Jesus, Porto Feliz, Santana do Parnaíba, Cabreúva, Iperó, Cerquilha e Boituva.

Delegacia Regional de Turismo de Sorocaba.

Avenida Presidente Kennedy, 160.

Tel: (0xx15) 233 – 0366

8- ROTEIRO VALE DO PARAÍBA - REGIÃO

A riqueza histórico-cultural do roteiro do Vale do Paraíba encontra cenário à altura na diversidade da natureza.

Municípios integrantes: Cachoeira Paulista, Guaratinguetá, Lavrinhas, Lorena, Areias, São José do Barreiro, Jacareí, Cruzeiro, São José dos Campos, Paraibuna, Natividade da Serra, Cunha, Taubaté, Tremembé, Pindamonhangaba, Roseira, Aparecida, Santa Branca, Bananal, Piquete, Caçapava, Igaratá, Jambeiro, Lagoinha, Redenção da Serra, São Luiz do Paraitinga, Santo Antônio do Pinhal, São Bento do Sapucaí, Arapeí, Monteiro Lobato, Campos do Jordão, Queluz e Silveiras.

Delegacia Regional de Turismo de São José dos Campos.

Av. Castelo Branco, 177.

Tel: (0xx18) 222 – 3975

9- ROTEIRO ENCONTRO DAS ÁGUAS - REGIÃO DE PRESIDENTE PRUDENTE

Caracteriza-se pelas águas majestosas do Rio Paraná que dominam o cenário deste roteiro.

Municípios integrantes: Assis, Paraguaçu-Paulista, Rancharia, Martinópolis, Presidente Prudente, Álvares Machado, Presidente Bernardes, Santo Anastácio, Presidente Venceslau, Piquerobi, Presidente Epitácio, Pirapozinho, Mirante do Paranapanema, Teodoro Sampaio, Rosana, Regente Feijó, Indiana e Tambaú.

Delegacia Regional de Turismo de Presidente Prudente.

Rua Bela, 259.

Tel: (0xx18) 222 - 4045

10 - ROTEIRO PECUÁRIO - REGIÃO DE ARAÇATUBA

O roteiro caracteriza-se por atrações histórico-culturais ligadas às suas raízes rurais, pela força da agropecuária da região e pelas atrações naturais ditadas pela presença do rio Tietê e pelas águas termais.

Municípios integrantes: Barbosa, Avanhandava, Ubarana, Promissão, Sales, Sabino, Araçatuba, Buritama, Birigüi, Coroados, Planalto Glicério, Penápolis, José Bonifácio, Guararapes, Lins, Turiba, Lourdes, Guaimbé e Santo Antônio do Aracanguá.

Delegacia Regional de Turismo de Araçatuba.

Av. Cussy de Almeida, 1950.

Tel: (0xx18) 623 - 0410/623 - 1766

10 - ROTEIRO DOS GRANDES LAGOS - REGIÃO DE ANDRADINA

As águas caudalosas do Tietê, do Rio Grande, do Paraná e do São José dos Dourados e as barragens das usinas de Três Irmãos, de Ilha Solteira e Engenheiro Souza Dias são as atrações do roteiro.

Municípios integrantes: Panorama, Paulicéia, Castilho, Andradina, Itapura, Ilha Solteira, Pereira Barreto, Suzanópolis, Rubinéia, Santa Fé do Sul, Nova Canaã, Três Fronteiras,

Santa Clara D'Oeste, Indaiporã, Mira Estrela, Fernandópolis, Cardoso, Votuporanga, Jales, Mesópolis e Parisi.

Delegacia Regional de Turismo de Araçatuba.

Av. Cussy de Almeida, 1950.

Tel: (0xx18) 623 - 0410/623 - 1766

11 - ROTEIRO HIDROVIA TIETÊ-PARANÁ - REGIÃO DE BAURU

Roteiro marcado pela presença de atrativos naturais e influenciado pelo grande número de estabelecimentos de ensino superior.

Municípios integrantes: Ibitinga, Iacanga, Itajuí, Arealva, Bauru, Bariri, Boracéia, Itapuí, Pederneras, Jaú, Macatuba, Dois Córregos, Mineiros do Tietê, Barra Bonita, Igarapu do Tietê, São Manoel, Botucatu, Santa Maria da Serra, Anhembi, Lençóis Paulista e Piratininga.

Delegacia Regional de Turismo de Bauru.

Rua Rui Barbosa, 17/51.

Tel: (0xx14) 222 - 7473

13 - ROTEIRO ECOLÓGICO DO RIBEIRA - REGIÃO

Roteiro com diversificado e, ainda, conservado acervo natural, representado pelas matas, cachoeiras, praias, cavernas e rios, ao lado de importante conjunto arquitetônico e arqueológico.

Municípios integrantes: Apiaí, Eldorado, Jacupiranga, Registro, Jujuiá, Miracatu, Pedro de Toledo, Pariquera-Açu, Sete Barras, Barra do Turvo, Cananéia, Iguape, Itariri, Iporanga, Guapiara, Capão Bonito e Ilha Comprida.

Delegacia Regional de Turismo de Santos

Rua Dona Áurea Gonzales Conde, 64

Tel: (0xx13) 227 - 8267

14 - ROTEIRO AGRÍCOLA - REGIÃO DE MARÍLIA

Atrativos naturais e as manifestações folclóricas são os principais atrativos deste roteiro.

Municípios integrantes: Duartina, Alvinlândia, Ocaçu, Garça, Vera Cruz,

Marília, Pompéia, Tupã, Bastos, Parapuã, Oswaldo Cruz, Lucélia, Adamantina, Pacaembu, Junqueirópolis, Dracena, Quintana, Inúbia Paulista, Nova Guataporanga, Porecatu e Salmourão.

Delegacia Regional de Turismo de Marília.
Rua Arco Verde, 423.
Tel: (0xx14) 433 - 0099

COMO UM MUNICÍPIO TRANSFORMA-SE NUMA ESTÂNCIA DE QUALQUER NATUREZA?

Para a Secretaria de Estado de Esportes e Turismo,

"Estâncias são locais privilegiados que oferecem condições ao lazer, à recreação e ao entretenimento promovidos pelo aproveitamento dos recursos naturais específicos, como climas, águas minerais ou termais, ou elementos que as tornam especiais e particulares, sempre para o bem estar do homem."

Muitos municípios exploram o turismo, porém a maioria, por desconhecimento ou pela precariedade dos recursos para atender as exigências burocrático-administrativas, acabam operando a atividade turística de maneira amadora. Tal procedimento resulta em subaproveitamento ou degradação dos recursos naturais, na baixa qualificação da mão-de-obra, comprometendo a qualidade dos serviços e, conseqüentemente, no baixo retorno financeiro que a atividade poderá gerar. Outro aspecto a ser considerado é o fato de que se a comunidade local não estiver devidamente preparada e envolvida com o turismo, os impactos econômicos, sociais e culturais podem ser altamente negativos para os moradores do lugar.

A legalização do município como Estância

promove vantagens fundamentais, como a definição de sua identidade turística e o direito de usufruir de verbas oficiais que serão destinadas à implantação e manutenção da infra-estrutura e dos equipamentos turísticos.

Várias leis foram criadas para disciplinar o repasse de recursos financeiros para as Estâncias. A última delas, criada pelo Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias da Secretaria de Estado e Turismo, que é o órgão responsável pela aprovação técnica dos pedidos de regulamentação dos municípios, é a Lei nº 6.470/89. Em 1996, a Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, promulgou a EMENDA CONSTITUCIONAL nº4, alterando o parágrafo 2º do artigo 146 da Constituição do Estado de São Paulo, dando a seguinte redação:

"Artigo 146.....

parágrafo 1º

parágrafo 2º - O Fundo de Melhoria das Estâncias terá dotação orçamentária nunca inferior a dez por cento da totalidade da arrecadação dos impostos municipais dessas estâncias, no exercício imediatamente anterior, devendo a lei fixar critérios para a transferência e a aplicação desses recursos".

Esta EMENDA está em vigor atualmente e serve de base para os repasses dos recursos financeiros, cujos critérios são fixados em lei.

Um município que se transforma oficialmente em Estância deve preparar-se com infra-estrutura e serviços dimensionados para atender as necessidades dos visitantes em permanência relativamente prolongada e retornos sucessivos.

A atual legislação classifica os municípios em apenas quatro modalidades de estância: **as hidrominerais, as climáticas, as balneárias e as turísticas.**

Cada município que desejar regulamentar-se como uma estância deve adotar os procedimentos exigidos pela SET. Resumidamente, os procedimentos básicos são:

↳ solicitação inicial, providenciada pelo prefeito do município junto à Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo;

↳ após tramitação na Assembléia Legislativa, os anteprojetos são enviados à SET para análise e orientação a respeito das informações que as prefeituras deverão providenciar;

↳ as prefeituras devem enviar um relatório com as informações ao Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias.

Existe uma orientação básica exigida para cada modalidade de Estância, estabelecida pelo DADE – Departamento de Apoio ao Desenvolvimento das Estâncias, que transcreveremos a seguir:

1 – PARA AS HIDROMINERAIS

a) Informar sobre a localização do município, de fonte de água mineral, natural ou artificialmente captada devidamente legalizada por decreto de concessão de lavra expedido pelo Governo Federal, com vazão mínima de 96.000 litros por vinte e quatro horas.

Quando no município existirem fontes de água mineral com análises químicas e físico-químicas semelhantes segundo a classificação estabelecida pelo Código de Águas Minerais, Decreto-Lei Federal nº 7.841, de 8 de agosto de 1946, poderão ser somadas as respectivas vazões, para a apuração do requisito mínimo previsto na legislação em vigor.

- anexar a reprodução integral e autenticada, ou publicação oficial, do decreto de concessão de lavra da fonte ou fontes existentes no município.

- Anexar resultados completos de análises químicas e físico-químicas das respectivas águas minerais, procedidas por órgão oficial competente;

b) Informar sobre a existência, no município, de balneário de uso público para tratamento crenoterápico segundo a natureza das águas e cuja edificação e funcionamento deverão enquadrar-se dentro dos padrões e normas fixados no Decreto nº 20/72 – anexo B.

O referido balneário deverá estar localizado em território do município e ser abastecido por uma ou mais emergências de água mineral, devidamente legalizadas, cujas vazões atinjam o mínimo de 96.000 litros, por vinte e quatro horas.

- anexar comprovante relativo ao resultado das medidas de vazão das respectivas fontes de água mineral, observado o disposto nos parágrafos 2º e 3º do Decreto nº 20/72 – anexo B.

- anexar planta na escala de 1:100 do balneário de uso público existente no município, para tratamento crenoterápico acompanhada de memorial descritivo;

c) informar sobre as águas de qualquer natureza, de uso público, que não excedam padrões de contaminação e níveis mínimos de poluição, anexando na normalidade, o comprovante expedido por entidade especializada oficial;

d) informar sobre a existência de abastecimento regular de água potável, capaz de atender às populações fixa e flutuante, no município, mesmo nos períodos de maior

afluxo de turistas, anexando o comprovante, expedido por entidade especializada oficial;

e) informar sobre o ar atmosférico cuja composição ou propriedade não estejam alteradas pela existência de poluentes, de maneira a torná-lo impróprio, nocivo ou ofensivo à saúde, anexando o comprovante, expedido por entidade especializada oficial; e

f) apresentar descrição sucinta dos principais atrativos turísticos existentes no município, com indicação das respectivas localizações.

II - PARA AS CLIMÁTICAS

a) informar sobre a existência, no município, de posto meteorológico instalado e em funcionamento ininterrupto durante, pelo menos, três anos, operado por entidades especializadas oficiais, cujos resultados médios se enquadrem dentro das seguintes características:

I - Temperatura média das mínimas de verão, de 20°C.

II - Temperatura média das máximas de verão, de 25°C.

III - Temperatura média das mínimas de inverno, de 18°C.

IV - Umidade relativa média anual até 60%, admitida a variação para menos, de 10% do resultado obtido no local.

V - Número anual de horas de insolação superior a duas mil.

- Anexar comprovante expedido por entidade especializada oficial, referente a observações meteorológicas procedidas no município;

b) informar sobre as águas de qualquer natureza, de uso público, que não excedam padrões de contaminação e níveis mínimos de poluição, anexando na normalidade o comprovante, expedido por entidade especializada oficial;

c) informar sobre a existência de abastecimento regular de água potável, capaz de atender às populações fixa e flutuante, no município, mesmo nos períodos de maior afluxo de turistas, anexando o comprovante, expedido por entidade especializada oficial;

d) informar sobre o ar atmosférico, cuja composição ou propriedades não estejam alteradas pela existência de poluentes, de maneira a torná-lo impróprio, nocivo ou ofensivo à saúde, anexando o comprovante, expedido por entidade especializada oficial; e

e) apresentar descrição sucinta dos principais atrativos turísticos existentes no município, com indicação das respectivas localizações.

III - PARA AS BALNEÁRIAS

a) informar sobre a existência no município, de praia para o mar não se considerando

como tal orla marítima constituída exclusivamente de rocha viva;

b) informar sobre as águas de qualquer natureza, de uso público, que não excedam padrões de contaminação e níveis mínimos de poluição, anexando na normalidade o comprovante, expedido por entidade especializada oficial;

c) informar sobre a existência de abastecimento regular de água potável, capaz de atender às populações fixa e flutuante, no município, mesmo nos períodos de maior afluxo de turistas, anexando o comprovante, expedido por entidade especializada oficial;

d) informar sobre o ar atmosférico, cuja composição ou propriedades não estejam alteradas pela existência de poluentes, de maneira a torná-lo impróprio, nocivo ou ofensivo à saúde, anexando o comprovante, expedido por entidade especializada oficial; e

e) apresentar descrição sucinta dos principais atrativos turísticos existentes no município, com indicação das respectivas localizações; e

f) anexar mapa cartográfico ou planta da faixa litorânea, contendo a denominação das praias existentes no município.

IV - PARA AS TURÍSTICAS

a) informar quais os atrativos turísticos do município, de natureza histórica, artística ou religiosa, bem como dos recursos naturais e paisagísticos existentes, especificando para cada um as seguintes informações:

- descrição do atrativo e sua área de uso público;
- localização do atrativo;
- propriedade dos atrativos;
- considerações de acesso do público;
- infra-estrutura turística existente;

b) informar se as águas de qualquer natureza, de uso público do município, tais como rios, lagos, represas, etc., inclusive as do abastecimento de água, não excedem padrões de contaminação e níveis mínimos de poluição, anexando o comprovante, expedido por entidade especializada oficial;

c) informar sobre o abastecimento regular de água potável, sistema de coleta e disposição de esgotos sanitários, bem como dos resíduos sólidos, capazes de atender às populações fixa e flutuante, no município, mesmo nas épocas de maior afluxo de turistas, anexando os comprovantes respectivos, expedidos por entidades especializadas oficiais, de que o município atende aos padrões mínimos indispensáveis;

d) informar sobre o ar atmosférico, cuja composição não esteja alterada pela

existência de poluentes, de maneira a torná-lo impróprio, nocivo ou ofensivo à saúde, anexando na normalidade o documento comprobatório expedido por entidade especializada oficial;

e) informar sobre as unidades hoteleiras registradas no cadastro da Prefeitura, indicando em cada caso:

- nome do estabelecimento;
- número de apartamentos e/ou quartos;
- número total de leitos, e
- se o estabelecimento opera com diária completa ou apenas pernoite com café da manhã;

f) informar quais as áreas de lazer e recreação existentes no município, bem como jardins e bosques, para passeio público, indicado para cada caso:

- se de uso público;
- nome, se houver;
- área aproximada;
- localização, e
- equipamentos existentes.

OBSERVAÇÕES

1 - Fotografias poderão ilustrar os atrativos turísticos relatados, em preto e branco ou coloridas, no tamanho máximo de 9 x 12 cm;

2 - No caso específico das estâncias turísticas, a documentação deverá ser encaminhada, obrigatoriamente, em duas vias de igual teor;

3 - O encaminhamento da documentação deverá ser dirigido ao Senhor Diretor do DEPARTAMENTO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DAS ESTÂNCIAS –
Endereço: Rua São Bento, nº 380 – 3º andar – CEP: 01010 – 904;

4 - Para obtenção de informações sobre o assunto, contatar o CORPO TÉCNICO do DADE, pelo telefone:
(0xx11) 3105 – 7473 e FAX (0xx11) 3105 – 7621; e

5 - As informações solicitadas deverão ser enviadas com a maior brevidade possível.

ORIENTAÇÃO PARA CRIAÇÃO DE ESTÂNCIA DE QUALQUER NATUREZA

3.6 – o Departamento de Apoio às Estâncias, após o recebimento das informações, oficialmente prestadas pela Prefeitura interessada, procederá à análise da documentação, dando o devido prosseguimento, como segue:

- solicitação via ofício à Prefeitura de informações complementares (se for o caso);
- no caso das Hidrominerais, Climáticas e Balneárias, se toda a documentação enviada estiver atendendo aos requisitos legais, será programada uma vistoria no município; e
- caso o município deixar de atender a, pelo menos, um dos requisitos exigidos, será elaborado parecer contrário à transformação pretendida.

3.7 – CASO ESPECÍFICO PARA A ESTÂNCIA TURÍSTICA – conforme disposto pela legislação, o relatório enviado pela Prefeitura interessada é encaminhado ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico – CONDEPHAAT - onde é solicitado o documento referente à verificação e reconhecimento dos atrativos lá existentes.

Após a manifestação do citado Conselho, o Departamento de Apoio às Estâncias dará o devido prosseguimento, como segue:

- solicitação via ofício à Prefeitura de informações complementares (se for o caso);
- se toda a documentação enviada estiver atendendo aos requisitos legais, será programada uma vistoria no município; e
- caso o município deixar de atender a, pelo menos, um dos requisitos exigidos, será elaborado parecer final contrário à transformação pretendida.

3.8 – A vistoria técnica objetiva constatar a veracidade das informações constantes do processo sobre o assunto. Nessa ocasião, todos os itens informados serão vistoriados e, se considerados em ordem, será editado o Parecer Final.

3.9 – O Parecer Final poderá ser favorável se o município atender a todos os requisitos exigidos, caso contrário, será editado Parecer contrário.

3.10 – Na seqüência, o Parecer é enviado, por intermédio do Senhor Secretário desta Pasta, à Assessoria Técnico-Legislativa, que, por sua vez, o encaminhará à Assembléia Legislativa do Estado, sendo analisado e apreciado pelas Comissões Técnicas e, se favorável, dependerá ainda do voto favorável da maioria absoluta daquela Casa Legislativa.

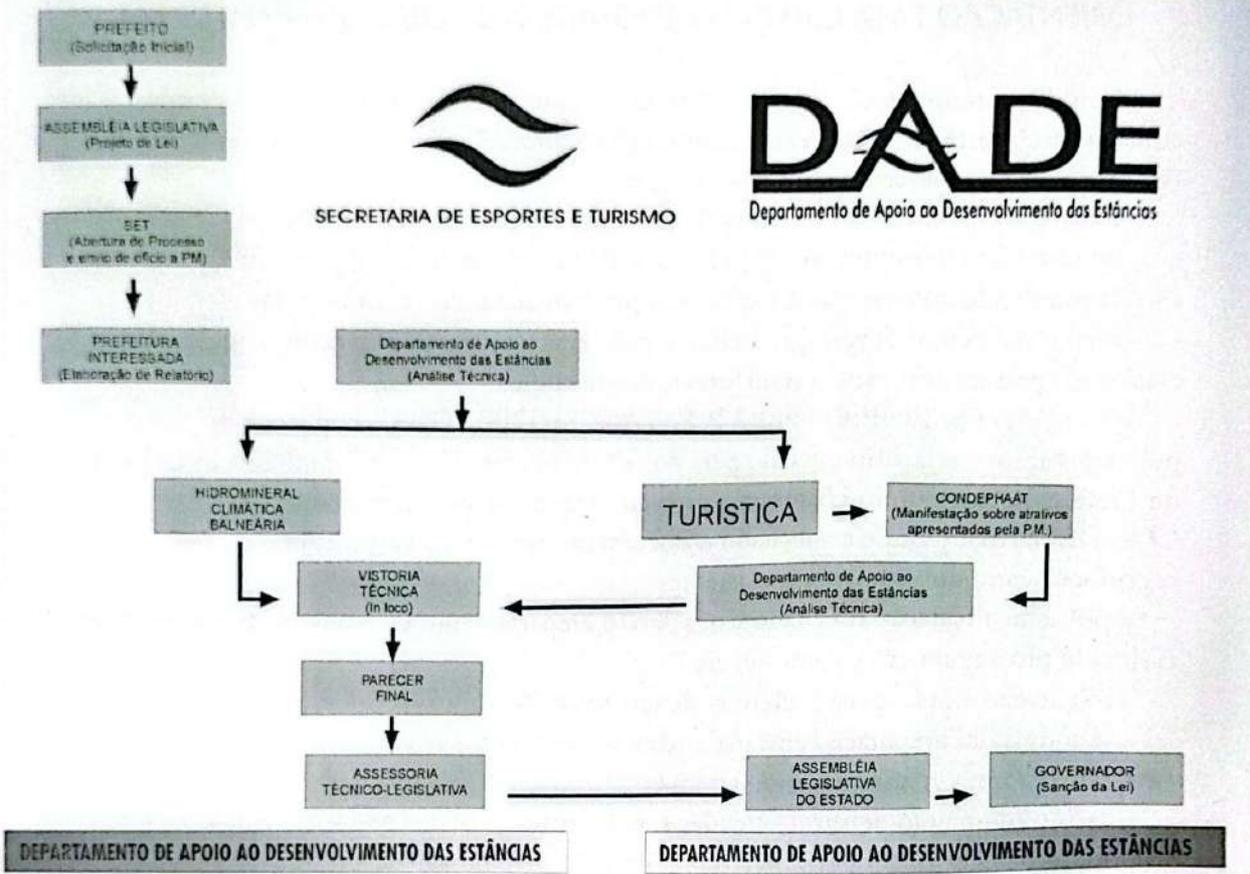
Observação: Conforme a Resolução nº 666/88, da Assembléia Legislativa, serão arquivadas, no início de cada Legislatura, as proposições apresentadas na anterior.

3.11 – A decisão final sobre a transformação de um município à condição de estância, desde que aprovada pela Assembléia Legislativa, dependerá sempre do Governador do Estado, que, se julgar conveniente e oportuno, poderá sancionar a Lei.

A partir da publicação da Lei no Diário Oficial do Estado, transformando o município em estância, este enquadrar-se-á no rol das Estâncias Paulistas, podendo receber os benefícios do FUNDO DE MELHORIA DAS ESTÂNCIAS.

FLUXOGRAMA

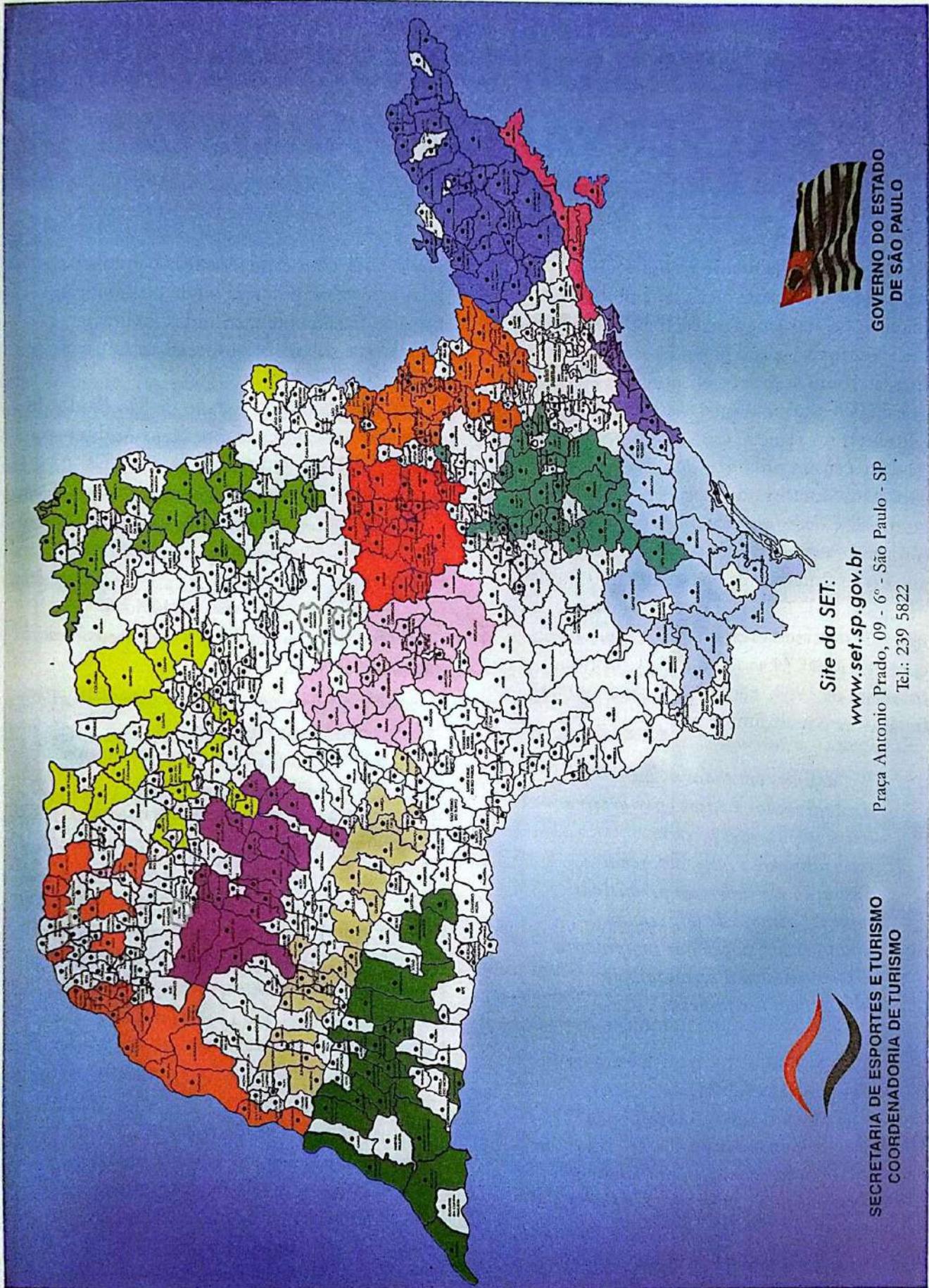
ORIENTAÇÃO PARA CRIAÇÃO DE ESTÂNCIA DE QUALQUER NATUREZA



DEPARTAMENTO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DAS ESTÂNCIAS

DEPARTAMENTO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DAS ESTÂNCIAS

MUNICÍPIOS TURÍSTICOS E OU COM POTENCIALIDADES TURÍSTICAS



GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Site da SET:

www.set.sp.gov.br

Praça Antonio Prado, 09 - 6º - São Paulo - SP

Tel.: 239 5822



SECRETARIA DE ESPORTES E TURISMO
COORDENADORIA DE TURISMO

AS ÁREAS DE CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO PAULISTAS

Hoje é mundialmente reconhecida a necessidade de preservação do ambiente no planeta. Os movimentos ecológicos ganham cada vez mais espaço na mídia exercendo forte pressão sobre os grupos econômicos. Estima-se que 60.000 espécies vegetais, das 250.000 existentes no planeta, correm o risco de desaparecer nas próximas décadas. Essas expectativas reforçam a necessidade de controlar e deter o processo de desmatamento e promover a difusão do manejo adequado de áreas com florestas remanescentes. No Brasil a necessidade de preservar os ecossistemas naturais que ainda restam ganha estatuto constitucional. O artigo 225 da Constituição brasileira de 1988, capítulo VI, parágrafo III trata sobre o meio ambiente e estabelece:

“definir, em todas as unidades da Federação, espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos, sendo a alteração e a supressão permitidas somente através de lei, vedada qualquer utilização que comprometa a integridade dos atributos que justifiquem sua proteção”.

A referência constitucional a espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos corresponde às **Unidades de Conservação (UCs)**. Estas são entendidas como áreas que, por apresentar patrimônio natural e cultural, devem ser demarcadas e protegidas da ação predatória humana. Constituem-se em porções do território nacional, incluindo as águas

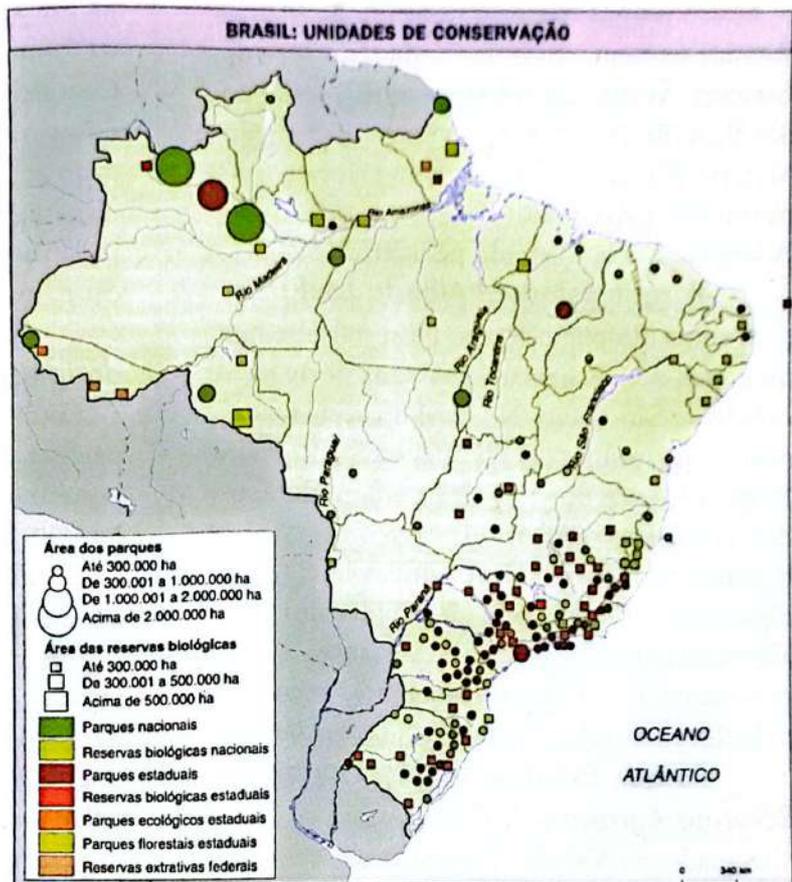
territoriais, com características naturais de relevante valor, públicas ou de propriedade privada, legalmente instituídas, limites definidos e sob regime especial de administração.

A Constituição do Estado de São Paulo de 1989, em seu capítulo sobre Meio Ambiente, também destaca a importância das UCs e estabelece os seguintes objetivos:

- ↳ garantir a manutenção de bancos genéticos, da diversidade de espécies e ecossistemas;
- ↳ manter os processos ecológicos fundamentais e os equilíbrios indispensáveis à qualidade de vida;
- ↳ preservar a vida silvestre, especialmente da biota nativa;
- ↳ proteger as espécies raras, endêmicas, vulneráveis ou em perigo de extinção;
- ↳ proteger áreas com características extraordinárias, ou que abriguem exemplares raros da biota regional;
- ↳ estimular alternativas de atividades que promova, com o uso sustentável dos recursos naturais, a associação do desenvolvimento econômico com a conservação ambiental, servindo, também, para proteger modos tradicionais de uso dos recursos naturais e dos ecossistemas, permitindo sua evolução autodeterminada;
- ↳ proteger locais de interesse arqueológico, geológico, geomorfológico, paleontológico e espeleológico, entre outros;
- ↳ preservar a qualidade das águas, protegendo a sua produção e minimizando os processos não naturais de erosão e sedimentação;

- conservar as belezas cênicas;
- promover atividade de educação ambiental, recreativas e científicas;
- fomentar o uso racional e sustentável das riquezas naturais, por meio de áreas de uso múltiplo;
- assegurar melhor qualidade de vida às populações que vivem dentro das UCs e na circunvizinhança.

As UCs podem ser classificadas em diferentes categorias e com variado nível de restrição ambiental. O Ministério do Meio Ambiente relaciona seis tipos de UC, a saber: **parques nacionais, reservas biológicas, florestas nacionais, estações ecológicas, reservas ecológicas e reservas extrativistas.**



Fonte: IBGE, Anuário Estatístico do Brasil, 1995, p. 1-140.

AS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO

Apresentamos a seguir uma síntese com as características das UCs do Estado de São Paulo, extraída do *Atlas das Unidades de Conservação Ambiental do Estado de São Paulo*, Metalivros, Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Parte I, Litoral, 1996 e Parte II, Interior, 1998. Mantivemos a divisão utilizada pela obra citada, ou seja: interior paulista, correspondendo à zona de abrangência a partir da serra do mar, indo em direção oeste.

Parques

Constituem UCs destinadas à proteção de áreas representativas de ecossistemas com a finalidade de resguardar atributos excepcionais da natureza. Promove a preservação da flora, da fauna e das belezas naturais com a utilização para objetivos científicos, educacionais e recreativos. Podem ser áreas aquáticas ou terrestres dotadas de atributos naturais ou paisagísticos notáveis, contendo espécies animais, vegetais ou sítios geológicos e geomorfológicos de interesse científico, cultural, educacional ou recreativo. São áreas destinadas para fins de conservação, pesquisa e turismo.

Parques do Interior Paulista

○ Parque Nacional da Serra da Bocaina

Único parque nacional existente no Estado, abrange os municípios de Cunha, São José do Barreiro, Arcias, Ubatuba, Parati (RJ) e Angra dos Reis (RJ). Estende-se ao longo da Serra do Mar, no Planalto Atlântico, com vales profundos e recortados. Recoberto pela Mata Atlântica. É administrado pelo IBAMA.

↳ **Parque Estadual Alberto Loeffgren**

Conhecido como Horto Florestal, abrange uma área de 174 hectares, na zona norte da cidade de São Paulo. No final do século esta área abrigava um engenho denominado Pedra Branca. Com o objetivo de estudar a flora, o naturalista sueco Alberto Loeffgren comandava o antigo Horto Botânico e Florestal do Estado. Situado no planalto atlântico com a presença de colinas e contrafortes da Serra da Cantareira, recoberta pela floresta ombrófila densa (Mata Atlântica).

↳ **Parque Estadual de Assessoria da Reforma Agrária (ARA)**

Situado em Valinhos, numa área desapropriada pelo Estado para a implantação de um projeto piloto de reforma agrária. Com 64,30 hectares, seu objetivo é proteção de uma parcela única da floresta rodeada de sítios onde se cultivam árvores frutíferas de grande importância econômica para a região.

↳ **Parque Estadual de Campos do Jordão**

Localizado na Serra da Mantiqueira, no município de Campos de Jordão. Com 8.341 hectares, seu objetivo é o de proteger os últimos remanescentes das florestas de araucária da região. A área do parque sobrepõe-se à APA de Campos de Jordão. Faz parte do planalto atlântico, com relevo montanhoso, altitudes de 1.030 a 2.007 metros, com vales profundos e vegetação diversificada misturada à mata de pinheiro-brasileiro. Localizado num importante centro turístico e estância climática, conhecida como a Suíça brasileira.

↳ **Parque Estadual da Cantareira**

Abrange parte dos municípios de São Paulo, Caieiras, Mairiporã e Guarulhos. Situa-se no

planalto atlântico, ocupando parte do Maciço da Cantareira e da Serra de Piracaia. O nome Cantareira, que vem da palavra cântaro – jarro ou vaso grande para guardar líquidos –, foi dado ao local em virtude da grande quantidade de nascentes e córregos. Localizado numa região altamente urbanizada, a vegetação ali existente representa resquício da mata atlântica.

↳ **Parque Estadual das Fontes do Ipiranga**

Localizado na região sudeste da capital paulista. Dentro dos limites do parque encontram-se as nascentes do riacho do Ipiranga, local de importância histórica para o país.

↳ **Parque Estadual das Furnas do Bom Jesus**

Ocupa uma área de 2.069,06 hectares, no município de Pedregulho. Situa-se numa região de *cuestas* basálticas, chapadas locais e topos arredondados ou aplainados, entre 1.040 a 1.060 metros de altitude.

↳ **Parque Estadual do Jaraguá**

Limitando-se com o município de São Paulo e Osasco, ocupa uma área de 492,68 hectares. Seu primeiro proprietário foi o bandeirante Afonso Sardinha, no século XVII. Data dessa época o casarão onde funciona atualmente o Albergue da Juventude. Situado no planalto atlântico, com vegetação remanescente da floresta ombrófila densa com elementos da mata atlântica, com campos de altitude no topo das montanhas mais altas. Ponto turístico de ampla visitação, dali se avista toda a cidade.

↳ **Parque Estadual de Juqueri**

Tem a função de frear as pressões sobre a área de mananciais do sistema Cantareira, responsável pelo abastecimento de água de 60% da população metropolitana de São Paulo. Área natural notável, é o único remanescente de ilhas de cerrado na região metropolitana.

Localizado próximo ao sopé da Serra da Cantareira, nos municípios de Franco da Rocha e Caieiras. A vegetação forma um típico mosaico de campo-cerrado, cerrado e matas de fundo de vale.

Parque Estadual dos Mananciais de Campos do Jordão

Parque Estadual Morro do Diabo

Localizado no município de Teodoro Sampaio, extremo oeste do Estado, na região do Pontal do Paranapanema. Destaca-se na topografia suave do parque a presença do morro testemunho geológico: Morro do Diabo, com 600 metros de altitude. Abriga uma área de floresta estacional semidecídua, cuja característica é a queda das folhas durante a época da seca.

Parque Estadual de Vassununga

Com 1.732,14 hectares de área, englobando seis glebas descontínuas denominadas Capão da Várzea, Capetinga Oeste, Capetinga Leste, Praxedes, Maravilha, e Pé de Gigante. Sua função é resguardar uma formação geológica de interesse turístico denominada Pé de Gigante, devido ao seu formato, proteger os remanescentes do cerrado, as maiores e mais belas florestas de jequitibá-vermelho que ainda existem, as amostras representativas de matas ciliares e savanas, além dos atrativos turísticos que essas formações florestais oferecem para o município.

O parque está situado na região limite entre as *cuestas* Basálticas e a Depressão Periférica, com seus amplos morros e colinas, à margem direita do rio Mogi-Guaçu.

Litoral do Estado de São Paulo

A setorização costeira do Estado é compreendida por:

Litoral Norte: Ubatuba, Caraguatatuba, São Sebastião e Ilhabela;

Baixada Santista: Bertioga, Guarujá, Santos, São Vicente, Cubatão, Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe;

Vale do Ribeira do Iguape: abrange a Bacia do Rio Ribeira de Iguape (nasce no PR e desemboca no Oceano Atlântico). Ocupa parte da serra de Paranapiacaba e Serraria do Ribeiro.

Litoral Sul: Iguape, Cananéia e Ilha Comprida.

Parques do Litoral Paulista

Parque Nacional da Serra de Bocaina.

(já descrito)

Parque Estadual de Carlos Botelho (PECB)

Reúne quatro reservas florestais: Miguel Arcanjo, Carlos Botelho, Sete Barras, e Travessão, Capão Bonito. Abrange uma área de 37.664 hectares, com conformação montanhosa recoberta pela Floresta Atlântica.

Parque Estadual de Ilha Anchieta

Pertence ao município de Ubatuba e é cobertura vegetal semelhante à da serra do Mar. No século passado serviu de base naval para os ingleses e de colônia correccional e presídio político, agora em ruínas.

Parque Estadual de Ilha do Cardoso (PEIC)

Localizado no município de Cananéia. Faz parte do complexo Esturino-Lagunar de Iguape-Cananéia-Paranaguá. Recoberta pela Mata Atlântica, apresentando ocorrências de dunas, planícies de maré e manguezais, com grande biodiversidade. Nesta área chove 150 dias/ano.

Parque Estadual de Ilhabela

O arquipélago de São Sebastião que integra o município de Ilhabela é formado por 12 ilhas: São Sebastião, Vitória, Búzios, Somética, Cabras, Pescadores, Serraria, Galhetas (ou do Costão), Castelhanos, Prainha, Lagoa, Garoupa e Carvão, Codo e Figueira. De origem vulcânica, é recoberta por floresta de encosta.

Parque Estadual Intervales

A antiga fazenda Intervales era de propriedade do Estado. Abrange os municípios de Iporanga, Eldorado Paulista, Sete Barras e Ribeirão Grande. Superpõe-se espacialmente à APA da Serra do Mar. Recoberta por floresta tropical densa, possui numerosos sítios arqueológicos (mais de 50) onde se destacam os sambaquis fluviais. Apresenta a maior densidade de palmito nativo da Mata Atlântica,

explorado clandestinamente.

↳ **Parque Estadual de Jacupiranga**

É o segundo maior em extensão no Estado. Abrange parte dos municípios de Jacupiranga, Iporanga, Cajati, Eldorado Paulista, Barra do Turvo e Cananéia.

Formada por pequenas planícies, vales fluviais, serras, cavernas. Dois núcleos já foram implantados no seu interior, para iniciar o processo de manejo do parque:

1) núcleo Caverna do Diabo e 2) núcleo Cedro. O primeiro possui infra-estrutura turística e é aberto à visitação.

↳ **Parque Estadual de Jurupará**

Abrange parte dos municípios de Ibiúna e Piedade. Faz parte da serra de Paranapiacaba. Com vegetação típica de encosta da serra do mar.

↳ **Parque Estadual Marinho da Laje de Santos**

Constitui um parque marinho. Pertence ao município de Santos e distante 16,8 milhas náuticas da costa. É rico em coral, peixes e cardumes e ponto de reprodução de aves marinhas. Apresenta importante potencial turístico oferecendo pontos de mergulho, sem contudo um planejamento sustentável, apresentando ações predatórias.

↳ **Parque Estadual Pariquera-Açu**

Abrange o município de mesmo nome. Apresenta terraços marinhos, planícies flúvio-lagunares com grandes depósitos de turfas.

↳ **Parque Estadual da Serra do Mar**

Estende-se do litoral norte do Estado até o município de Peruíbe e Pedro de Toledo, no litoral sul. Envolve os municípios: Ubatuba, Caraguatatuba, São Sebastião, Bertioga, Santos, Cubatão, Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém e Peruíbe e outros situados no planalto atlântico. É o maior parque estadual paulista, com 315.390 hectares. Apresenta a maior área de floresta do domínio da Mata Atlântica, contendo todos os extratos de vegetação existente na região costeira, de manguezais a campos de altitude. Sobrepõe-se parcialmente

ao Parque Nacional da Serra da Bocaina.

Nele localizam-se diversas aldeias indígenas guaranis: Boa Vista do Sertão do Promirim, Rio Silveira, Rio Branco, Aguapeú e Bananal.

↳ **Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR)**

Em sua área existem dois núcleos de desenvolvimento: Santana e Caboclos e um terceiro em fase de implantação: Ouro Grosso. Seu objetivo é resgatar zonas em estado primitivo para conservação e proteção de paisagens e grutas, além de possibilitar a formação de um refúgio para defesa de fauna e flora.

Abrange terras dos municípios de Apiaí e Iporanga na serra de Paranapiacaba.

De relevo acidentado e rochas pré-cambrianas, onde a presença do calcário e filitos origina um relevo cárstico, representado por cavernas e grutas com estalagmites e estalactites. Possui uma das maiores concentrações de cavernas conhecidas no país, com mais de 250 já cadastradas, destacando-se a Caverna de Santana e o pórtico da Gruta Casa de Pedra, uma das maiores do mundo.

↳ **Parque Estadual Xixová-Japuí**

Localizado no município de Praia Grande e de São Vicente, na Baixada Santista. Com uma área de 90 hectares e presença de maciços cuja origem está associada à serra do Mar. É recoberto por florestas de encosta da mata atlântica.

Estações Ecológicas (EEs)

As EEs são áreas representativas de ecossistemas brasileiros destinadas à realização de pesquisas básicas e aplicadas, de ecologia e outras disciplinas, à proteção do ambiente natural e ao desenvolvimento da educação conservacionista. Permite a visitação controlada com fins de educação ambiental. Na área reservada às EEs é proibido qualquer tipo de exploração dos recursos naturais.

EEs do Interior paulista

- Estação Ecológica de Angatuba
- Estação Ecológica de Assis
- Estação Ecológica de Bananal
- Estação Ecológica de Caetetus
- Estação Ecológica de Ibicatu
- Estação Ecológica de Itaberá
- Estação Ecológica de Itapeti
- Estação Ecológica de Itapeva
- Estação Ecológica de Itirapina
- Estação Ecológica de Jataí
- Estação Ecológica de Mogi-Guaçu
- Estação Ecológica de Noroeste

Paulista

- Estação Ecológica de Paranapanema
- Estação Ecológica de Paulo de Faria
- Estação Ecológica de Ribeirão Preto
- Estação Ecológica de Santa Bárbara
- Estação Ecológica de Santa Maria
- Estação Ecológica de São Carlos
- Estação Ecológica de Sebastião

Aleixo da Silva (EE de Bauru)

- Estação Ecológica de Valinhos

EEs do Litoral Paulista

- EE de Chauás (Iguape)
- EE Juréia-Itatins (EEJI)

Área que gerou grande polêmica na década de 80, devido à intenção de a Nuclebrás implantar usinas nucleares na região. Seu nome é originário da língua tupi-guarani: juréia = ponta saliente (promontório) e Itatins = nariz de pedra (afloramento rochoso). A ocupação na área remonta do século XVIII, iniciada por grupos negros, índios e descendentes de europeus. No período da colonização, os portugueses, em busca do ouro, utilizavam-se da conhecida trilha do Imperador, que ligava a cidade de São Vicente à Vila de Cananéia, passando pela região.

- EE Tupinambás

Localizada no litoral norte: Ubatuba e S. Sebastião. Formado por dois conjuntos de ilhas.

EE Tupiniquim

Localizado no litoral sul: Peruíbe e Cananéia. Formado por ilhas e lajes costeiras.

EE Xitué

Situado no município de Ribeirão Grande, na Serra de Paranapiacaba. Superpõe-se à APA da serra do Mar.

Reservas Biológicas (REBIOS)

Unidades de conservação destinadas à preservação integral da biota e demais atributos naturais, sem interferência humana direta ou modificações ambientais a qualquer título. Prestam-se à proteção de amostras ecológicas do ambiente natural voltadas para estudos de ordem científica ou monitoramento ambiental, educação científica e manutenção de ecossistemas. A perseguição, caça, apanha ou introdução de espécies da fauna ou flora são proibidas. A propriedade dessas áreas deve ser do poder público.

REBIOS do Interior Paulista

- Reserva Biológica de Andradina
- Reserva Biológica e Estação Experimental de Mogi-Guaçu
- Reserva Biológica de Pindorama
- Reserva Biológica de Sertãozinho

Reservas Estaduais

- Reserva Estadual de Águas da Prata
- Reserva Estadual Lagoa São Paulo
- Reserva Estadual de Morro Grande
- Reserva Estadual do Pontal do Paranapanema

REBIOS do Litoral Paulista

- Reserva Biológica de Paranapiacaba
- Localizada no município de Santo André.

Apresenta alteração na vegetação devido aos efeitos das emissões de gases poluentes emitidos pelo complexo industrial de Cubatão.

Florestas Nacionais

Este tipo de UC surgiu da necessidade de desenvolver novas técnicas de plantio, além de funcionar como verdadeiro laboratório a céu aberto, quanto às técnicas de reflorestamento. As florestas nacionais são áreas de domínio público, providas de vegetação nativa ou plantada. Têm como objetivos: promover o manejo dos recursos naturais; garantir a proteção dos recursos hídricos, das belezas cênicas e dos sítios históricos e arqueológicos e fomentar o desenvolvimento da pesquisa científica, da educação ambiental e das atividades de recreação, lazer e turismo.

- (Floresta Nacional de Capão Bonito
- (Floresta Nacional de Ipanema

Áreas de Proteção Ambiental (APAs)

As APAs podem ser estabelecidas em terras de domínio público ou privado, conforme estabelece a legislação (Lei Federal 6.902/81 que estabelece que *"o poder executivo quando houver relevante interesse público, poderá declarar determinadas áreas do território nacional como de interesse para proteção ambiental, a fim de assegurar o bem-estar das populações humanas e conservar ou melhorar as condições ecológicas locais"*. Quando de domínio privado, as atividades econômicas podem ocorrer sem prejuízo dos atributos ambientais especialmente protegidos, respeitando-se a fragilidade e a importância desses recursos naturais. No Estado de São Paulo foram criadas 20 APAs, das quais 17 são estaduais e 3 federais, todas em áreas particulares.

Todas elas, segundo resolução CONAMA n.º 10, terão um zoneamento ecológico-econômico, o qual estabelece normas de uso.

Devendo todas possuir uma zona de vida silvestre (ZVS), entendida como área abrangida por remanescentes da flora original.

APAs do Interior Paulista

Federais

- (APA da Bacia do Rio Paraíba do Sul
- (APA da Serra da Mantiqueira

Estaduais

- (APA de Cajamar
- (APA de Campos de Jordão
- (APA Corumbataí, Botucatu e Tejuapá
- (APA Haras São Bernardo
- (APA Ibitinga
- (APA Jundiá e Cabreúva
- (APA Mata do Iguatemi
- (APA Parque e Fazenda do Carmo
- (APA Piracicaba-Juqueri-Mirim
- (APA Represa Bairro da Usina
- (APA Sapucaí-Mirim
- (APA Silveiras
- (APA Tietê
- (APA Várzea do Rio Tietê

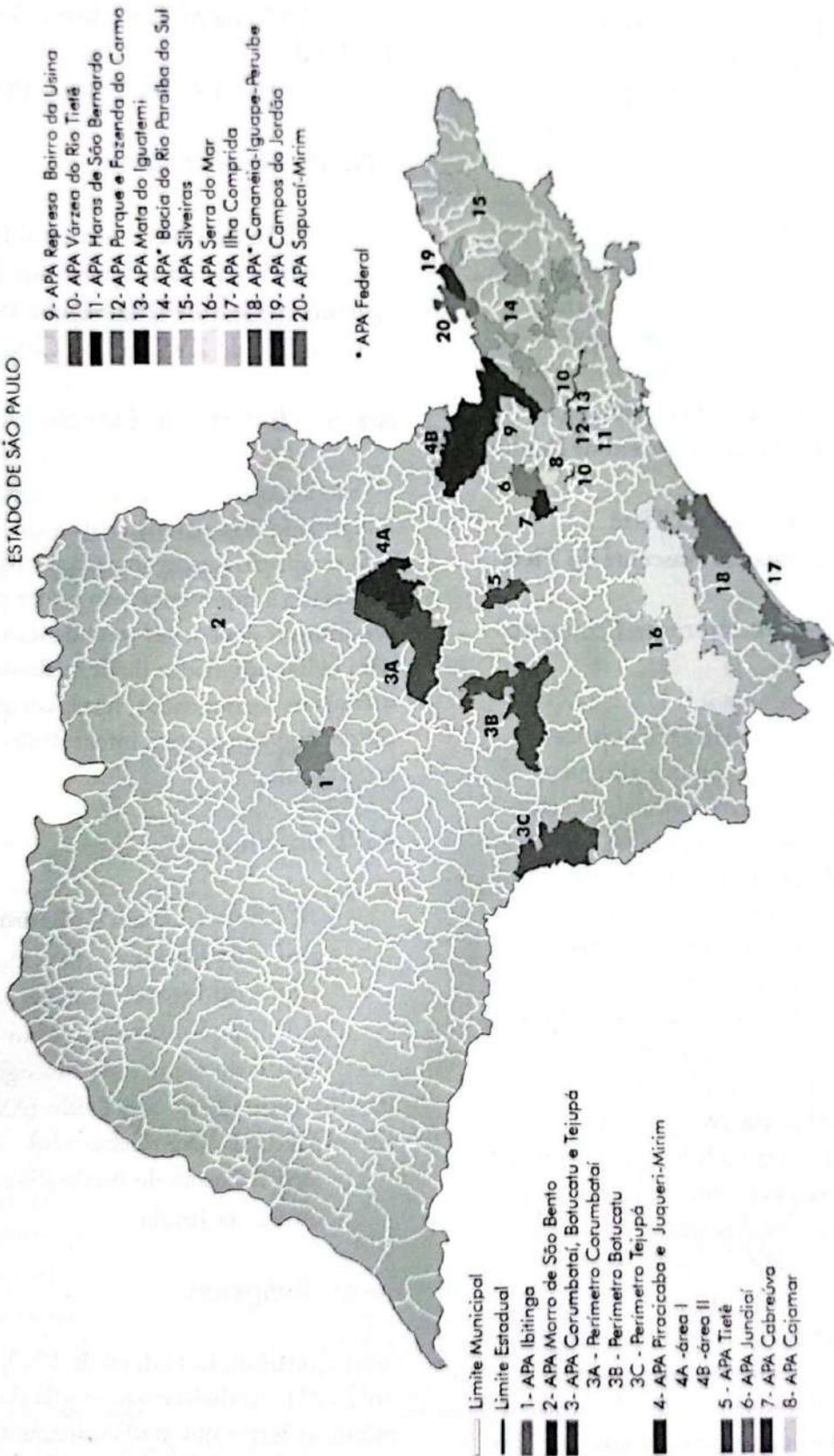
APAs do Litoral Paulista

- (APA Cananéia-Iguape-Peruíbe (APACIP)
- (APA Ilha Comprida (APAIC)
- (APA da Serra do Mar

Veja a localização no mapa a seguir:

P E R F I L A M B I E N T A L

ÁREAS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL (APAS) - 1992/1996
ESTADO DE SÃO PAULO



SMA / SEADE

Parques Ecológicos

Definida como área de fácil acesso à população e que possui extensão maior do que 50 hectares. Reúne mata com espécie nativa, arboreto, viveiro, trilhas educativas, lagos possibilitando a sensibilização da comunidade, difusão de informações e capacitação técnica. Trata-se de uma unidade paisagística de destaque, geralmente próxima a áreas urbanas com função cultural, lazer, voltada para o reforço da identidade homem-natureza.

- (Parque Ecológico Guarapiranga
- (Parque Ecológico Monsenhor Emílio José Salim
- (Parque Ecológico do Tietê
- (Parque Ecológico Nascente do Tietê

Áreas de Relevante Interesse Ecológico (ARIEs)

São áreas que possuem características naturais extraordinárias ou que abriguem exemplares raros da biota regional, exigindo proteção especial do poder público. São declaradas ARIEs quando tiverem extensão inferior a 5.000 hectares e pequena ou quase inexistente ocupação humana. Têm como objetivo manter os ecossistemas naturais de importância regional ou local e regular o uso admissível dessas áreas, de modo a compatibilizá-las com os objetivos da conservação ambiental. Nessas unidades são proibidas quaisquer atividades que possam pôr em risco: a conservação dos ecossistemas; a proteção especial das espécies endêmicas ou raras; a harmonia da paisagem. Algumas atividades consideradas não predatórias poderão ser exercidas nas ARIEs, tais como: o pastoreio e a coleta limitada de produtos naturais não lenhosos, desde que licenciados e controlados. Poderão ser constituídas por terras públicas ou privadas.

ARIE do Interior Paulista

- (ARIE da Mata de Santa Genebra (Federal)
- (ARIE da Pedra Branca (Estadual)

ARIE do Litoral Paulista

- (ARIE da Ilha do Ameixal (Peruíbe)
- (ARIE das Ilhas Queimada Pequena e Queimada Grande (Itanhaém e Peruíbe)
- (ARIE da ZVS da Ilha Comprida

Áreas sob Proteção Especial (ASPRs)

São áreas destinadas à manutenção da integridade dos ecossistemas locais ameaçados pela ocupação desorganizada, tomando-se necessária a intervenção do poder público. Em seu interior devem ser providenciadas medidas para evitar atividades de desmatamento, drenagens inadequadas, terraplanagem, ou outras que ameacem a integridade dos ecossistemas.

ASPE do Interior Paulista

- (ASPE da Chácara da Baronesa
- (ASPE da Roseira Velha
- (ASPE do Litoral Paulista
- (ASPE de Boissucanga (São Sebastião)
- (ASPE do Centro de Biologia Marinha da Universidade de São Paulo (ASPE EBIMAR-USP, (São Sebastião)
- (ASPE Costão do Navio (São Sebastião)
- (ASPE da Juréia

Terras Indígenas

A Constituição Federal de 1988, no seu artigo 231, estabelece que são de direito dos índios as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer que se respeitem todos os seus bens. As

terras ocupadas pelos índios destinam-se à sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas nelas existentes. Destinam-se igualmente ao desenvolvimento de sua organização social, língua e tradições e à preservação de seu acervo cultural. Em seu interior só serão admitidas as atividades para subsistência. A exploração dos recursos por terceiros é proibida.

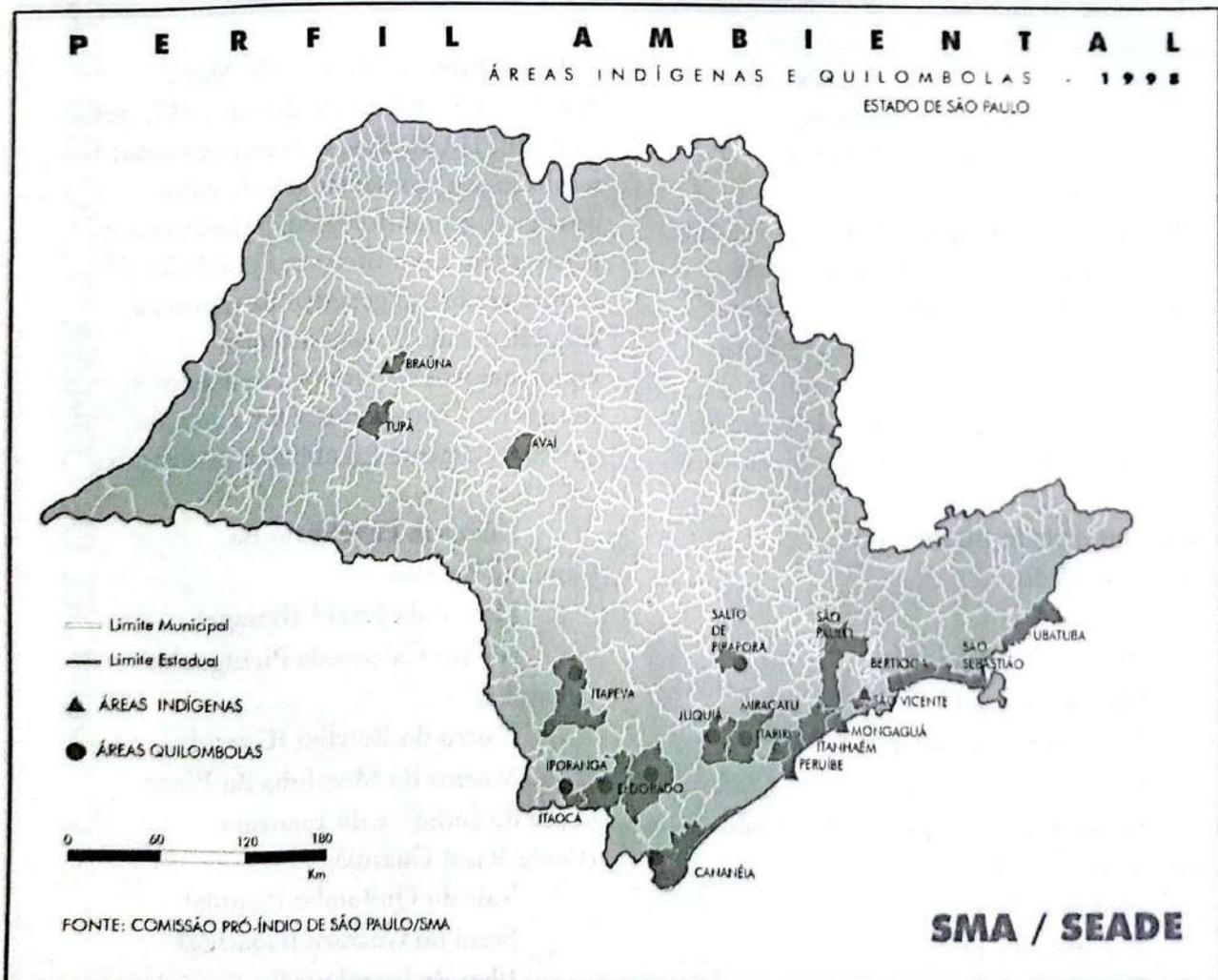
Áreas Indígenas do Interior Paulista

- ⌋ Terras Indígenas Araribá
- ⌋ Terras Indígenas da Barragem
- ⌋ Terras Indígenas de Icatu
- ⌋ Terras Indígenas do Jaraguá
- ⌋ Terras Indígenas Krukutu
- ⌋ Terras Indígenas Vanuíre

Terras Indígenas do Litoral Paulista

- ⌋ Terras Indígenas de Rio Brando
- ⌋ Terras Indígenas de Itariri
- ⌋ Terras Indígenas de Bananal
- ⌋ Terras Indígenas de Rio Branco
- ⌋ Terras Indígenas de Aguapeú, Itaoca
- ⌋ Terras Indígenas de Rio Silveiras
- ⌋ Terras Indígenas de Boa Vista

Observe mapa a seguir com a localização das Áreas Indígenas no Estado de São Paulo:



Áreas Naturais Tombadas

O tombamento constitui instrumento jurídico de proteção ao patrimônio cultural e natural, implicando restrições de uso que garantam a proteção e manutenção de suas características, sejam elas de valor histórico, arqueológico, turístico, científico ou paisagístico.

Os monumentos naturais, assim como os sítios e paisagens que importem conservar e proteger são equiparados aos bens do patrimônio histórico e artístico nacional.

O tombamento constitui uma forma de intervenção ordenada do Estado que restringe o exercício sobre bens de seu domínio e sobre direitos de utilização por parte do proprietário.

Os objetivos de interesse para conservação sob tombamento são os seguintes:

1 - paisagens naturais que se destacam tanto pela vegetação nativa e pela fauna, cujas espécies se acham em fase de extinção, como pelas características geomorfológicas, geológicas, pedológicas, hidrológicas e arqueológicas;

2 - áreas onde a ocupação humana se dá em porções restritas de espaço por representar padrões de articulação com o quadro natural;

3 - paisagens de excepcional beleza que são de grande interesse ao desenvolvimento do turismo. Os tombamentos podem ser definidos por Conselhos Estaduais, Federais e Municipais.

Áreas naturais tombadas no interior paulista

- () Bosque dos Jequitibás
- () Chácara Tangará
- () Fazenda Santa Genebra
- () Haras São Bernardo
- () Horto Florestal e Museu Edmundo Navarro de Andrade
- () Jardim da Luz
- () Nascente do Tietê
- () Parque da Aclimação

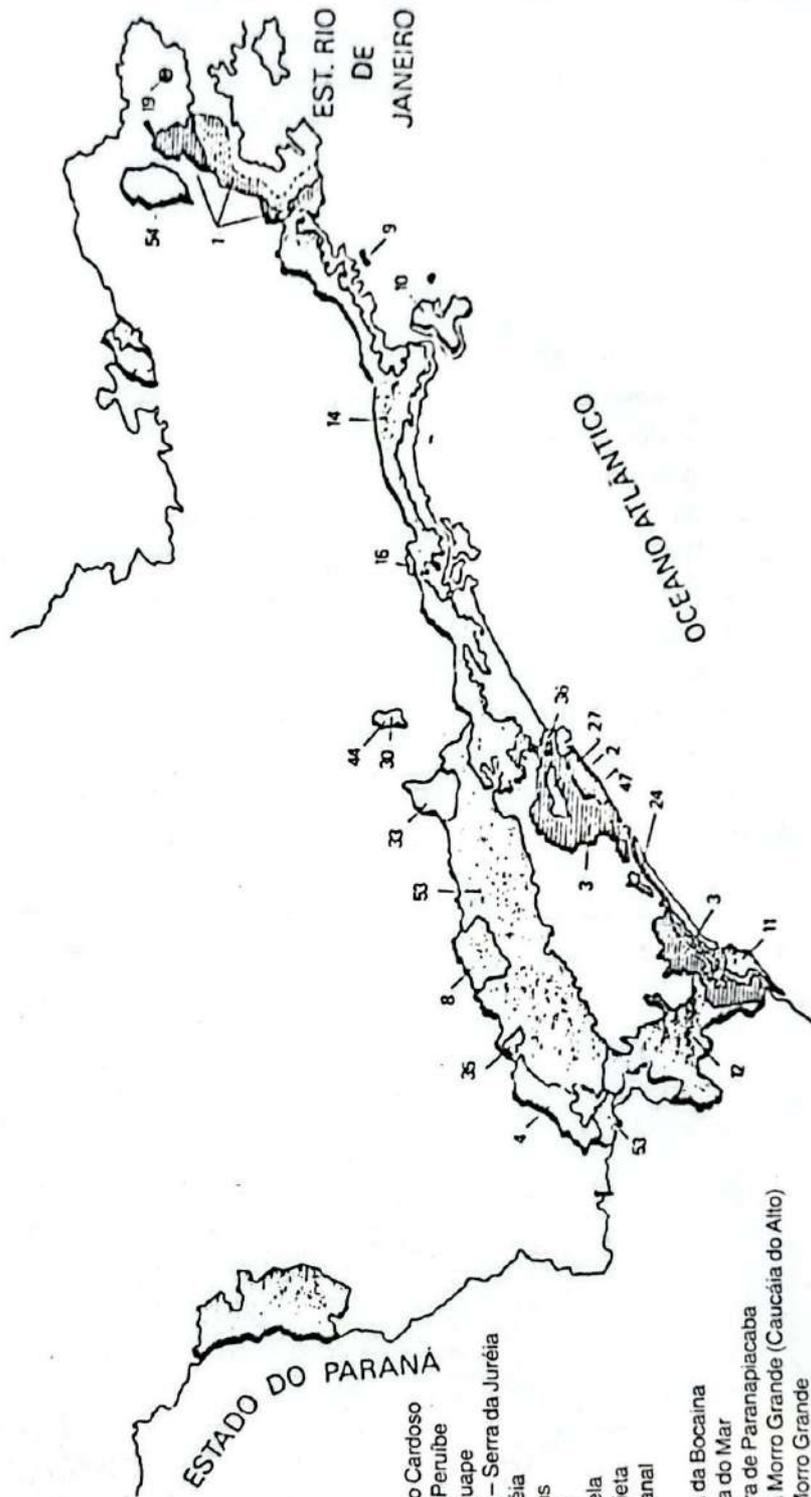
- () Parque da Água Branca
- () Parque Estadual do Jaraguá
- () Parque do Ibirapuera
- () Parque das Monções
- () Parque Siqueira Campos
- () Pedreiras de Varvitos
- () Reserva Estadual da Cantareira e Parque Estadual da Capital (Horto Florestal)
- () Reserva Florestal Morro Grande
- () Rocha Moutonné
- () Serra de Atibaia ou Itapetíninga (Pedra Grande)
- () Serra de Boturuna
- () Serras do Japi, Guaxinduba e Jaguacoara

Áreas Naturais tombadas no litoral paulista

O tombamento da serra do Mar e Paranapiacaba foi instituído em 1985, pelo CONDEPHAAT. Esse conjunto regional foi tombado por apresentar grande valor geológico, geomorfológico, hidrológico e paisagístico, e por oferecer a condição de formar um banco genético de natureza tropical, dotado de ecossistemas representativos em termos faunísticos e florísticos. Corresponde a uma área de aproximadamente 1,3 milhões de hectares.

- () Paisagem Envoltório do Caminho do Mar
- () Maciço da Jurai I (Iguape)
- () Núcleo Caiçara de Picinguaba (Ubatuba)
- () Morro do Botelho (Guarujá)
- () Morros do Monduba do Pinto (Toca do Índio) e do Ipanema (Ponte Rasa) Guarujá
- () Vale do Quilombo (Santos)
- () Serra do Guararu (Guarujá)
- () Ilhas do litoral paulista

AS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DO LITORAL DO ESTADO DE SÃO PAULO



- 11 Parque Nacional Ilha do Cardoso
- 3 APA Cananéia-Iguape-Peruibe
- 24 Reserva Florestal de Iguape
- 47 Área Natural Tombada - Serra da Juréia
- 2 Estação Ecológica Juréia
- 27 Reserva Florestal Itatins
- 36 Reserva Indígena Itairi
- 10 Parque Estadual Ilhabela
- 9 Parque Estadual Anchieta
- 19 Reserva Florestal Bananal
- 54 APA Silveiras
- 1 Parque Nacional Serra da Bocaina
- 14 Parque Estadual Serra do Mar
- 16 Reserva Biológica Serra de Paranapiacaba
- 44 Área natural Tombada Morro Grande (Caucáia do Alto)
- 30 Reserva Florestal de Morro Grande
- 33 Reserva Florestal São Roque
- 53 APA Serra do Mar
- 8 Parque Estadual Carlos Botelho
- 35 Reserva Florestal Xitúé
- 4 Parque Estadual Alto Ribeira
- 12 Parque Estadual de Jacupiranga

Reservas da Biosfera

Na década de 70, as Nações Unidas, através UNESCO, entendem que é necessário escolher uma série de áreas no mundo, representativas de diferentes biomas para conservar uma amostragem representativa da diversidade mundial.

Essas áreas passam a ser pesquisadas e acompanhadas ao longo do tempo para que se entenda sua evolução. O estudo integrado dessas áreas, representativas dos grandes ambientes do mundo, com o intercâmbio de conhecimento e experiência, forma a rede mundial das Reservas da Biosfera. O estabelecimento de uma rede de Reservas da Biosfera tem, portanto, a intenção de conservar áreas naturais onde haja um acervo de conhecimento importante e adaptado ao manejo sustentável, de modo que tais áreas sejam representativas de todo o mundo.

As Reservas da Biosfera devem desempenhar:

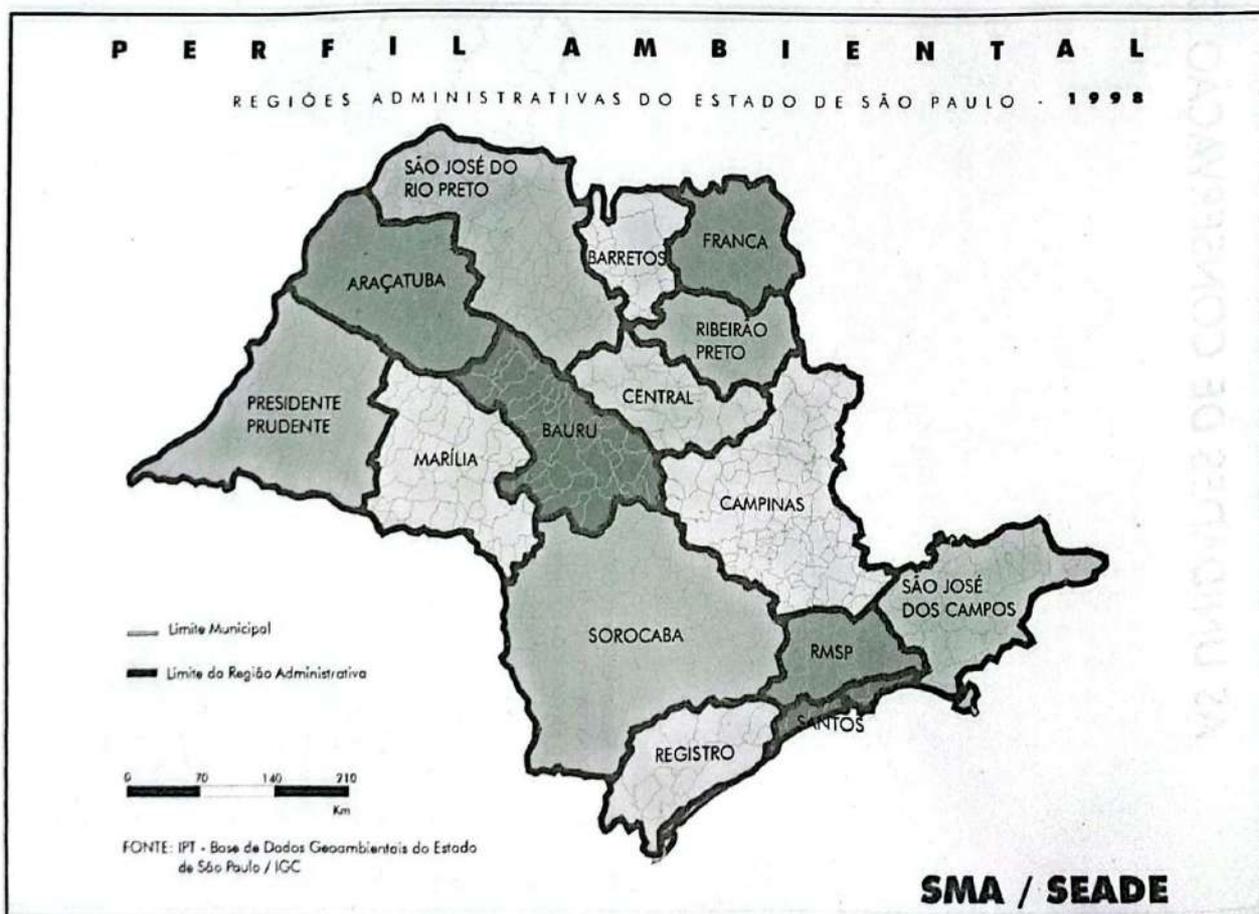
1 - funções de conservação, protegendo recursos genéticos, espécies e ecossistemas em escala mundial;

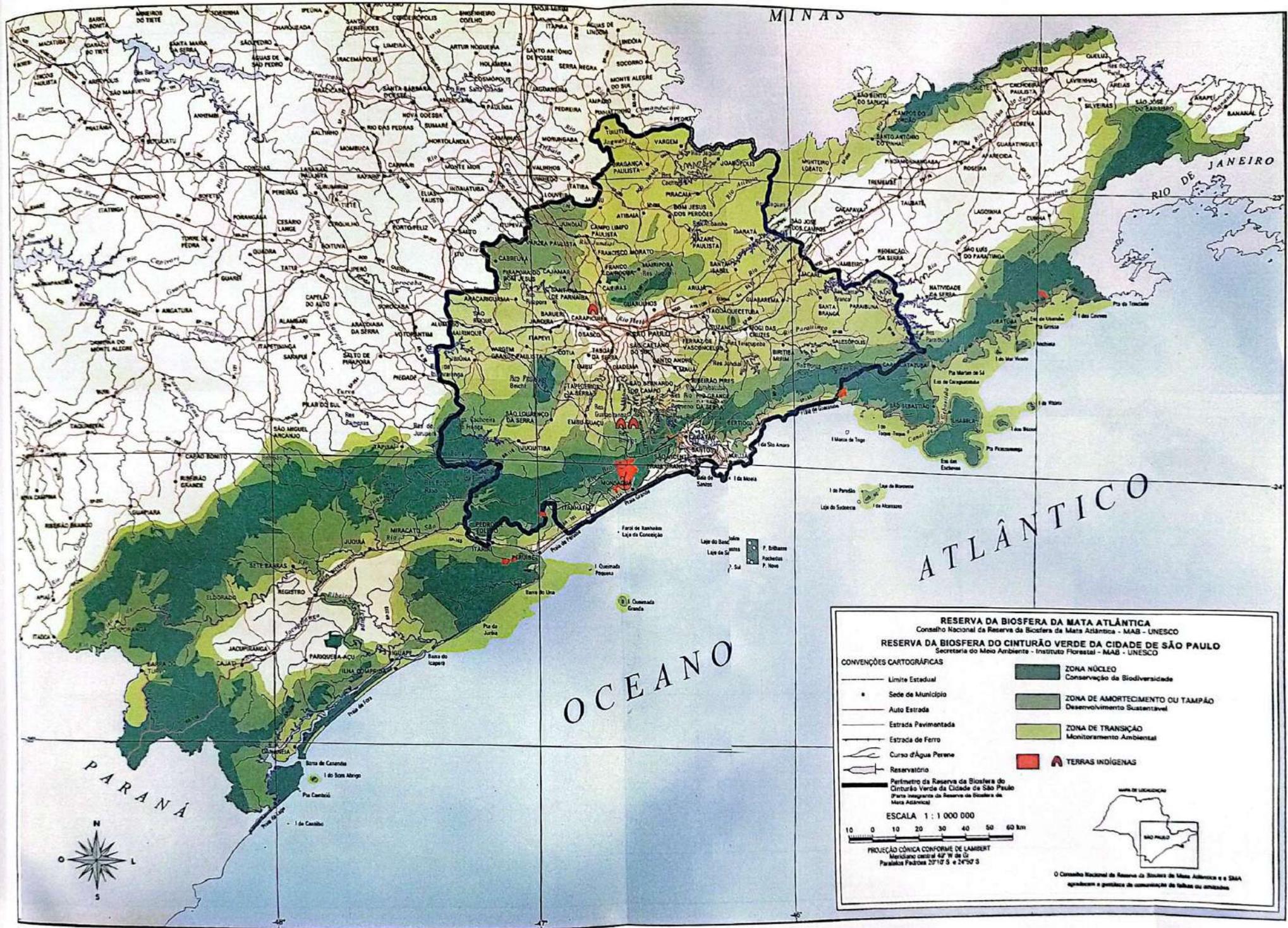
2 - funções logísticas, com apoio à pesquisa e educação, dentro de um programa orientado internacionalmente.

3 - funções de desenvolvimento, procurando formas de uso racional e sustentável dos recursos dos ecossistemas e uma cooperação com as populações humanas envolvidas. É entendido que a sabedoria acumulada das populações tradicionais deve ser valorizada.

Reserva da Biosfera da Mata Atlântica do Estado de São Paulo

Em 1985 o Estado de São Paulo reconheceu como patrimônio natural toda a sua porção da serra do Mar, através do tombamento. São Paulo já tem suas UCs como zonas núcleos de Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, reconhecida pela UNESCO, desde o início de sua implantação.





RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA
 Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica - MAB - UNESCO

RESERVA DA BIOSFERA DO CINTURÃO VERDE DA CIDADE DE SÃO PAULO
 Secretaria do Meio Ambiente - Instituto Florestal - MAB - UNESCO

CONVENÇÕES CARTOGRÁFICAS

— Limite Estadual	● Zona Núcleo Conservação da Biodiversidade
● Sede de Município	■ Zona de Amortecimento ou Tampão Desenvolvimento Sustentável
— Auto Estrada	■ Zona de Transição Monitoramento Ambiental
— Estrada Pavimentada	■ Terras Indígenas
— Estrada de Ferro	
— Curso d'Água Perene	
— Reservatório	
— Perímetro da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo (Parte Integrante do Reserva da Biosfera da Mata Atlântica)	

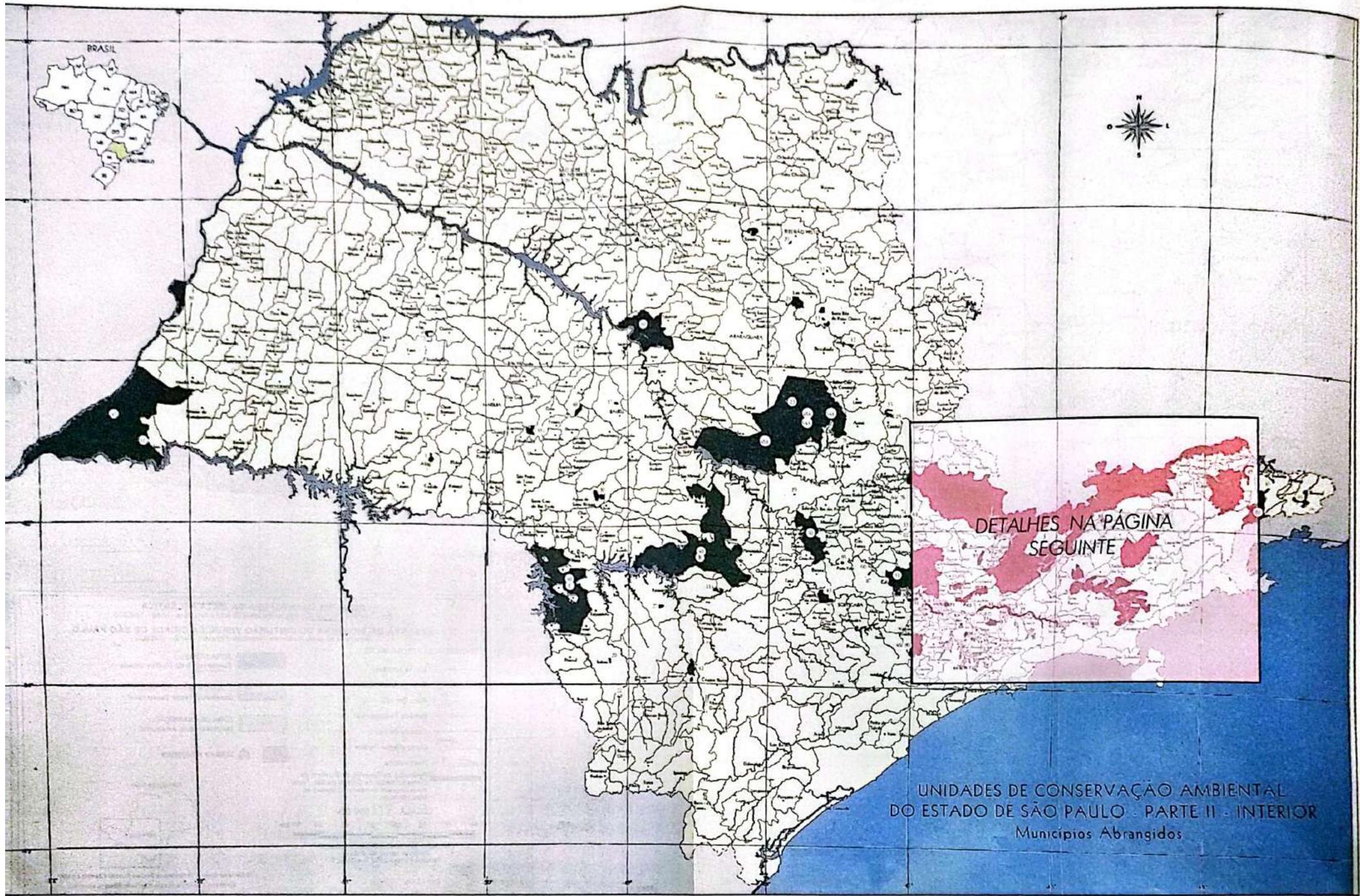
ESCALA 1 : 1 000 000

10 0 10 20 30 40 50 60 km

PROJEÇÃO CÔNICA CONFORME DE LAMBERT
 Meridiano central 48° W de G
 Paralelos Padrão 23°10' S e 24°30' S

MAPA DE LOCALIZAÇÃO

O Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e a SEMA agradecem a gentileza da comunicação de falhas ou alterações



DETALHES NA PÁGINA SEGUINTE

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL DO ESTADO DE SÃO PAULO - PARTE II - INTERIOR
Municípios Abrangidos

PARQUES NACIONAIS

01 - Parque Nacional da Serra da Bocaina

PARQUES ESTADUAIS

- 02 - Parque Estadual A.R.A.
- 03 - Parque Estadual Alberto Loeígren
- 04 - Parque Estadual Campos do Jordão
- 05 - Parque Estadual Cantareira
- 06 - Parque Estadual das Fontes do Ipiranga
- 07 - Parque Estadual Furnas do Bom Jesus
- 08 - Parque Estadual Jaraguá
- 09 - Parque Estadual Juquery
- 10 - Parque Estadual Mananciais Campos do Jordão
- 11 - Parque Estadual Morro do Diabo
- 12 - Parque Estadual Porto Ferreira
- 13 - Parque Estadual Vassununga

ESTAÇÕES ECOLÓGICAS ESTADUAIS

- 14 - Estação Ecológica Angatuba
- 15 - Estação Ecológica Assis
- 16 - Estação Ecológica Bananal
- 17 - Estação Ecológica Bauru
- 18 - Estação Ecológica Caetetus
- 19 - Estação Ecológica Ibicatu
- 20 - Estação Ecológica Itaberá
- 21 - Estação Ecológica Itapetí
- 22 - Estação Ecológica Itapeva
- 23 - Estação Ecológica Itirapina
- 24 - Estação Ecológica Jataí
- 25 - Estação Ecológica Moji-Guaçu
- 26 - Estação Ecológica do Noroeste Paulista
- 27 - Estação Ecológica Paranapanema
- 28 - Estação Ecológica Paulo de Faria
- 29 - Estação Ecológica Ribeirão Preto
- 30 - Estação Ecológica Santa Bárbara
- 31 - Estação Ecológica Santa Maria
- 32 - Estação Ecológica São Carlos
- 33 - Estação Ecológica Valinhos

RESERVAS BIOLÓGICAS ESTADUAIS

- 34 - Reserva Biológica de Andradina
- 35 - Reserva Biológica de Moji-Guaçu
- 36 - Reserva Biológica de Pindorama
- 37 - Reserva Biológica de Sertãozinho

RESERVAS ESTADUAIS

- 38 - Reserva Estadual Águas da Prata
- 39 - Reserva Estadual Lagoa de São Paulo
- 40 - Reserva Estadual do Morro Grande
- 41 - Reserva Estadual Pontal do Paranapanema

FLORESTAS NACIONAIS

- 42 - Floresta Nacional de Capão Bonito
- 43 - Floresta Nacional de Ipanema

ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL - APAs - FEDERAIS

- 44 - APA Federal Serra da Mantiqueira
- 45 - APA Federal da Baía do Rio Paraíba do Sul

ÁREAS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL - APAs - ESTADUAIS

- 46 - APA Cajamar
- 47 - APA Campos do Jordão
- 48 - APA Corumbataí-Botucatu-Tejupá

(A) - Perímetro Corumbataí

(B) - Perímetro Botucatu

(C) - Perímetro Tejupá

- 49 - APA Haras São Bernardo

50 - APA Ibitinga

51 - APA Jundiá-Cabreúva

52 - APA Mata do Iguatemi

53 - APA Parque e Fazenda do Carmo (APA do Carmo)

54 - APA Piracicaba-Juqueri-Mirim

(A) Área I

(B) Área II

55 - APA Represa Bairro da Usina

56 - APA Sapucaí-Mirim

57 - APA Silveiras

58 - APA Tietê

59 - APA Várzea do Rio Tietê

PARQUES ECOLÓGICOS ESTADUAIS

- 60 - Parque Ecológico de Guarapiranga
- 61 - Parque Ecológico Monsenhor Emílio José Salim
- 62 - Parque Ecológico do Tietê
- 63 - Parque Ecológico Nascentes do Tietê

ÁREA DE RELEVANTE INTERESSE ECOLÓGICO - ARIE - FEDERAL

64 - ARIE da Mata de Santa Genebra

ÁREA DE RELEVANTE INTERESSE ECOLÓGICO - ARIE - ESTADUAL

65 - ARIE da Pedra Branca

ÁREA SOB PROTEÇÃO ESPECIAL - ASPES - ESTADUAIS

66 - ASPE da Chácara da Baronesa

67 - ASPE de Roseira Velha

TERRAS INDÍGENAS

68 - Terra Indígena Araribá

69 - Terra Indígena Barragem

70 - Terra Indígena Icatu

71 - Terra Indígena Jaraguá

72 - Terra Indígena Krukutu

73 - Terra Indígena Vanuíre

ÁREAS NATURAIS TOMBADAS

74 - Bosque dos Jequitibás

75 - Chácara Tangará

76 - Fazenda Santa Genebra

77 - Haras São Bernardo

78 - Horto Florestal e Museu Edmundo Navarro de Andrade

79 - Jardim da Luz

80 - Nascentes do Tietê

81 - Parque da Aclimação

82 - Parque da Água Branca

83 - Parque Estadual do Jaraguá

84 - Parque do Ibirapuera

85 - Parque das Moções

86 - Parque Tenente Siqueira Campos (TRIANON)

87 - Pedreira de Varvitos

88 - Parque Estadual Loeígren e Parque Estadual da Cantareira

89 - Reserva Florestal do Morro Grande

90 - Rocha Moutonné

91 - Serra de Atibala ou Itapetinga

92 - Serra do Boturuna

93 - Serras do Japi, Guaxinduba e Jaguaçoara

O SISTEMA VIÁRIO E DE COMUNICAÇÃO PAULISTA E BRASILEIRO

O turismo é uma atividade de deslocamento de pessoas dos centros de emissão para os centros de recepção. Este movimento, necessariamente, exige uma estrutura de transporte e de comunicação. Poucos são os que se aventuram a sair de suas casas para irem a uma localidade de grande demanda turística sem uma consulta prévia a respeito da disponibilidade de acomodação, alimentação e dos preços cobrados.

Para estas informações, o telefone, o fax e a internet são meios indispensáveis para garantir as reservas, o traslado e as opções de roteiros e atrativos turísticos. O contato é feito pelo próprio usuário ou pelas agências de turismo e em qualquer dos casos, a comunicação é fundamental, pois ao turista garante a sua estada e à localidade receptora oferece informações que lhe permitem preparar-se para oferecer um bom atendimento.

O uso do sistema viário e de comunicação para fins turísticos passa, inicialmente, pelo conhecimento de sua caracterização para, dessa forma, desfrutar de sua potencialidade. Faz-se necessário, então, ao profissional do turismo, conhecê-los em seus aspectos históricos e técnicos. Apresentamos aqui uma síntese das principais caracterizações do sistema viário do país, com o intuito de oferecer informações básicas sobre o tema.

OS SISTEMAS DE TRANSPORTE

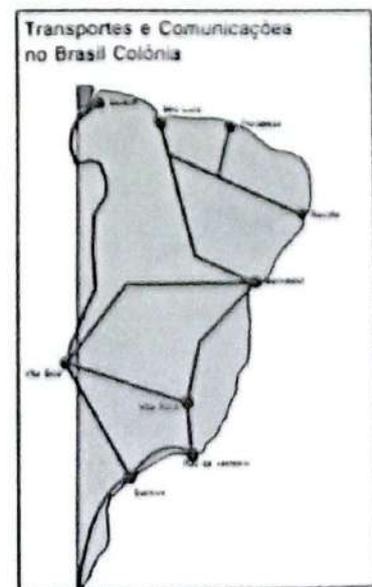
Os transportes estão intimamente ligados à evolução econômica do Brasil. Desde a era colonial, os caminhos foram construídos para escoar principalmente a madeira e o açúcar até os portos, onde eram embarcados e levados para a

Europa. Quem os construía eram os índios, os negros, os bandeirantes e os jesuítas, partindo sempre do litoral para o interior.

Durante o ciclo da mineração, um intenso comércio desenvolveu-se entre o Rio Grande do Sul e a região das Minas, passando por São Paulo e pelos demais estados sulistas. Nesta época, outros caminhos também interligavam as minas às regiões fornecedoras de alimentos, animais e outros suprimentos, alguns vindos do Pantanal Mato-Grossense, outros, de Goiás. O ouro era escoado pelo porto do Rio de Janeiro, fazendo, então, surgirem diversos caminhos.

Inúmeras vilas foram surgindo no eixo desses caminhos e algumas delas, pela localização estratégica, atuavam como entrepostos comerciais, transformando-se, mais tarde, em pólos regionais. É o caso de Sorocaba, Itapeva e Piracicaba, no Estado de São Paulo; Castro e Ponta Grossa, no Paraná.

Em 1822, foi construída a Estrada do Comércio, ligando o Rio de Janeiro ao Vale do Paraíba, onde cresciam os cafezais. Anos mais tarde, surgiram a Estrada União e Indústria, entre Petrópolis (RJ) e Juiz de Fora (MG), a Estrada Graciosa (litoral do PR e Curitiba) e Estrada Dona Francisca (entre Joinville e Rio Negro, SC).



No final do século XIX, a expansão da cafeicultura alterou a rota e o tipo dos transportes, pois a produção e a exportação, concentradas na região Sudeste, requeriam uma estrutura melhor aparelhada. Nesta época, começou a implantação das ferrovias, sendo que a primeira delas foi construída no Rio de Janeiro, por iniciativa do Visconde de Mauá. Tinha 14,5 km de extensão, bitola de 1 metro, e ligava a Baía de Guanabara à Serra da Estrela, no caminho de Petrópolis.

Outras ferrovias surgiram no Nordeste, mas principalmente em São Paulo, para atender as necessidades da economia cafeeira. De modo geral, eram financiadas por capitais ingleses e seu traçado visava apenas a interesses comerciais.

O período entre as décadas de 1870 e 1920 ficou conhecido como "a era das ferrovias", com crescimento médio de 6.000 km por década, uma façanha para a tecnologia da época.

Algumas delas ganharam destaque, como:

- 1855 - E. F. Dom Pedro II (E.F.C.B.);
- 1868 - E. F. Santos-Jundiá;
- 1868 - Cia Paulista de Estradas de Ferro;
- 1872 - Cia Mogiana de Estradas de Ferro.



A partir de 1920, as ferrovias começaram a perder distância e velocidade para as rodovias. Desta data em diante, entraram em fase de estagnação e desmonte: dos 38,2 mil km de extensão, em 1960, caiu para 29,7 mil km em 1985, com modesta recuperação em 1993, chegando a 30,3 mil km.

Além de serem poucas, encontram-se irregularmente distribuídas pelo território. Seu traçado é relativamente curto e perpendicular ao litoral, com maior concentração na região Sudeste.

Algumas delas especializaram-se no transporte, principalmente de alguns minérios, como é o caso das:

E. F. Carajás - entre a Serra dos Carajás (PA) até o porto de Itaqui (MA), com 800 km - minério de ferro.

E. F. do Amapá - ligava a Serra do Navio (AP) ao porto de Santana, com 194 km - manganês.

E. F. Vitória-Minas - liga o Quadrilátero Ferrífero (MG) aos portos de Vitória e Tubarão (ES) - minério de ferro.

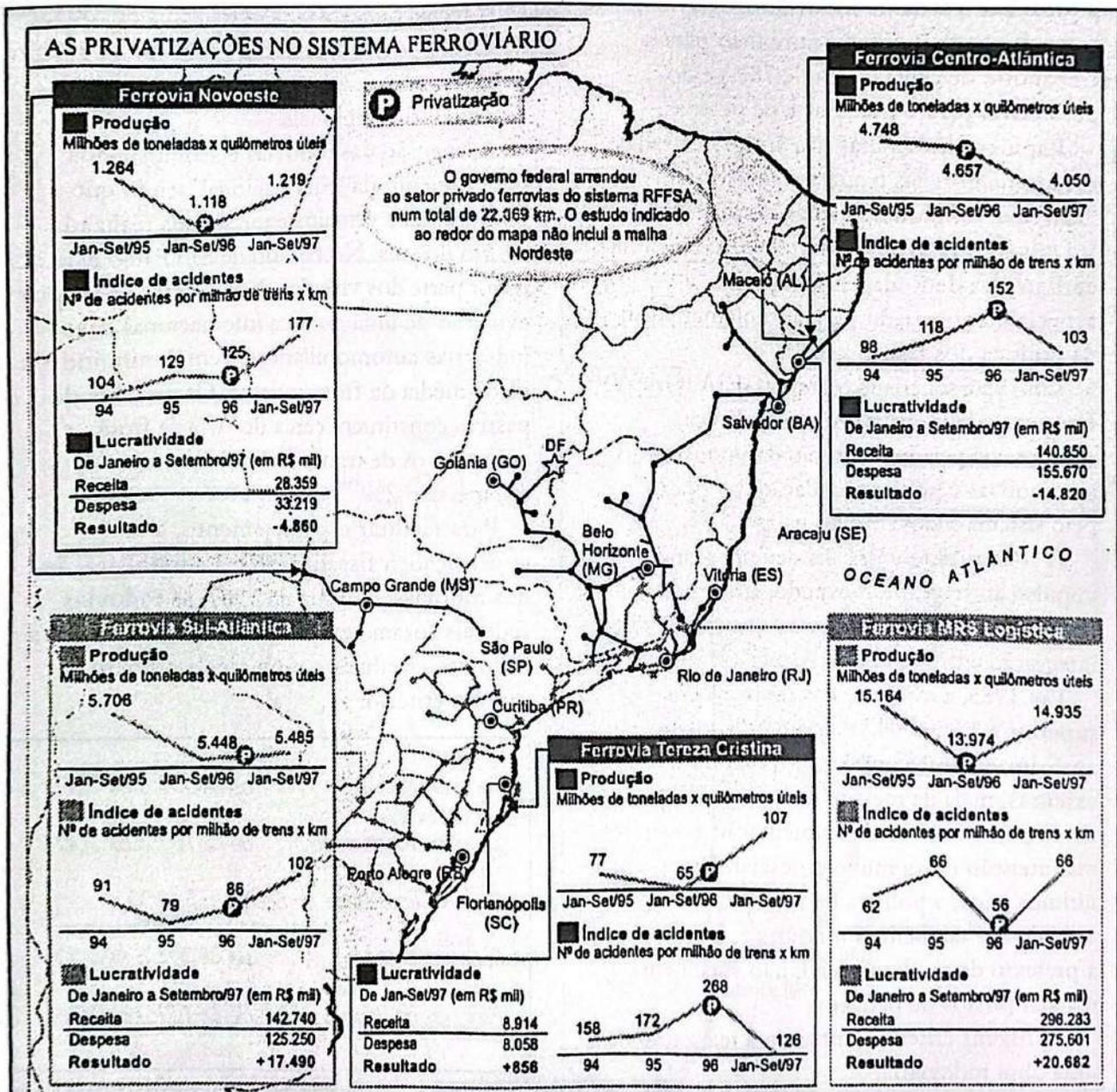
Nunca houve preocupação de promover a integração entre os estados e regiões do país



através dos trilhos das ferrovias. Se esse traçado tivesse sido priorizado, seria uma grande alavanca para o turismo interno, como acontece na Europa, por exemplo.

Nos últimos anos, iniciativas governamentais vêm efetuando algumas mudanças em relação ao transporte ferroviário: privatização de algumas delas e construção de outras, como é o caso da Ferronorte, com 410

km, inaugurada em maio de 1999, que liga as cidades de Alto Taquari a Aparecida do Taboado, ambas no Mato Grosso do Sul. Na divisa com o Estado de São Paulo, a Ferronorte interliga-se à Ferroban (antiga E. F. Araraquarense, controlada pela FEPASA), chegando ao porto de Santos, depois de um percurso de 1.310 km (900 km em território paulista).



Fonte: "O Estado de São Paulo", 13/07/98

Transporte Rodoviário

Durante a expansão das ferrovias - 1870 - 1920 -, as estradas de rodagem foram desprestigiadas. Com o advento do automóvel, nos EUA, o Brasil passou a importá-los em escala cada vez mais crescente.

Por influência das montadoras e da política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, a partir de 1950, o país passou a priorizar o sistema rodoviário, intensificando o uso do caminhão para o transporte de carga (cerca de 78%) e do automóvel para o transporte de pessoas.

Rapidamente muitas das antigas estradas foram melhoradas e outras tantas foram "rasgadas" em todas as direções. Em 1937, foi criado o DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem), órgão especialmente criado para a implementação da política dos transportes.

Em 1956, foi criado o grupo GEIA (Grupo Executivo da Indústria Automobilística), responsável pela implantação das indústrias automotivas e pela consolidação da "opção" pelo sistema rodoviário no país.

A construção de Brasília deu um grande impulso ao setor, promovendo, através da construção de longas rodovias transregionais, a integração entre os Estados e regiões.

Em 1985, a extensão das rodovias era superior a 1.800.000 km, com uma média aproximada de 185 m/km². Apesar de extensas, mais da metade da quilometragem ainda permanece sem pavimentação e a sua manutenção deixa muito a desejar. Nos últimos anos, a política de privatização estendeu-se também às rodovias e, a cada ano, a pretexto de modernização, não vacila em instalar postos de pedágio.

Alguns critérios embasam a realização de uma obra rodoviária:

investimentos em regiões não integradas demográfica e economicamente;

investimentos em regiões ocupadas e de baixo nível de renda;

investimentos em regiões ocupadas e de grande potencial econômico;

investimento em regiões mais desenvolvidas.

As rodovias em tráfego encontram-se assim distribuídas: jurisdição federal - 6%, jurisdição estadual - 10%; jurisdição municipal - 84%.

A região Sudeste concentra cerca de 30% da rede rodoviária nacional (12% em SP e 15% em MG), mostrando, mais uma vez, os desequilíbrios regionais.

A extensão das rodovias é acompanhada pelo aumento da frota nacional, sendo que a produção dos veículos é quase toda realizada dentro do país. No Estado de São Paulo está a maior parte dos veículos. Nos últimos anos, por extensão de uma política internacional das indústrias automobilísticas, vem diminuindo a idade média da frota rodante. Os veículos de passeio constituem cerca de 70% da frota, enquanto os de transporte coletivo não ultrapassam 2%.

Para facilitar o planejamento, a construção, a fiscalização e a administração das rodovias, a partir de 1967, as rodovias federais foram agrupadas em cinco tipos. As rodovias estaduais e municipais seguem o mesmo critério:

<i>Rodovias Radiais</i>	<i>de BR-001 a BR-100</i>
<i>Rodovias Longitudinais</i>	<i>de BR-101 a BR-200</i>
<i>Rodovias Transversais</i>	<i>de BR-201 a BR-300</i>
<i>Rodovias Diagonais</i>	<i>de BR-301 a BR-400</i>
<i>Rodovias de Ligação</i>	<i>de BR-401 em diante</i>

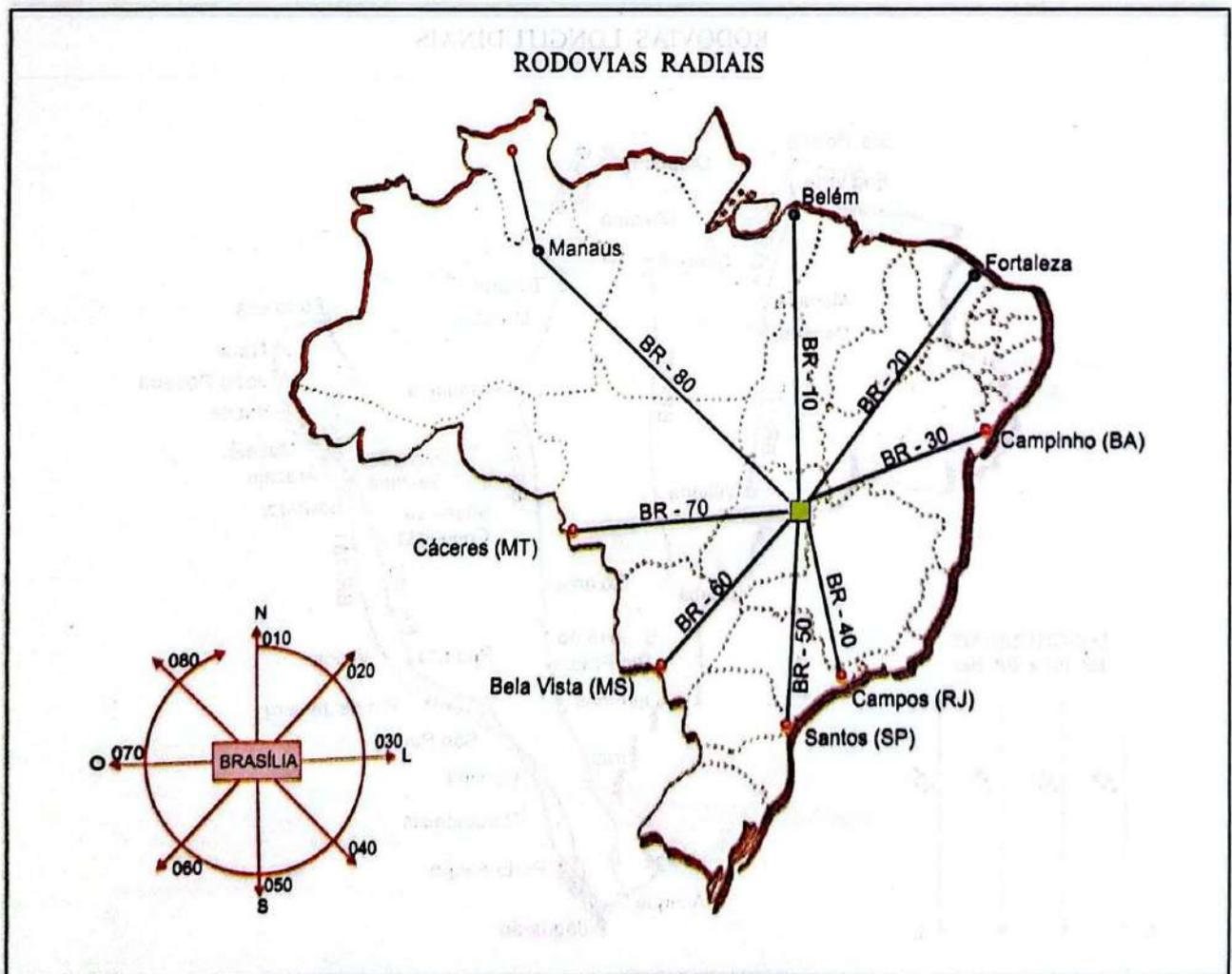
Rodovias Radiais

Saem de Brasília (no caso das federais) e sua numeração é contada a partir do sentido norte,

aumentando no sentido horário.

Exemplos:

NÚMERO	LIGAÇÃO	EXTENSÃO - km
BR-10	Brasília-Belém (PA)	1.091
BR-20	Brasília-Fortaleza (CE)	1.882
BR-30	Brasília-Campinho (BA)	1.111
BR-40	Brasília-Campos (RJ)	1.154
BR-50	Brasília-Santos (SP)	1.051
BR-60	Brasília- Bela Vista (MS)	1.281
BR-70	Brasília-Cáceres (MT)	1.248
BR-80	Brasília-Manaus (AM)	3.604

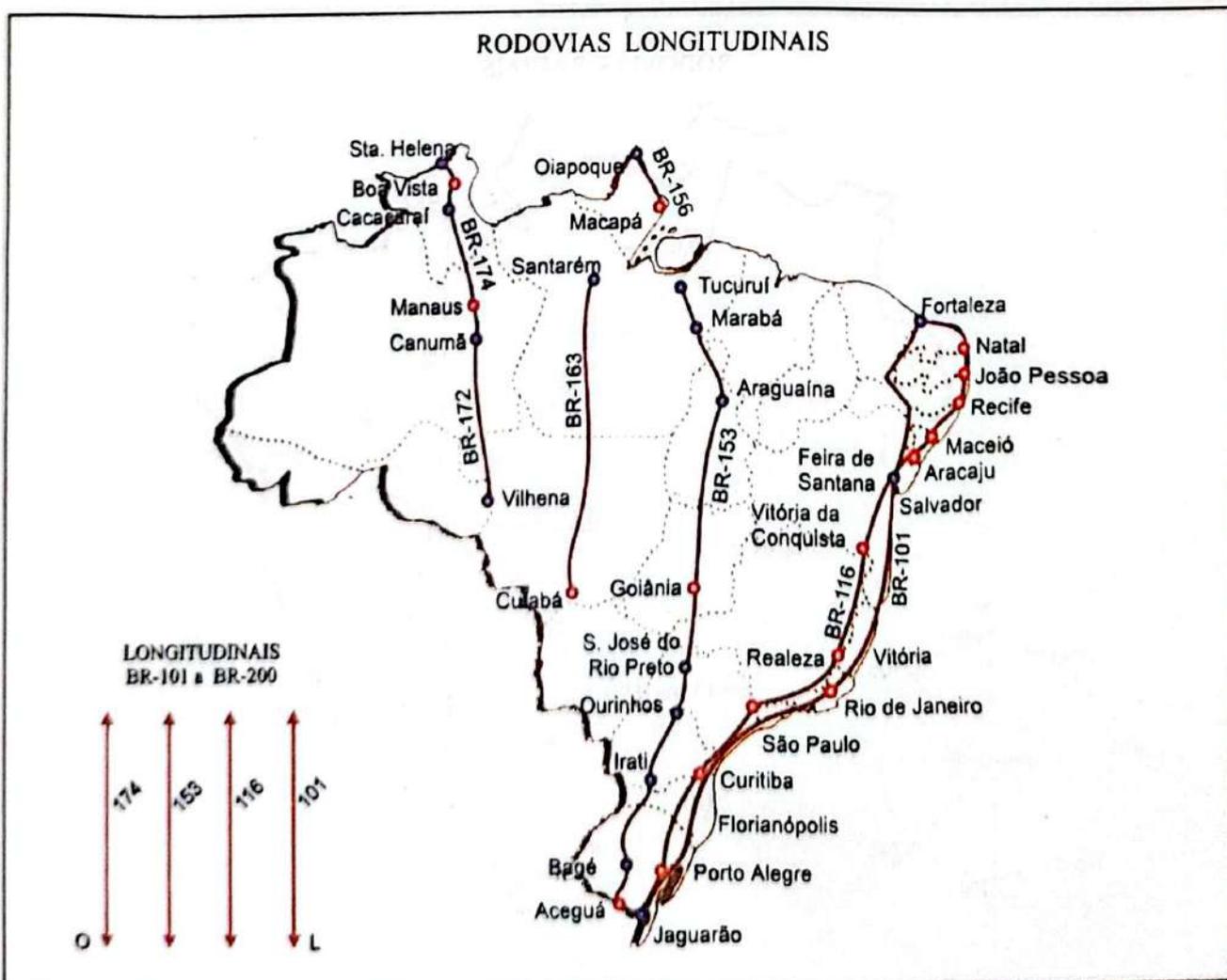


Rodovias Longitudinais

Seu traçado segue o sentido dos meridianos, isto é, possuem direção norte-sul e sua

numeração aumenta de leste para oeste, como os meridianos.

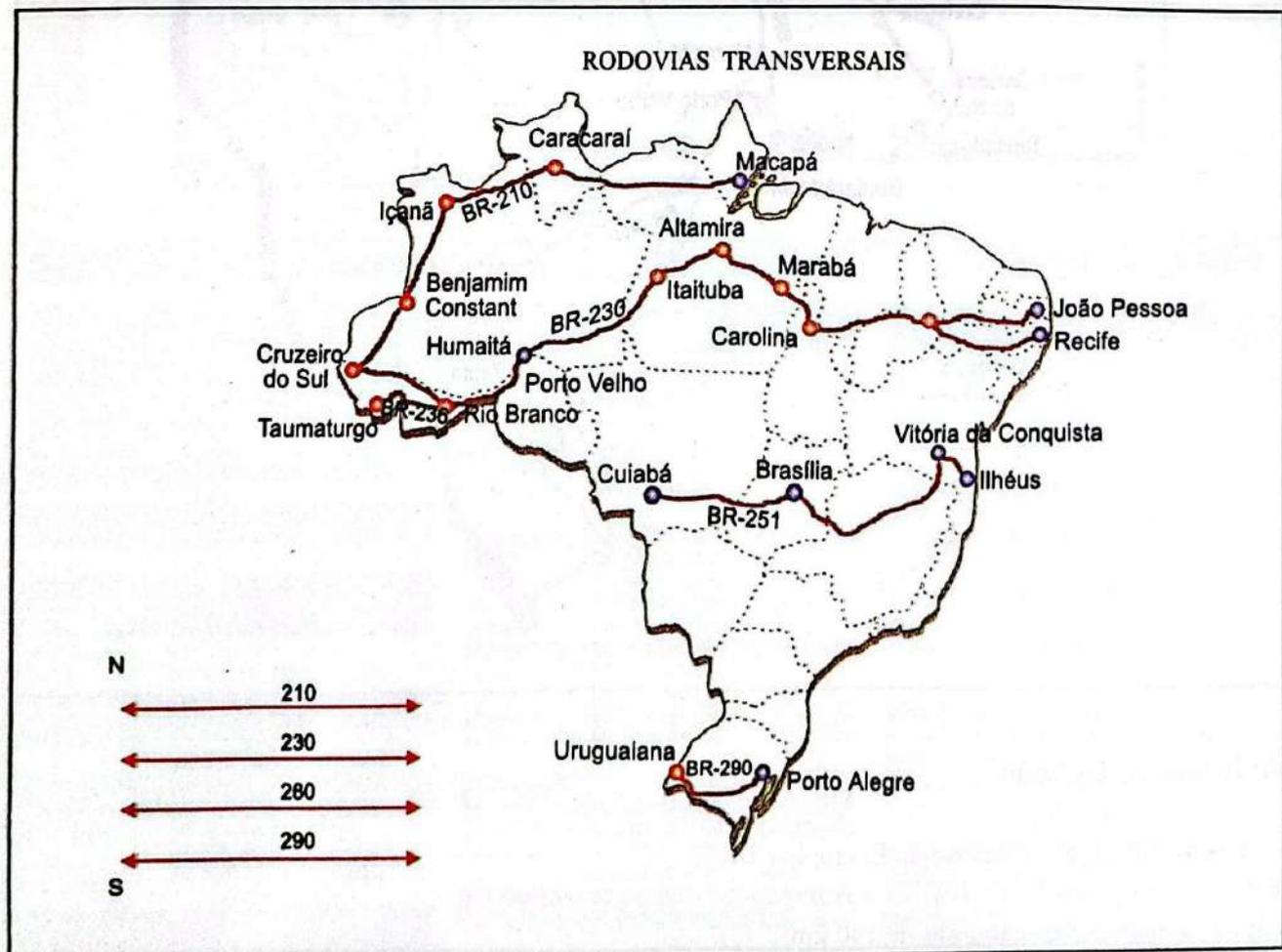
NÚMERO	LIGAÇÃO	EXTENSÃO - km
BR-101	Fortaleza (CE) - Osório (RS)	4.085 (Rodovia do Turismo)
BR-116	Fortaleza (CE) - Jaguarão (RS)	4.403
BR-153	Tucuruí (PA) - Açu (RN)	3.749
BR-156	Macapá (AP) - Oiapoque (AP)	686
BR-158	Félix (MT) - Livramento (RS)	2.714
BR-163	Cuiabá (MT) - Santarém (PA)	1.618
BR-172	Canumã (AM) - Vilhena (RO)	1.120
BR-174	Manaus (AM) - Santa Helena (RR)	970



Rodovias Transversais

Estendem-se na direção leste-oeste e a sua numeração aumenta de norte para sul

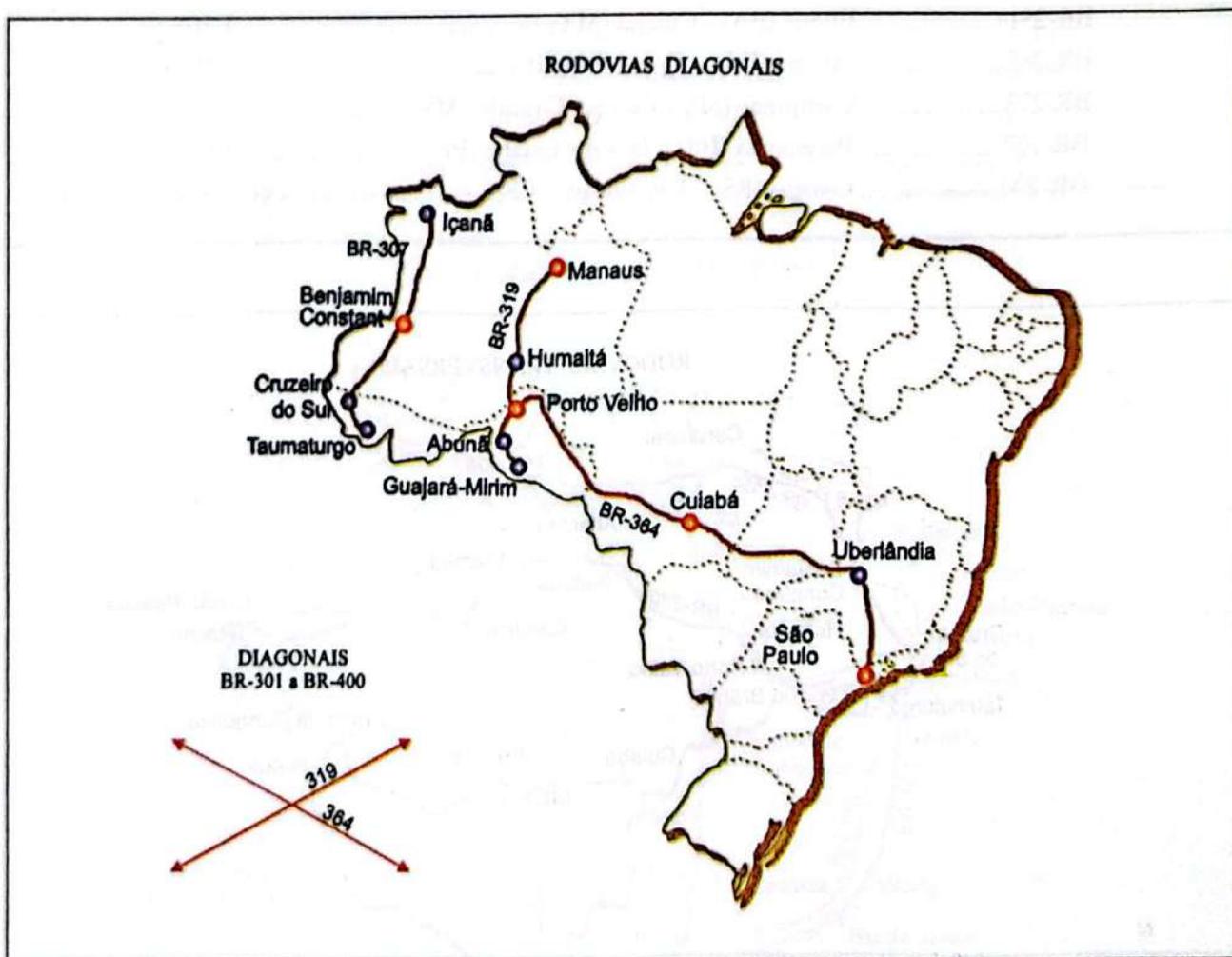
NÚMERO	LIGAÇÃO	EXTENSÃO - km
BR-210	Macapá (AP) - Cruzeiro do Sul (AC) (Perimetral Norte)	3.300
BR-230	Recife (PE) - João Pessoa (PB) - Taumaturgo (AC) (Transamazônica)	5.400
BR-236	Abunã (RO) - Vila Japim (Peru)	4.189
BR-251	Ilhéus (BA) - Cuiabá (MT)	1.108
BR-262	Vitória (ES) - Corumbá (MS)	2.199
BR-273	Campinas (SP) - Campo Grande (MS)	2.253
BR-277	Paranaguá (PR) - Foz do Iguaçu (PR)	1.097
BR-290	Osório (RS) - Uruguaiiana (RS)	730



Rodovias Diagonais

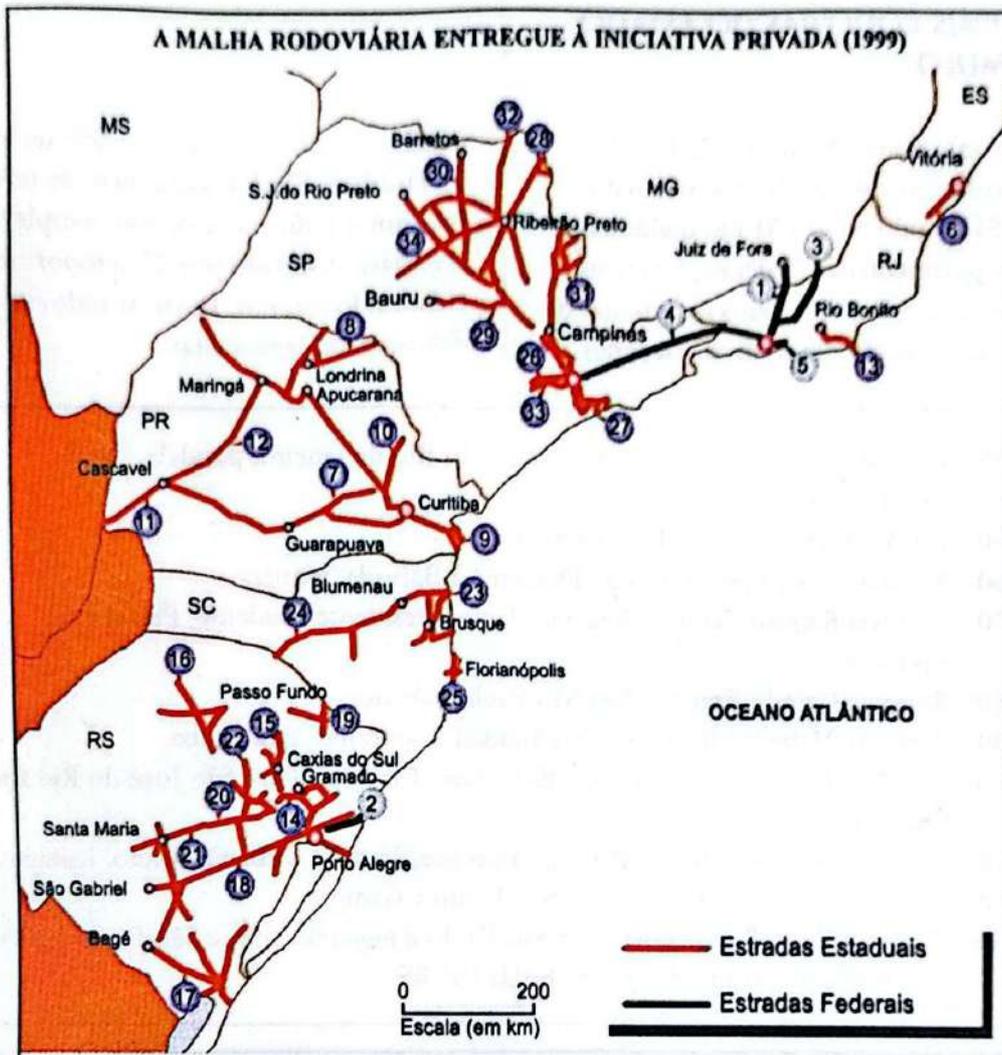
Cruzam o país na direção nordeste-sudoeste ou sudoeste-noroeste.

NÚMERO	LIGAÇÃO	EXTENSÃO - km
BR-307	Benjamin Constant (AM) - Taumaturgo (AC)	705
BR-316	Belém (PA) - Macció (AL)	2.032
BR-319	Porto Velho (RO) - Manaus (AM)	1.107
BR-364	Porto Velho (RO) - Cuiabá (MT)	1.416



Rodovias de Ligação

Unem duas rodovias entre si. Exemplos: BR-401, que vai de Boa Vista (RR) até a fronteira com a Guiana, numa extensão de 140 km.



AS CONCESSÕES RODOVIÁRIAS NO BRASIL

Rodovias incluídas		Extensão ida e volta (em km)	Rodovias incluídas		Extensão ida e volta (em km)	Rodovias incluídas		Extensão ida e volta (em km)
Federais			Rio Grande do Sul			São Paulo		
1 Concer	BR-040	359,4	14 Brita	RS-115, RS-235, RS-466, RS-020	264	26 AutoBAn	Anhanguera e Bandeirantes	477,2
2 Concepa	BR-116 e BR-290	224,6	15 Convias	BR-116, RS-112	347,5	27 Ecovias dos Imigrantes	Anchieta, Imigrantes, SP-170 e SP-140	352,8
3 CRT	BR-116	285	16 Coviplan	BR-285, BR-386, RST-153	500	28 Autovias	SP-255, Anhanguera, SP-318, SP-334, SP-345	640
4 NovaDutra	via Dutra	804,8	17 Ecosul ⁽⁷⁾	BR-116, BR-293, BR-392	1.103	29 Centrovias	Washington Luiz, SP-225	438
5 Ponte	ponte Rio-Niterói	46,6	18 Metrovias	BR-116, BR-290, BR-153, BR-392, RS-474, RS-020, RS-040, RS-784	1.610	30 Tebe	SP-326, SP-351, SP-323	312
Estaduais			19 Rodosul	BR-285, BR-116	265,2	31 Renovias	SP-340, SP-342, SP-344, SP-350, SP-215	582
6 Rodosul do Sul		135,4	20 Santa Cruz	BR-471, RST-287	393,6	32 Vianorte	Anhanguera, SP-322, SP-325, SP-328	470
Paraná			21 Sta Maria ⁽⁶⁾	BR-158, BR-290, BR-287, BR-392	512,4	33 Via Oeste	Castello Branco, Raposo Tavares e Castelhinho	348
7 Caminhos do Paraná	BR-277, BR-373, PR-438	610	22 Sulvias	BR-386, RS-130, RST-453, RS-128	635,7	34 Triângulo do Sol	Washington Luiz, SP-326, SP-333	884
8 Econorte	BR-369, PR-323, PR-445	550	Santa Catarina⁽²⁾			Municipais		
9 Ecovia	PR-407, PR-508, BR-277	270,4	23 Coleosc	SC-408, SC-411, SCT-486	253	35 Lamisa	Linha Amarela	50
10 Rodonorte	BR-375, BR-277, BR-373, BR-151	961	24 Ecovale	BR-470, SC-413, SC-425, SC-470	961,6			
11 Rodovia das Cataratas	BR-277	772,6	25 Linha Azul	SC-400, SC-401, SC-402, SC-403	72,6			
12 Viapar	BR-369, PR-444, BR-376, PR-317, BR-158	938,4						
13 Via Lagos	Via Lagos	112						

Fonte: Ministério dos Transportes.

AS PRINCIPAIS RODOVIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

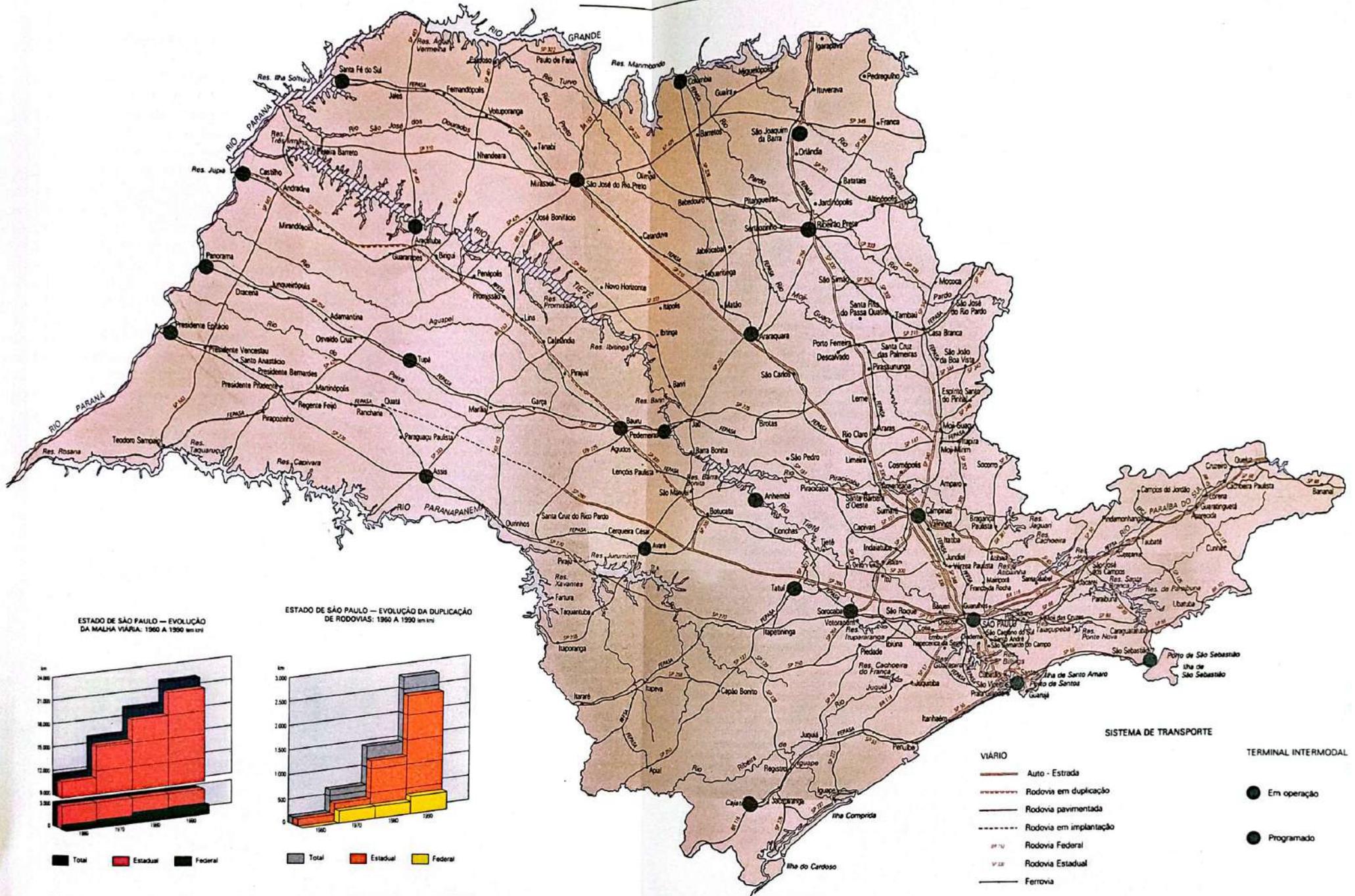
De acordo com a Secretaria de Estado dos Transportes, o sistema de transporte do Estado de São Paulo possui 31 mil quilômetros de rodovias pavimentadas (federais, estaduais e municipais), 172 mil quilômetros de estradas de terra, 5.800 quilômetros de ferrovias (federais,

estaduais e privatizadas) e 1.650 quilômetros da Hidrovia Tietê-Paraná, além de travessias marítimas e fluviais e de um complexo aeroviário formado por 27 aeroportos em cidades do interior. Entre as rodovias de maior destaque, podemos citar:

- SP-055** - Via Rio-Santos - liga Santos ao Estado do Rio de Janeiro, paralela à costa litorânea.
- SP-150** - Via Anchieta - liga São Paulo a Santos.
- SP-160** - Rodovia dos Imigrantes - liga Diadema à Baixada Santista.
- SP-270** - Rodovia Raposo Tavares - liga São Paulo, Presidente Prudente, Presidente Epitácio.
- SP-280** - Rodovia Castelo Branco - liga São Paulo a Avaré.
- SP-300** - Rodovia Marechal Rondon - liga Jundiaí, Campinas, Araçatuba.
- SP-310** - Rodovia Washington Luiz - liga Rio Claro, Cordeirópolis, São José do Rio Preto, Pereira Barreto.
- SP-330** - Via Anhangüera - liga São Paulo, Campinas, Limeira, Ribeirão Preto, Igarapava.
- SP-348** - Rodovia dos Bandeirantes - liga São Paulo a Campinas.
- BR-116** - Rodovia Régis Bittencourt - liga São Paulo a Jaguarão (RS) e São Paulo à divisa com o Rio de Janeiro. É um trecho da CE-RS.

Nos últimos anos, muitas das rodovias paulistas e brasileiras vêm sendo repassadas para a administração de concessionárias, conforme as informações contidas no Guia Rodoviário 1999:

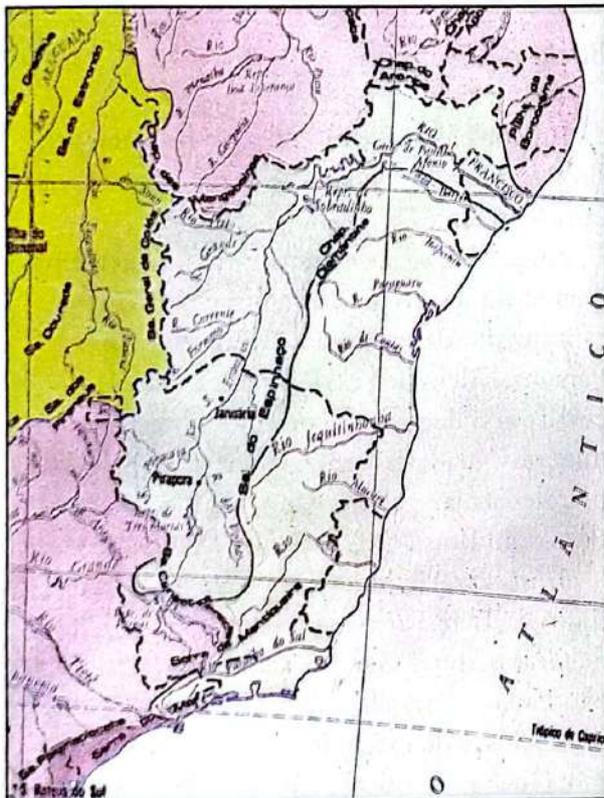
- Autoban:** Via Anhangüera e Rodovia dos Bandeirantes.
- Ecovias:** Via Anchieta, Rodovia dos Imigrantes e SP-055.
- Centrovias:** Rodovia Washington Luiz e SP-255.
- Dersa:** Rodovia Ayrton Senna, Rodovia Carvalho Pinto, Rodovia D. Pedro I, Rodovia Santos Dumont e também reservas de balsa com hora marcada.
- Consórcio Rodoviário Paulista:** Via Anhangüera, Rodovia Cândido Portinari, SP-345 e SP-318.
- Nova Dutra:** BR-116, Rodovia Pres. Dutra (São Paulo-divisa RJ).
- Renovias:** Rodovia Adhemar de Barros, Rodovia Heitor Penteado, SP-342, SP-344, SP-350, SP-215.
- Tebe:** Rodovia Brig. Faria Lima, SP-323 e SP-351.
- Triângulo do Sol:** Rodovia Washington Luiz, SP-326, SP-333.
- Vianorte:** Via Anhangüera, SP-322.
- Viaoeste:** Rodovia Raposo Tavares, Rodovia Castelo Branco.



Fonte: Secretaria de Estado dos Transportes, 1990.

Bacia do São Francisco

Constitui um trecho navegável entre Juazeiro (BA) até Pirapora (MG). A Estrada de Ferro Central do Brasil, entre Pirapora e o Rio de Janeiro, promove a articulação desta hidrovía com o litoral. De Juazeiro a Salvador, quem faz a articulação é a Viação Férrea Leste Brasileiro. A barragem de Três Marias e a eclusa de Sobradinho facilitam a navegação nos trechos de desnível do rio.



Fonte: Atlas Geográfico MEC/FAE

NAVEGAÇÃO MARÍTIMA

O Brasil destaca-se no mundo entre os países com grande extensão litorânea. São cerca de 7.500 km de costa, cujas águas nunca se congelam durante o inverno. Além da extensão, sua economia sempre foi voltada para o mar, o que justificaria um intenso uso desta modalidade de transporte. No entanto, a navegação marítima no Brasil é quase insignificante: são cerca de 376 embarcações, com mais de 100 toneladas, que deslocam 144.000 toneladas/ano. Este fato influencia

diretamente as exportações brasileiras, pois não contribui para a redução dos custos operacionais dos produtos.

Vários problemas emperram a utilização deste meio de transporte: embarcações velhas, deficiência de instalação portuária, problemas tarifários e desorganização administrativa. A Sunamam - Superintendência Nacional da Marinha Mercante - e o Geicon - Grupo Executivo da Indústria da Construção Naval - são os órgãos que cuidam do setor. Estão empreendendo algumas modernizações, entre elas a ampliação de estaleiros.

A navegação marítima é dividida em Navegação de longo curso ou internacional e Navegação de cabotagem.

Na navegação internacional operam três empresas: a Fronape (Frota Nacional de Petroleiros), com 80 embarcações, responsáveis pela exportação do minério de ferro e pela importação do petróleo; a Lloyd Brasileiro, com exportação de máquinas e produtos agrícolas e a Docenave (Vale do Rio Doce Navegação S.A.), que exporta minérios.

Navegação de Cabotagem

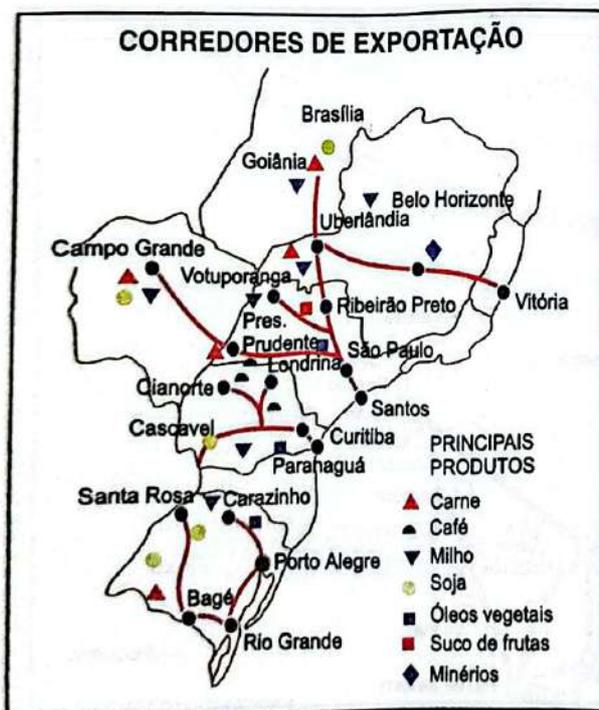
É a navegação feita no litoral do próprio país, só podendo ser realizada com navios nacionais. A deficiência da Marinha Mercante brasileira faz com que 50% da tonelage seja transportada por embarcações estrangeiras, contrariando dispositivos constitucionais.

Alguns portos são de múltiplas funções, outros são especializados:

- (Santana (Macapá - AP) - manganês
- (Areia Branca (RN) - sal marinho
- (Tubarão e Vitória (ES) - ferro de MG
- (Sepetiba (RJ) - minério de ferro
- (Itajaí (SC) - pescado
- (São Sebastião (SP) - petróleo
- (São Francisco do Sul (SC) - madeira
- (Maceió (AL) - açúcar e petróleo
- (São Luís - Itaquí (MA) - ferro de Carajás (PA)

Há, ainda, os corredores de exportação, estabelecidos pelo Ministério dos Transportes, melhorando a infra-estrutura, desde áreas de produção até alguns portos, visando à redução dos custos do transporte de bens destinados à exportação. São eles:

- ⌋ Corredor de exportação do Rio Grande: calçados e artigos de couro;
- ⌋ Corredor de exportação de Paranaguá: café, algodão, soja, milho, sorgo, carne, madeira, papel, etc.
- ⌋ Corredor de exportação de Santos: café, milho, algodão, carne e variados produtos manufaturados;
- ⌋ Corredor de exportação de Vitória-Tubarão: minério de ferro, madeira, carne e cereais, além de produtos manufaturados.



TRANSPORTE AÉREO

Alguns fatores contribuem para a expansão sempre crescente desse transporte no Brasil, como a grande extensão territorial, as condições climáticas favoráveis, o relevo de baixa altitude e a ausência de outros tipos de transporte capazes de ligar as diferentes regiões do país. Apesar de relativamente caro em relação aos

transportes terrestres, esta modalidade resolve alguns problemas de tempo e distância com rapidez e agilidade.

Desde a década de 1920, com a criação da VARIG (Viação Aérea Riograndense) e, mais tarde, com a construção de modernos aeroportos nas principais capitais do país, e com o surgimento de várias empresas de táxis aéreos, a aviação nacional foi se consolidando como um tipo de transporte em ascensão. A criação da EMBRAER (Empresa Brasileira de Aeronáutica), em 1969, em São José dos Campos (SP), do ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), o IPD (Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento) e o IAA (Instituto de Atividades Aeroespaciais), deram grande impulso à aviação nacional. Atualmente, o Brasil produz e exporta vários tipos de aviões.

O CRESCIMENTO DA AVIAÇÃO

54,2 MILHÕES DE PASSAGEIROS FOI O MOVIMENTO REGISTRADO EM 97 NOS AEROPORTOS DA INFRAERO

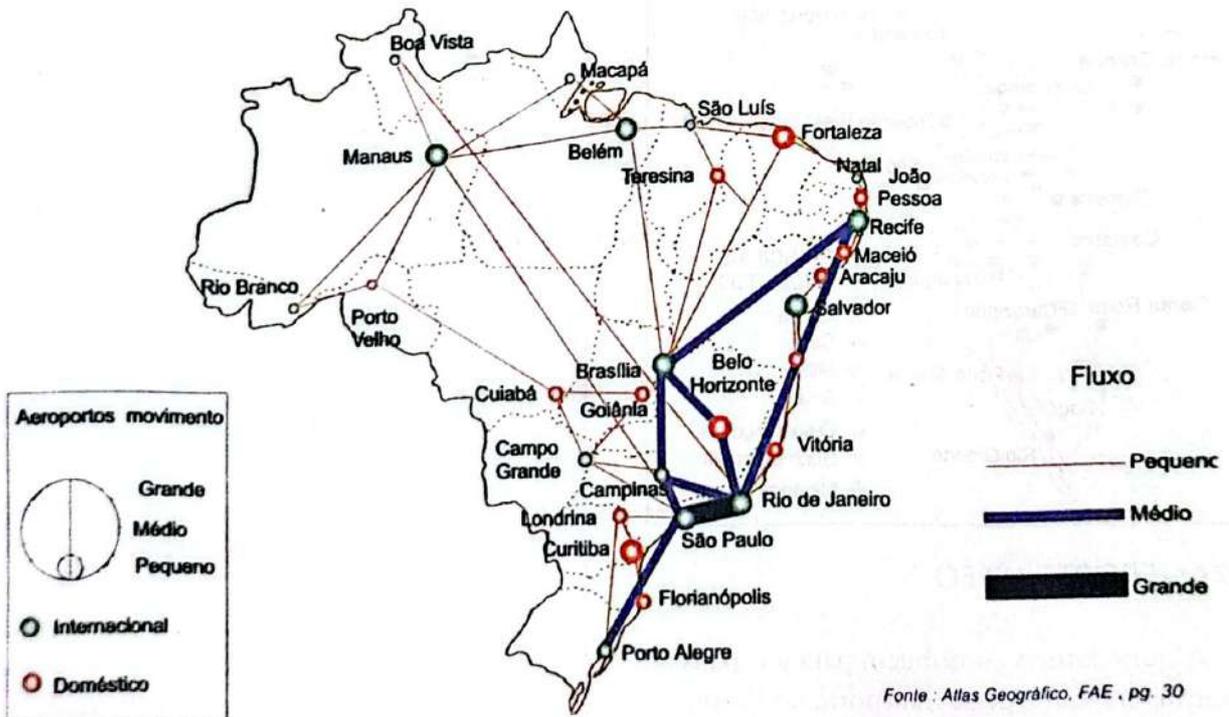


OS AEROPORTOS MAIS MOVIMENTADOS DO PAÍS

- 1º - Cumbica (Guarulhos)
- 2º - Congonhas (São Paulo)
- 3º - Galeão (Rio de Janeiro)
- 4º - Brasília
- 5º - Santos Dumont (Rio de Janeiro)
- 6º - Salvador
- 7º - Porto Alegre
- 8º - Guararapes (Recife)
- 9º - Curitiba
- 10º - Fortaleza
- 11º - Pampulha (Belo Horizonte)
- 12º - Manaus
- 13º - Confins
- 14º - Belém
- 15º - Florianópolis

Fonte: Infraero

TRANSPORTE AÉREO



Fonte: Atlas Geográfico, FAE, pg. 30



SUGESTÃO DE ATIVIDADES

SUGESTÃO DE ATIVIDADES

INTRODUÇÃO

Os temas propostos para este módulo visam capacitar o aluno para uma análise crítica do fenômeno turístico, de modo a poder posicionar-se como profissional e como cidadão. O ponto de partida para o desencadeamento das discussões dos conteúdos deve ser sempre a experiência e vivência dos alunos. Para tanto, sugerimos uma série de recursos tais como: textos acadêmicos e jornalísticos, mapas, tabelas, gráficos, fotografias e vídeos.

As atividades realizadas em classe, ou extraclasse, em grupo ou individualmente, são momentos de avaliação nos quais o aluno é requisitado a utilizar corretamente o vocabulário conceitual apreendido e estabelecer relações entre os elementos da realidade em estudo. Por meio dos conteúdos trabalharemos os conceitos de espaço, turismo, globalização, espaço turístico, paisagem, enquanto noções centrais e sua aplicação no território do Estado de São Paulo. Sugerimos evitar a exposição inicial de definições. Ao contrário, propomos que seja cumprida a etapa de levantamento do saber do aluno, produto de sua vivência, para em seguida estabelecer a confrontação com os conceitos científicos.

Ao final de cada tema ou um conjunto deles, propomos atividades que buscam a reflexão, a análise e elaboração de textos e pesquisas. As atividades propostas visam sobretudo instrumentalizar os alunos para o reconhecimento, avaliação e classificação dos recursos e atrativos turísticos, iniciando-os na elaboração, aplicação e interpretação de pesquisa no setor.

O TURISMO COMO FENÔMENO SOCIAL E ECONÔMICO NA ATUALIDADE

Realizar um levantamento sobre o montante de capital movimentado pelo turismo no mundo e no Brasil nas últimas décadas. Utilize informações disponíveis na rede Internet EMBRATUR, Organização Mundial do Turismo e outras fontes. Organize as informações segundo os seguintes indicadores: Movimentação em dólares /ano, % do PIB, % da PEA, quantidade de empregos criados, montante em dólares/ salário. Relacionar estes dados com outras atividades econômicas tais como indústria, agricultura, comércio.

Realizar esse mesmo levantamento na cidade local. Discutir a importância do turismo para a comunidade.

Discutir sobre os processos de desenvolvimento do fenômeno do turismo de massa, caracterizado por volumosos fluxos, particularmente após a Segunda Revolução Industrial. Elaborar um quadro esquemático contendo as principais invenções tecnológicas e progressos técnicos ligados às revoluções industriais e que facilitaram o deslocamento dos viajantes.

Caracterizar historicamente o turismo aristocrático moderno europeu e seus principais fluxos.

↳ Pesquisar os seguintes conceitos:

Conceitos	Órgão definidor	Caracterização
A. turista		
B. excursionista		
C. migrante		

↳ O atual ministro do esporte e turismo, Rafael Greca, deu a seguinte entrevista à revista *Veja* em 17/02/99. Nas páginas seguintes, transcrevemo-la integralmente.

Após sua leitura, discuta as questões:

↳ No conjunto dos ministérios do governo FHC, qual parece ser expressão política do ministério do Esporte e Turismo?

↳ No contexto da globalização hegemônica, discuta as afirmações:

*“O Brasil é a única terra de oportunidades disponível no mundo”
 (...) O Brasil está na moda. É a melhor oportunidade de negócios para o capital estrangeiro”.*

↳ Pesquisar nos livros de História do Brasil o texto da Carta de Pero Vaz de Caminha, por ocasião de sua chegada ao Brasil em 1500. Compare-a com a entrevista do ministro. Há semelhanças ideológicas entre elas? Por quê? O que falta ser [descoberto] explorado?

↳ Comparar o texto da revista *Veja*, com o texto *A hora do turismo*, de Luiz Nassif, jornalista da Folha de S. Paulo, publicado em 14 de agosto de 1999.

Entrevista: Rafael Greca

O ministro folião

Ele contagiou Brasília com seu estilo esfuziante e diz que o turismo vai ficar melhor ao final de sua gestão

Daniela Pinheiro

Ele é responsável pelos esportes e pesa 140 quilos, distribuídos em 1,84 metro. Também cuida do turismo, e não viaja pelo Brasil desde que era criança. A Itália, lembra-se, já foi mais de quarenta vezes. O novo ministro, Rafael Greca, pede às pessoas que tenham um pouco de paciência, até que ele tome pé das novas funções. No entanto já se transformou na mais atraente figura política que o governo produziu em muitos anos. É impossível ficar ao seu lado sem se divertir. Bem-humorado, extrovertido e com uma memória fora do comum, Greca faz piadas sobre si mesmo e gosta de declamar poemas e trechos de óperas. Mantém sempre perto o que chama de "livro de idéias", um caderninho em que anota desde frases colhidas nas reuniões ministeriais até extratos de sermão de padre. Aos 42 anos, tem no currículo uma passagem pela prefeitura de Curitiba, de onde saiu com alto índice de aprovação. Do seu gabinete em Brasília, decorado com bromélias e cortinas que ele diz detestar, o novo ministro dos Esportes e Turismo deu a seguinte entrevista a VEJA.

Veja — Um mês depois de estreitar como ministro, o que o senhor está achando do trabalho?

Greca — É apaixonante. A burocracia ainda não me mostrou um rosto tão assustador. Imaginava que nem conseguiria implantar o ministério no primeiro mês. A gente deve odiar a burocracia, mas amar os burocratas. Devemos convertê-los para a causa da mo-

demidade e da rapidez. As coisas andam muito bem. Pensei que o bicho fosse muito pior. Estou bem feliz.

Veja — Morar em Brasília tem sido insuportável, como muitos ministros que vêm de fora costumam dizer?

Greca — Eu adoro Brasília. Ela me enche de energia, me deixa como uma pilha. Com toda a carga. Acordo às 6 e meia da manhã. Tenho sido testemunha de todas as alvoradas e não quero perder a do dia seguinte. Outro dia, fiquei anotando os tons do céu de Brasília na hora do amanhecer e descobri até um tom verde-água, que eu nunca tinha visto em nenhuma outra aurora. O céu tinha gradações desde o vermelho mais profundo, passando pelo alaranjado, aí entrava pelo verde-água e então se revelava em azul. É muito bonito.

Veja — O senhor ainda está hospedado em hotel. É verdade que encomendou uma reforma no apartamento funcional em que vai morar?



"O Brasil é a única terra de oportunidades disponíveis no mundo"

Greca — Não é propriamente uma reforma. Minha mulher, Margarita, quer que nossa casa em Brasília tenha paredes verdes e amarelas, uma casa que simbolize nossa ligação e amor pelo Brasil. Depois do Carnaval, Margarita e eu vamos fazer a mudança. Ela me presenteou com uma tela de proporções monumentais, do tamanho de uma parede inteira. É Ulisses amarrado no mastro do barco para não ceder à tentação das sereias, enquanto Penélope borda seu tapete na distante ilha natal. É dos versos da *Odisseia*, de Homero. É de um pintor curitibano chamado Sérgio Ferro. Enquanto a mudança não acontece, estou hospedado num hotel, onde virei amigo do gerente. Ele ficou meu camarada e já consegui tirar todos os quadros não brasileiros do saguão. Tinha a imperatriz Teodora, de Bizâncio, e eu perguntei se ela estava fazendo visita de Estado. Porque eu fui a Bizâncio e a Ravena e não tinha nenhuma baiana brasileira nos hotéis das duas cidades. Conveneci o gerente a guardar a imperatriz Teodora

veja 17 de fevereiro, 1999 9

no armário. Devemos todos lutar por este país. O Brasil é a única terra de oportunidades disponíveis no mundo.

Veja — *Não há uma boa dose de exagero nessa afirmação?*

Greca — O Brasil está na moda. É a melhor oportunidade de negócios para o capital estrangeiro, para os investimentos na área de turismo. Temos o produto turístico e cultural mais atraente do mundo. Qual outro país tem uma floresta intacta? Um Pantanal Mato-Grossense? As Cataratas do Iguaçu? Esse caprichoso litoral de 8 000 quilômetros de extensão? Esse rol de 200 fortalezas e prédios públicos notáveis à beira do mar. A efervescência cultural de São Paulo, a qualidade barroca da Bahia e Minas Gerais ou a pujança econômica do Paraná e de Santa Catarina, ou as grutas de 500 anos de presença humana da Serra da Capivara do Piauí, as cidades históricas do centro do país, como Pirenópolis.

Veja — *Pouco depois de ter sido escolhido para o cargo, o senhor disse que conhecia mais a Itália do que o Brasil. Foi quarenta vezes à Itália contra algumas viagens pelo país em companhia de seu pai, quando ainda era pequeno. Isso não irá dificultar seu trabalho como ministro do Turismo?*

Greca — De forma alguma. Me dê seis meses que conhecerei todo o Brasil. Estou louco de curiosidade. Já estou começando a viajar. Agora mesmo vou para o Carnaval no Nordeste. Vou visitar Olinda e Recife, cidades onde nunca estive antes.

Veja — *No Carnaval do Rio, o senhor tem alguma escola preferida?*

Greca — A Mangueira, minha velha conhecida. Muito por causa de Dona Zica, viúva do Cartola. Ela é protagonista da mais linda história de brasilidade que já ouvi na vida. Ela aprendeu a ler identificando as letras do Brasil, no título do *Jornal do Brasil*, que sua patroa perversa a mandava pegar todas as manhãs. Para saber se levava o jornal certo, aprendeu como era o B de Brasil, e aí começou...

Veja — *O senhor já desfilou em escola de samba?*

Greca — Nunca e nem tenho vontade.

Eu brincava quando era jovem, fiz curso na Banda Polaca em Curitiba. Já me fantasiei de arlequim, de pintor, de chinês e de sheik árabe. Mas ultimamente eu viajava para a Itália ou ficava em casa. As vezes, eu dormia. Não ter desfilado, nem ter desejo de desfi-

“Não tenho vontade de desfilor. Mas quando era jovem saí na Banda Polaca fantasiado de arlequim, de pintor, de chinês e até de sheik árabe. Ultimamente eu viajava para a Itália ou ficava em casa dormindo. Mas gosto muito do Sambódromo”

lar não quer dizer que não goste de assistir ao desfile. Eu gosto, e muito. Comparei à inauguração do Sambódromo na Marquês de Sapucaí. Sou fã ardoroso da montagem, acho que o desfile é uma ópera popular digna do maior respeito. Além disso, é algo que gera muitos empregos, é um evento a ser patrocinado. E observei que a maioria das cidades italianas e mediterrâneas que tiveram Carnaval no passado está retomando os festejos com base no exemplo brasileiro.

Veja — *Mas Veneza tem um Carnaval secular.*

Greca — Veneza promoveu seu primeiro Carnaval moderno em 1983. Margarita e eu, por acaso, lá estávamos. Era um Carnaval muito tímido, patrocinado pela municipalidade para retomar os desfiles de gôndolas, dos mascarados, dos bailes com iluminação de tochas. Foi armado como estratégia de recuperação de Veneza, e me disseram que o fizeram com base no que acontece no Rio de Janeiro.

Veja — *Não vai ser duro agüentar o pique deste Carnaval? Afinal, serão cinco cidades em quatro dias.*

Greca — Não vou ser o rei Momo nem vou desfilor (*risos*). Não vai ser tão cansativo assim. Estarei viajando em jato oficial. Eu até liguei para o presidente Fernando Henrique Cardoso para saber o que ele achava de eu viajar em avião particular. Eu não queria usar o da FAB porque poderia parecer que estava usando dinheiro público para fazer turismo e brincar Carnaval. De repente, pensamos em um jatinho de algum empresário amigo, sei lá. Mas a recomendação do Palácio do Planalto foi que eu usasse o avião oficial.

Veja — *É hábito trabalhar com essa música ao fundo? O que está tocando neste momento?*

Greca — Não sei. São umas óperas sem a letra. Eu adoro a melodia da ópera. Quer dizer, ópera sem texto. Há pouco tocou Mozart, *Le Nozze di Figaro*. Tocou *La Traviata* já. E agora é *La Bohème*, de Puccini. Aaaaah! “*Ma per fortuna è una notte di luna. E qui la luna l’abbiamo vicina.*” É quando Mimi encontra Rodolfo no sótão. Lindo, lindo.

Veja — *Quantas línguas o senhor fala?*

Greca — Eu falo bem português, espanhol, italiano e arranho francês e inglês. Com uma taça de vinho eu falo muito bem (*gargalhadas*).

Veja — *O Brasil está preparado para receber uma nova e farta leva de turistas estimulados por um real desvalorizado?*

Greca — Acho que o Brasil está sempre preparado, mas temos várias deficiências. A alfândega, por exemplo. Poderíamos descomprimir os aeroportos do Galeão e de Cumbica se as bagagens fossem despachadas para vistoria nas cidades para onde se destinassem os passageiros. As malas dos curitibanos não precisam congestionar a esteira de vistoria paulistana. Os aeroportos têm estrutura para isso. Outra deficiência: os hotéis deveriam ser autorizados a fazer câmbio de moedas. Eu escrevi uma carta para o presidente do Banco Central pedindo isso. Na verdade, ainda não mandei porque estava escrita para o presiden-

te que caiu (risos), mas já reescrevi para o Armínio Fraga.

Veja — *O movimento de turistas estrangeiros no Brasil não é prejudicado pela imagem samba-futebol-Carnaval que o país tem lá fora?*

Greca — Não entendo por que algumas pessoas acham que isso é ruim. É muito bom. Samba é bom, futebol e Carnaval são maravilhosos. O desafio é avançar além do estereótipo tradicional. O Brasil não precisaria de um ministério se fosse para ficar repetindo todos os arquétipos tradicionais que o filme *Orfeu do Carnaval* celebrou quando do seu retumbante sucesso há décadas. O ministério só tem sentido se for capaz de revelar um outro Brasil, o Brasil do circuito cultural de São Paulo, da Pinacoteca do Estado, do Museu de Arte Sacra, é o Brasil do sonho de Chateaubriand. Alguém imagina que abaixo do Equador possa existir essa concentração de arte universal como existe no Museu de Arte de São Paulo, o Masp? Tenho certeza de que não há informação suficiente para o povo saber disso.

Veja — *O circuito de museus não é da alçada do ministro Francisco Weffort, da Cultura?*

Greca — Não quero de maneira alguma concorrer com ele. O Brasil está muito bem servido com o excelente ministro da Cultura que tem. Mas tenho um bom trânsito com os artistas. Todos sabem que eu sou porta aberta. Aqui já teve peregrinação: Tizuka Yamazaki, Ruth Escobar, o Chitãozinho. Mas eu vou inegavelmente usar a força da criação artística para o meu trabalho de motivação da juventude para o esporte e o turismo. Toda produção cultural também faz parte do universo turístico. O turismo é o marketing da alma de um povo. Cheguei a pensar que, se a Fernanda Montenegro ganhasse o Oscar, com aquele filme que é de uma viagem mítica pelo interior do Brasil, poderíamos usá-la como símbolo de promoção do país. Se ela concordar, claro. É minha estimadíssima amiga. Quando fui nomeado ministro, ela me mandou um telegrama: "In Greca, we trust" (*Em Greca nós confiamos*). E assinou: "Todos os Fernandos", que são ela, o marido e a filha.

Veja — *E como se faz para divulgar tudo isso?*

Greca — Temos de arrumar operadoras que se interessem em criar roteiros. Você pode fazer fantásticos roteiros de turismo entre as cooperativas do interior. Sai de Curitiba, vai à cooperativa

"Pensei que, se a Fernanda Montenegro ganhasse o Oscar, com esse filme que é uma viagem mítica pelo Brasil, poderíamos usá-la como símbolo de promoção do país. Quando virei ministro, ela me escreveu: 'In Greca, we trust'"

Batavo, é o mesmo que conhecer a Holanda. Daí visita Vila Velha, as grandes formações areníticas da região de Ponta Grossa, onde há lugares de indizível beleza como uma cachoeira dentro de uma gruta azulada que se chama Buraco do Padre. Aí você entra nas cascatas de Prudentópolis e Garapuava, que é uma nova Rússia, uma nova Ucrânia, totalmente eslava. Sai de lá e vai à colônia Entre Rios, que é uma nova Suábia, onde você pode tomar aquamalte e comer filé com mostarda e batatas à maneira do melhor restaurante da Suábia. É uma volta ao mundo. Sei que tem muito carioca que nunca entrou na Igreja da Ordem Terceira do Largo da Carioca. Sei de muita gente de cultura erudita que não sabe que os príncipes reais, filhos de dom João VI e Carlota Joaquina, que morreram de febre palustre, estão enterrados entre as igrejas de Santo Antônio e São Francisco, lá no Morro da Carioca. Esse turismo pelo Rio antigo me fascina. É isso que precisa ser estimulado.

Veja — *O estilo efusivo e a verve do ministro não podem ofuscar o trabalho do ministério?*

Greca — Não tenho nenhuma insegurança em relação a isso. Sei que tenho conteúdo que com o tempo se terá revelado consistente para o país. Muitas vezes não entendem meu pensamento. Aquilo que eu disse sobre o "caráter lírico dos miseráveis" foi totalmente distorcido. Quis dizer que não estamos dispensados de fazer programa de valorização humana. Isso é um dever. Há uma consciência de que a promoção social pela educação será o único caminho para superarmos as condições de miséria do nosso povo. Mas a gente não tem de esconder o nosso povo. O melhor do Brasil é o povo. Às vezes, o caráter lírico da pobreza é revelado até na arte popular. Mestre Vitalino, em seus bonecos de barro, retratou os despossuídos, os romeiros, os deserdados. E as figuras descalças de Mestre Vitalino não deixam de ser bonitas e líricas. Foi nesse sentido que eu quis dizer.

Veja — *O comitê do senador Roberto Requião, seu desafeto declarado no Paraná, divulgou pela internet uma insinuação sobre sua orientação sexual na eleição do ano passado. Como o senhor reagiu a isso?*

Greca — Isso é objeto de um processo que corre na Justiça do Paraná. Ele fez uma insidiosa armação que envolve a falsificação de uma certidão cartorial. Foi uma coisa muito feia que não me atingiu. Ser acusado de homossexual não me abala, pior seria ser chamado de ladrão. Aí seria duro. Eu entreguei o caso ao meu advogado e pedi para ele processar o Requião. Tentam usar isso contra mim repetidas vezes.

Veja — *O que sua mulher diz sobre isso?*

Greca — Nós damos risada. Só. Tudo isso parte de um preconceito desse Brasil ainda primitivo, socialmente primitivo, contra o refinamento do espírito. A minha alegria é intolerável, não é? Irrita. A outra coisa que irrita é o fato de eu ter tido tanta chance, de ter ficado tão diferente das outras pessoas. Tive acesso à filosofia, à arte, à cultura, à música. Não sou rico, mas sou bem-nascido e refinado. E isso dói na alma de muita gente. ■

A HORA DO TURISMO

Um dos poucos trabalhos sistemáticos de administração pública, conduzidos ao longo dos últimos anos, tem sido no âmbito da Embratur. Um planejamento bem conduzido levou à criação de uma estrutura de agentes de turismo municipais e a uma série de iniciativas visando consolidar a cultura de turismo no âmbito dos municípios.

A política cambial dos últimos anos impediu o florescimento desse turismo interno, por tomar as viagens ao exterior muito mais competitivas. Mesmo assim, permitiu alguns números expressivos. A Organização Mundial de Turismo estima que o turismo, no Brasil, é atividade de US\$ 38 bilhões de faturamento direto e indireto. Recolhe US\$ 7 bilhões de impostos diretos e indiretos. É responsável por 5 milhões de empregos, 4,8 milhões de turistas estrangeiros, 38,2 milhões de turistas domésticos, US\$ 3,6 bilhões de ingressos de divisas e US\$ 13,2 bilhões de receitas diretas com o turismo interno.

O grande desafio será acelerar as mudanças culturais nos municípios, para que se preparem para os novos tempos. Diretor-Geral de Hotelaria Accor do Brasil, o francês naturalizado brasileiro Roland Bonadona tem experiência internacional e uma visão muito clara sobre como os municípios deveriam atuar na promoção do turismo interno. Para ele, a grande meta nacional deveria ser estimular o turismo interno. O turismo de lazer ainda é incipiente. 90% desse turismo se hospeda em casa de amigos e familiares e em sítios. Em geral, existem três grandes grupos de turismo de lazer. Existe o turismo cultural, mais aprimorado na Europa. Em geral, é turismo de casal. O segundo grupo é o de compra e entretenimento, do qual o exemplo mais ostensivo é Miami. É turismo de família. O terceiro grupo é o de balneário, de descanso, e o exemplo melhor é o Caribe. Nesse turismo de balneário, o Brasil ou tem praias, ou festas. Festas têm apelo relevante, e podem se constituir em bom diferencial. Recife, São Luís e Salvador, por exemplo, têm bom potencial para turismo cultural. O restante do Nordeste é *commoditie*, apenas praias e dunas - existentes em outras partes do mundo. Na Flórida, além das praias, existem campos de golfe. Na Riviera francesa, campos de golfe e cassinos. Na França, as cidades passaram a se organizar para fazer o *marketing* do turismo. O primeiro passo é identificar a marca do turismo local. Em alguns lugares, existem águas quentes - atenção, Poços de Caldas, o turismo termal está em franca expansão na Europa. Em outros, esportes náuticos, em mares ou rios. O importante é criar a marca. O gasto na promoção tem que ser da prefeitura, coordenando as forças econômicas da cidade. E é fundamental o bom planejamento. Antes, via-se o turismo como um produto, um bom hotel, uma temporada. Hoje, é muito mais que isso, é um estado de espírito. A meta de todo plano turístico é tornar a estada do turista inesquecível. Para tanto, há a necessidade de eventos, envolvimento da população local, bom atendimento por parte dos funcionários, da alfândega, até de motoristas de táxi e a criação de um clima todo especial. A idéia - especialmente do turismo balneário - é poder se tratar, como num *spa*, mas sem isolamento. Na França, esse tipo de turismo é financiado, em parte, pela Previdência Pública, pois significa redução do índice de doenças. Além disso, na hora de montar um plano turístico, e pacotes, a cidade tem que fechar compromissos com operadores, como transparência nos preços, não ter *overbook* etc. Outro ponto relevante é a continuidade nas políticas públicas. Na Bahia, o plano turístico foi integrado e teve continuidade, assim como no Ceará. Já Pernambuco, que possui enorme potencial para turismo cultural e musical, não teve a mesma sorte. A cada seis meses mudava tudo. Culminou com o governo Arraes, para quem turismo era diversão de classe rica.

A partir das informações das tabelas: O novo perfil do turista estrangeiro no Brasil e Raio X dos Turistas em São Paulo, publicadas na Folha de São Paulo, trace o perfil do turista estrangeiro, do turista doméstico em São Paulo e do turista estrangeiro no Brasil.

O novo perfil do turista estrangeiro no Brasil

1 Estimativa de fluxo

1997: 2,955 milhões de estrangeiros
1998: 5,530 milhões de estrangeiros

2 Receita com turismo de estrangeiros

1997: US\$ 2,7 bilhões
1998: US\$ 4,2 bilhões

3 Entrada

via terrestre
1996: 718 mil
1998: 3,552 milhões
via aérea
1996: 1,849 milhão
1998: 1,978 milhão

4 Procedência

latino-americanos: 66%
europeus: 21%
norte-americanos e canadenses: 11%
outros: 2%

5 Permanência média do turista no Brasil

latino-americanos: 3 dias
norte-americanos e canadenses: 15 dias
europeus: 16 dias
média: 9 dias

6 Gasto médio por dia:

latino-americanos: US\$ 112,68
norte-americanos e canadenses: US\$ 217,89
europeus: US\$ 154,86
média: US\$ 134,51

7 Cidades mais visitadas

1) Foz do Iguaçu (PR): 30%
2) Rio de Janeiro (RJ): 27%
3) São Paulo (SP): 26%
4) Curitiba (PR): 13%
5) Porto Alegre (RS): 8%
6) Salvador (BA): 6%
6) Tabatinga (AM): 6%
6) Cascavel (PR): 6%

8 Motivo de viagem

turismo: 50%
negócios: 26%
congressos e convenções: 12%
visita a familiares: 10%
outros: 2%

9 Principais atrativos no Brasil

cultura: 49%
povo: 39%
praias: 23%
tudo: 13%
comércio: 8%
floresta amazônica: 8%
cataratas do Iguaçu: 5%

10 O que menos gostou

segurança: 32%
limpeza: 24%
transporte público: 9%
sinalização: 6%
prostituição: 6%

Balança do turismo

1 Brasileiros gastaram no exterior

1997: US\$ 4,8 bilhões
1998: US\$ 4,9 bilhões

II) segundo a nova metodologia do MICT/Embratur

1997: US\$ 4,8 bilhões
1998: US\$ 4,1 bilhões

2 Estrangeiros gastaram no Brasil

I) segundo a metodologia do BC
1997: US\$ 2,7 bilhões
1998: US\$ 1,2 bilhão

3 Saldo da balança do turismo, segundo o MICT/Embratur

1997: déficit de US\$ 2,1 bilhão
1998: déficit de US\$ 0,7 bilhão

Fonte: Ministério de Indústria, Comércio e Turismo

Principais destinos turísticos do mundo*

	Porcentagem do total
1 França	10,9
2 Estados Unidos	7,9
3 Espanha	7,1
4 Itália	5,6
5 Reino Unido	4,2
6 China	4,4
39 Brasil	0,5

* Dados de 1997 da Organização Mundial do Turismo

Fonte: "Folha de São Paulo" 1999

Raio X dos turistas em São Paulo

Turistas estrangeiros

Principais motivos de desagrado (%)

Limpeza pública	21,33
Segurança pública	19,35
Transporte	12,24
Comunicação	10,49

Motivo da viagem

Negócios/Trabalho	48,76%
Turismo	39,94%
Congressos/Convenções/Feiras	9,64%
Outros	1,65%

Origem do turista

Estados Unidos	31,97%
Argentina	18,58%
Espanha	8,20%
Canadá	6,56%
Portugal	3,83
Inglaterra	3,55
Outros (América)	10,93%
Outros (Europa)	13,66%
Outros (África, Ásia, Oceania)	2,73%

Gasto médio per capita/dia

US\$ 311,23

Período médio de permanência

3,7 dias

Pretensão de retorno (%)



Turistas nacionais

Principais motivos de desagrado (%)

Trânsito	12,90
Poluição	8,22
Violência	5,08
Agitação das pessoas	2,99
Poluição visual	2,14
Pobreza	1,15
Clima	0,95
Barulhos	0,65
Desemprego	0,60
Pessoas	0,55
Outros	64,77

Estado de origem (%)

SP*	31,03
MG	24,90
PR	12,97
RJ	10,10
BA	2,87
RS	2,74
SC	2,28
ES	1,96
PE	1,63
CE	1,50
DF	1,50
GO	0,91
MS	0,78
MT	0,78
PA	0,65
PB	0,65
AL	0,52
RO	0,46
SE	0,46
AM	0,33
RN	0,33
PI	0,26
MA	0,20
AP	0,07
RR	0,07
TO	0,07

Motivo da viagem (%)

Negócios/Trabalho	28,63
Amigos/Parentes	25,34
Turismo/Lazer	12,11
Saúde	6,67
Congresso/Convenção/Feira	4,95
Esportes	4,17
Outros	7,25

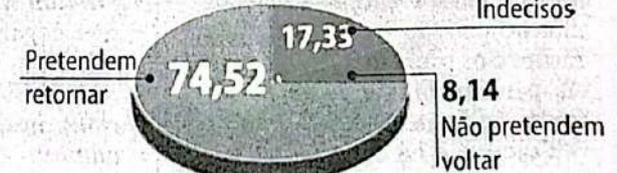
Gasto Total

R\$ 285

Período médio de permanência

7,3 dias

Pretensão de retorno (%)



Fonte: "Folha de São Paulo" 7/1999

A PAISAGEM ENQUANTO RECURSO TURÍSTICO

Após visitação aos pontos considerados turísticos da cidade, atribuir uma menção a cada uma das paisagens visitadas, de acordo com a matriz de avaliação da paisagem sugerida na página 13. Esta atividade deverá ser realizada por todos os alunos da classe. Após a tabulação dos dados, elaborar gráficos ilustrativos e debater os resultados.

Aplicar o mesmo procedimento descrito acima com outros públicos (alunos de outros cursos, familiares, amigos do bairro, turistas da cidade). Discuta sobre os resultados. Você concorda com a matriz de avaliação proposta? Por quê? Caso sua resposta seja negativa, elabore uma outra matriz e justifique.

Faça um levantamento de outros recursos paisagísticos de sua cidade e as classifique.

Elaborar um formulário/ficha contendo os elementos do espaço turístico (demanda, recursos naturais e criados, serviços, infra-estrutura, promoção, comercialização, sistema de informação). Em pequenos grupos da classe, aplique-o na cidade. Este trabalho poderá ser realizado dividindo-se as tarefas. Ou seja, cada grupo poderá ficar responsável pelo levantamento quantitativo e qualitativo de cada um dos elementos que compõem o espaço turístico.

AVALIAÇÃO DA DEMANDA TURÍSTICA

A partir do questionário proposto no texto base da página 21, avalie o perfil da

demanda turística de sua cidade. Este trabalho deve ser feito em grupo, dividindo-se a cidade em zonas. Discutir os resultados, após a tabulação dos dados e diagnosticar as principais virtudes e problemas do turismo na localidade.

AVALIAÇÃO E INVENTÁRIO DO ESPAÇO TURÍSTICO

Elaborar um roteiro de diagnóstico turístico da localidade receptora, a partir dos referenciais do texto (página 23), e aplique-o na cidade. A partir da tabulação dos dados, avaliar o potencial turístico e propor um plano de desenvolvimento turístico para a localidade.

TURISMO E REPRESENTAÇÃO

1 - Em Brasília são 20 horas. Identifique o horário e os demais dados das cidades listadas:

Cidade	Horário em relação a Brasília	País/Continente	Nº de fusos em relação a GMT	Hemisfério em relação a GMT
Dacar				
Lima				
Washington				
Tóquio				
Cairo				
Joanesburgo				

2 - Um grupo de turistas saiu de Fortaleza (Brasil) para comemorar o *reveillon* em Paris. Para descansarem e prepararem-se com tranquilidade, chegaram um dia antes.

a - A que horas chegaram ao seu destino (hora de Paris) se o avião decolou às 9 horas e a viagem demorou 12 horas?

b - Que horas registravam os relógios de Fortaleza no momento em que aterrizaram em Paris?

c - Cearenses (aqui no Brasil) e parisienses comemoraram o *reveillon* ao mesmo tempo? Por quê?

3 - Uma competição esportiva acontece em Pequim às 10 horas do dia 18, entre uma equipe de Vancouver (Canadá) e outra de Wellington (Nova Zelândia). A que horas os torcedores das duas equipes devem ligar os seus aparelhos de tv para assistirem ao vivo à transmissão do evento?

4 - Na cidade A, localizada no fuso horário de 45°W, são 23 horas.

a - Que horas serão na localidade B, situada 60° a leste de A?

b - Que horas serão na localidade C, situada 30° ao norte de A?

c - Que horas serão na localidade D, situada 105° a oeste de A?

5 - Um navio saiu do ponto E, localizado no fuso horário 15° E, às 12 horas.

a - Sabendo que a viagem demorará cinco horas, qual será o horário de chegada à localidade F, situada 90° ao norte do ponto E?

b - Do ponto F, o navio deslocar-se-á para o ponto G, situado 30° a oeste. Que horas estarão registrando os relógios da localidade receptora, na hora da partida?

6 - O presidente da República do Brasil fará um pronunciamento à nação às 20 horas, hora de Brasília. A que horas as pessoas das seguintes localidades deverão ligar os seus televisores, se quiserem vê-lo ao vivo?

a - Rio Branco

b - São Paulo

c - Campo Grande

d - Fernando de Noronha

e - Salvador

f - Belém

7 - Identifique as unidades da federação brasileira localizadas:

a - No primeiro fuso horário;

b - No segundo fuso horário;

c - No terceiro fuso horário;

d - No quarto fuso horário.

8 - Quantas horas atrasadas cada fuso horário brasileiro possui em relação ao Meridiano Principal? Por que nosso horário é atrasado em relação ao horário de Londres?

9 - O que é horário prático, horário teórico e horário legal?

TRABALHANDO COM OS MEIOS DE ORIENTAÇÃO

Uso da Rosa-dos-Ventos (**confeccione a sua própria rosa-dos-ventos e a coloque sobre as cidades de referência**).

1 - Identifique a direção das seguintes cidades tendo Brasília e Manaus como ponto de referência:

EM RELAÇÃO A BRASÍLIA
a - São Paulo
b - Cuiabá
c - Januária
d - Boa Vista
e - Fortaleza
f - Santarém
g - Rio Branco
h - São Félix do Araguaia
i - Manaus

EM RELAÇÃO A MANAUS

a - São Paulo

b - Cuiabá

c - Januária

d - Boa Vista

e - Fortaleza

f - Santarém

g - Rio Branco

h - São Félix do Araguaia

i - Manaus

2 - Indique a direção das seguintes cidades paulistas tendo **São Paulo e Franca** como referência:

EM RELAÇÃO A SÃO PAULO

a - Cananéia

b - Cruzeiro

c - Andradina

d - Presidente Prudente

e - Franca

f - Itararé

g - Santos

EM RELAÇÃO A FRANCA

a - Cananéia

b - Cruzeiro

c - Andradina

d - Presidente Prudente

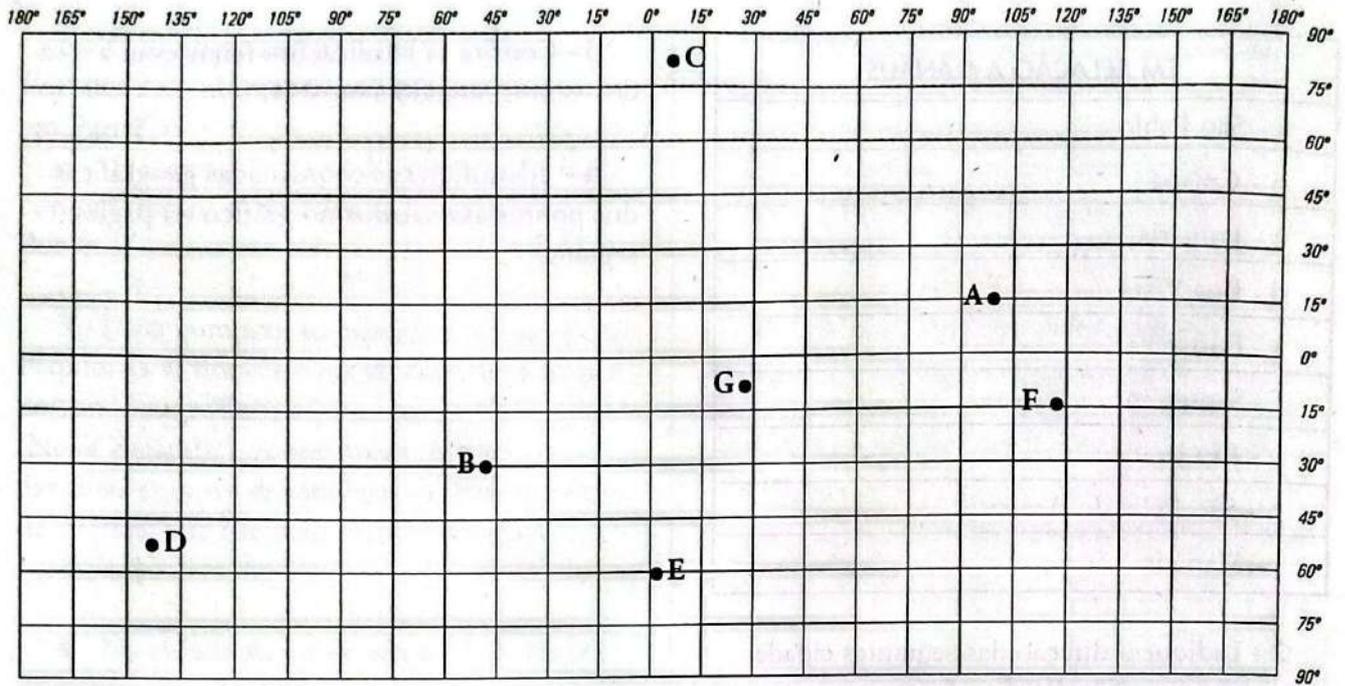
e - São Paulo

f - Itararé

g - Santos

3 - Confira as localizações feitas com a rosa-dos-ventos usando a bússola.

4 - Identifique as coordenadas geográficas dos pontos assinalados no gráfico da página seguinte:



5 - Use um atlas para identificar as coordenadas geográficas (localização astronômica) das seguintes cidades:

- a - Corumbá d - Santarém
- b - Macapá e - Dourados
- c - Boa Vista f - São Paulo

6 - Instrumentalização para uso do atlas.
De modo geral, os atlas são auto-explicativos, isto é, com as informações do

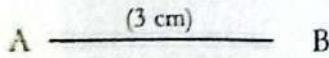
índice, é possível localizar os fenômenos e as localidades desejadas com rapidez e precisão, sem necessidade de se procurar página por página. Alguns atlas apresentam, no índice, as coordenadas geográficas, facilitando ainda mais a localização. Identifique os dados geográficos das localidades abaixo usando apenas o atlas como fonte de informação. Com ajuda do seu professor, aprenda a manuseá-lo tendo o índice analítico como referência.

Endereço cartográfico	Localidade	Tipo	País	Continente	Hemisfério de acordo com Equador	Hemisfério de acordo com GMT	Zona Climática	Coordenadas geográficas
21 13k*	Brasília	Capital	Brasil	América do Sul	Sul ou Meridional	Ocidental	Tropical	16°S e 47°W**
	Caxias do Sul							
	Brasil							
	Toronto							
	Nepal							
	Cairo							
	Tonga							
	Hawai							

* Estes dados foram tirados do índice analítico do Geoatlas, M. Helena Simielli, Ed. Ática, e correspondem às coordenadas geográficas da cidade de Brasília.

** Na sala de aula, normalmente, não dispomos de material de precisão para identificarmos as coordenadas geográficas exatas das localidades, por isso, fizemos uma identificação aproximada.

7 - Calcule a distância entre o ponto A e o ponto B, usando a escala de 1:7.000.000



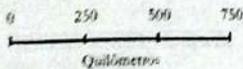
8 - Use a escala de 1:50.000.000 para calcular a distância entre as seguintes localidades, tendo como referência a distância do mapa:

- a - Aracaju e Natal (1,7 cm);
- b - Belém e Manaus (3,2 cm);
- c - Boa Vista e Porto Alegre (7 cm).

9 - Use a escala de 1:22.000.000 para calcular a distância, em linha reta, entre as cidades solicitadas, tendo como referência a distância do mapa:

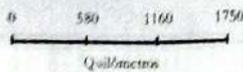
- a - Curitiba e Florianópolis (1,2 cm);
- b - Corumbá e Vitória (8,2 cm);
- c - Bauru e Ribeirão Preto (0,5 cm).

10 - Usando a escala abaixo, calcule a distância, em linha reta, entre as cidades solicitadas.



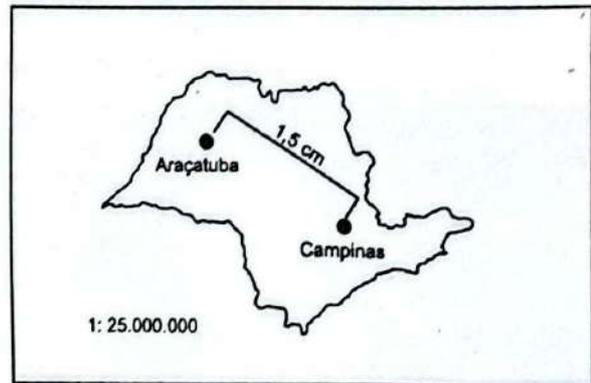
- a - Madri e Paris (4 cm);
- b - Roma e Londres (5,6 cm).

11 - Faça o mesmo entre as seguintes localidades, usando a escala abaixo:

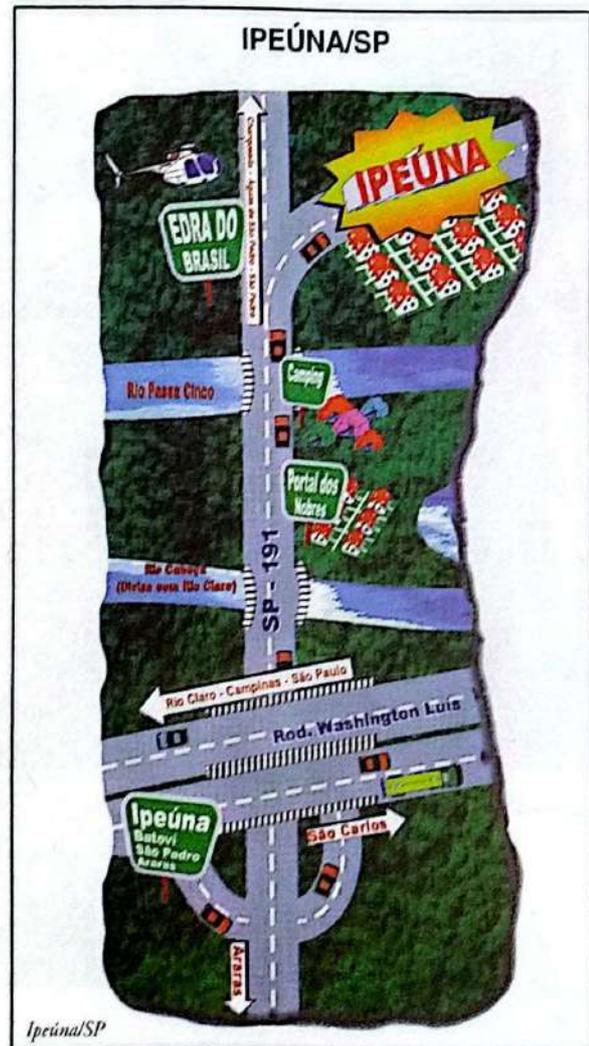


- a - Tóquio e Moscou;
- b - Nova Delhi e Katmandu.

12 - No mapa abaixo, a distância, em linha reta, entre Araçatuba e Campinas é de 1,5 cm. Qual é a distância real?



13 - Faça uma análise dos mapas turísticos apresentados destacando as suas características e apontando os pontos positivos e negativos que cada um deles apresenta.



APARECIDA DO NORTE / SP

Mundo em Miniatura
96 dos maiores monumentos do mundo.

Área Italiana
Uma das 9 áreas temáticas, também com alimentação.

Looping Star e Splash
Adrenalina e emoção em dois dos brinquedos radicais do parque.

Presépio Animado
O maior do mundo. Você vai se emocionar nas três passagens do nascimento de Jesus.

Entrada do parque
Você está prestes a entrar em um Universo Mágico.

Bate-Bate Aquático.
No Lago das Tartarugas. Também conheça o Lago dos Golinhos.

Brinquedos infantis.
Momentos de alegria para todas as crianças.

Magic Safe.
Ambulatório, ambulância própria, carrinho de bebê e tudo que sua família precisa para se sentir confortável.

Aparecida/SP

A PAISAGEM COMO RECURSO TURÍSTICO: OS ECOSISTEMAS PAULISTAS

Use os mapas de São Paulo Político e Unidades Geológicas para responder as questões abaixo:

1 - Identifique as principais cidades paulistas localizadas:

a - Nos Planaltos e Serras do Atlântico Leste-Sudeste;

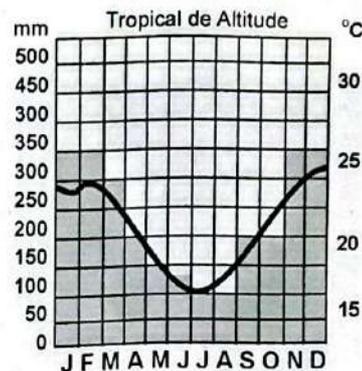
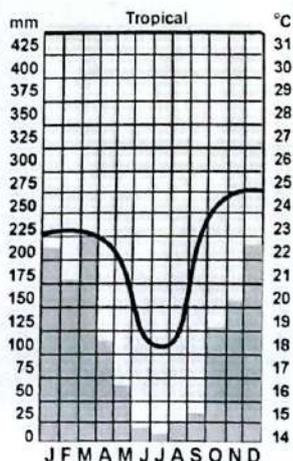
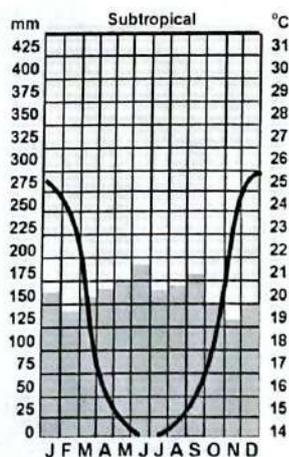
b - Na Depressão Periférica;

c - No Planalto Ocidental Paulista;

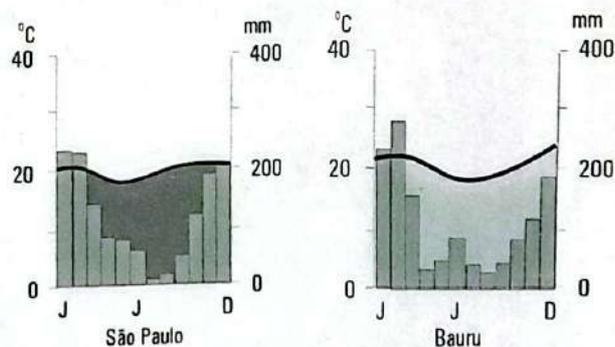
d - No Litoral.

2 - Quais atrativos turísticos naturais cada uma dessas unidades do relevo oferece?

3 - Observe os principais tipos climáticos existentes no Estado de São Paulo, representados nos climogramas, e os caracterize.



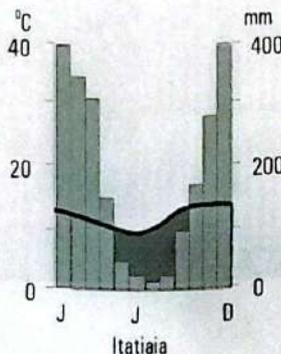
5 - Observe os climogramas das cidades de Bauru e São Paulo.



a - Em que época do ano é mais recomendável marcar um show de rock ao ar livre, para um grande número de pessoas, em cidades com climas semelhantes ao de Bauru? Por quê?

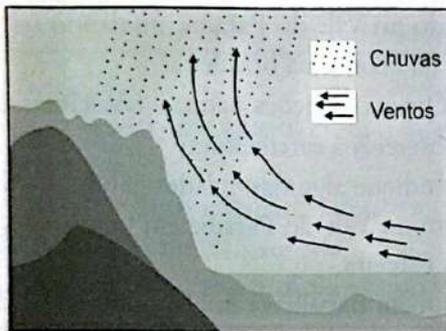
b - Estabeleça uma relação entre o comportamento do clima na cidade de São Paulo e o fenômeno da inversão térmica, que ocorre no inverno.

6 - Observe o climograma de Itatiaia para avaliar quais roupas e equipamentos são indispensáveis para um turista que queira visitá-lo:

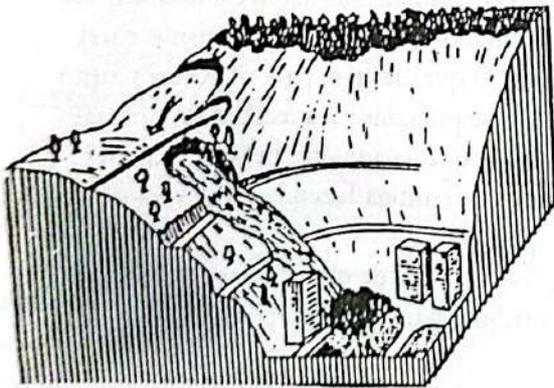


- a - Nas férias de julho;
- b - Nas férias de janeiro;
- c - Por quê?

7 - O esquema representado abaixo corresponde a uma região litorânea, com forte incidência de chuva orográfica por causa do relevo planáltico. Quais cuidados deve tomar uma pessoa ao instalar um empreendimento turístico como um hotel de lazer?



8 - (VUNESP) Observe a ilustração apresentada para responder os itens:



- a - Qual fenômeno está sendo ilustrado?
- b - Em que condições climáticas e de relevo o fato ocorre com maior intensidade?
- c - De que maneira a sociedade, em suas relações com a natureza, pode contribuir para diminuir ou intensificar o processo, que conduz ao fato que está sendo ilustrado?

9 - Apesar de não conhecer muita coisa a respeito de ecossistemas, um número cada vez maior de pessoas procura uma

localidade turística que ofereça contato direto com a natureza.

a - Elabore um cartaz ou *folder* com um quadro-síntese contendo as principais características climatobotânicas dos ecossistemas paulistas para que seja divulgado nas agências de viagem.

b - Indique os procedimentos ambientais recomendados e os equipamentos básicos que todo turista deve ter nas visitas e caminhadas em trilhas para, com segurança, desfrutar das belezas naturais, sem agredi-las.

c - Elabore um roteiro de aventura para pessoas que queiram conhecer trechos do planalto cristalino paulista.

10 - Você está acompanhando um grupo de turistas estrangeiros e eles admiram-se com a devastação da Serra do Mar, próximo a Cubatão. Como você explicaria aquela agressão ambiental?

11 - Passando pela cidade de São Paulo, o mesmo grupo observa as condições ambientais do rio Tietê e faz referência à fumaça e ao calor, mesmo estando no mês de julho. Os turistas não são tão leigos e você não pode dar uma explicação superficial. O que lhes explicaria em relação aos dois fenômenos?

12 - Andando pelas ruas centrais, os turistas estrangeiros querem saber como São Paulo tornou-se a terceira maior área metropolitana do mundo. Você tem apenas três minutos para dar-lhes uma explicação porque estão chegando ao MASP, onde têm um compromisso com hora marcada. O que você lhes diria?

O ESTADO DE SÃO PAULO E OS ESPAÇOS TURÍSTICOS

1 - Essas informações fazem parte de um *folder* elaborado por alunos do curso Técnico em Turismo da Fecap e referem-se a duas cidades do chamado Roteiro dos Bandeirantes.

I- "Santana do Parnaíba é uma cidade histórica e conserva muitas das características do bandeirantismo. Nasceu às margens do rio Tietê, num ponto em que a existência de uma cachoeira constituía-se num obstáculo à navegação."

II- "Porto Feliz contribuiu para alargar as fronteiras nacionais. As monções começavam a partir de Porto Feliz e Porto Geral de Ararituaba".

a - O que foram as monções e o bandeirantismo? Quando ocorreram e qual a sua importância para o Estado de São Paulo?

b - Como se caracterizava a economia paulista e brasileira na época dos bandeirantes?

c - Você sabe quais cidades surgiram ao longo do rio Tietê durante este período? Quais eram as suas funções?

d - O que estas cidades têm para oferecer aos turistas referentes ao período de sua formação?

2 - A partir das informações do texto abaixo, produzir um *folder* informativo turístico sobre as três cidades mencionadas, contendo informações históricas, geográficas, os atrativos turísticos e mapas de localização.

"O chamado Roteiro dos Bandeirantes está entre as trilhas mais tradicionais da ocupação portuguesa na América. Foi inicialmente utilizada para os exploradores atingirem a parte mais navegável do Rio Tietê, na localidade hoje denominada Porto Feliz. Ao longo desse caminho, nos séculos

seguintes, foram criados núcleos de povoamento que deram origem a importantes vilas, dentre as quais Santana de Parnaíba, Pirapora e Itu".

ANDRIOLO, Arley e outros.
Repensando o Roteiro dos Bandeirantes.

3 - Foi no Rio de Janeiro que o café tornou-se, pela primeira vez, uma cultura comercial. De lá, em meados do século XIX, passou a ser cultivado no Vale do Paraíba, mudando os rumos da economia brasileira.

a - Quais condições naturais favoráveis esta região oferecia à cafeicultura?

b - Indique algumas cidades paulistas que surgiram no Vale do Paraíba em função da cultura cafeeira.

c - Quem trabalhava nas lavouras de café?

d - O café ainda tem importância econômica naquela região? Comente.

4 - Muitas das antigas fazendas, depois de um longo período de estagnação econômica, vêm se estruturando para explorar o turismo rural.

a - O que elas têm para oferecer? Como devem se preparar para receber os turistas?

b - O que leva muitas pessoas a querer visitar uma antiga fazenda produtora de café?

5 - Explique de que maneira o café contribuiu para a industrialização paulista.

A MARCHA DO CAFÉ

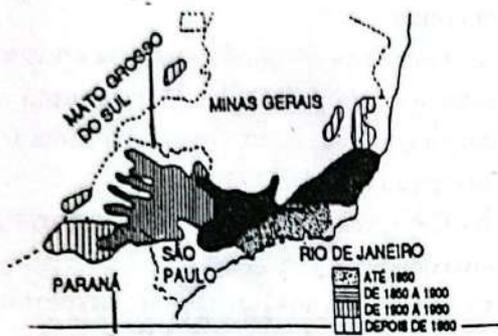


Foto: Zenaide Rombaldi Purificação

6 - Estabeleça uma relação entre o mapa e a foto, destacando:

- a - a expansão da cultura cafeeira e a colonização do interior paulista;
- b - a questão ambiental nas regiões onde se instalou;
- c - o negócio das terras que caracterizou grande parte da ocupação do oeste paulista;
- d - o papel das ferrovias para a expansão da cafeicultura.

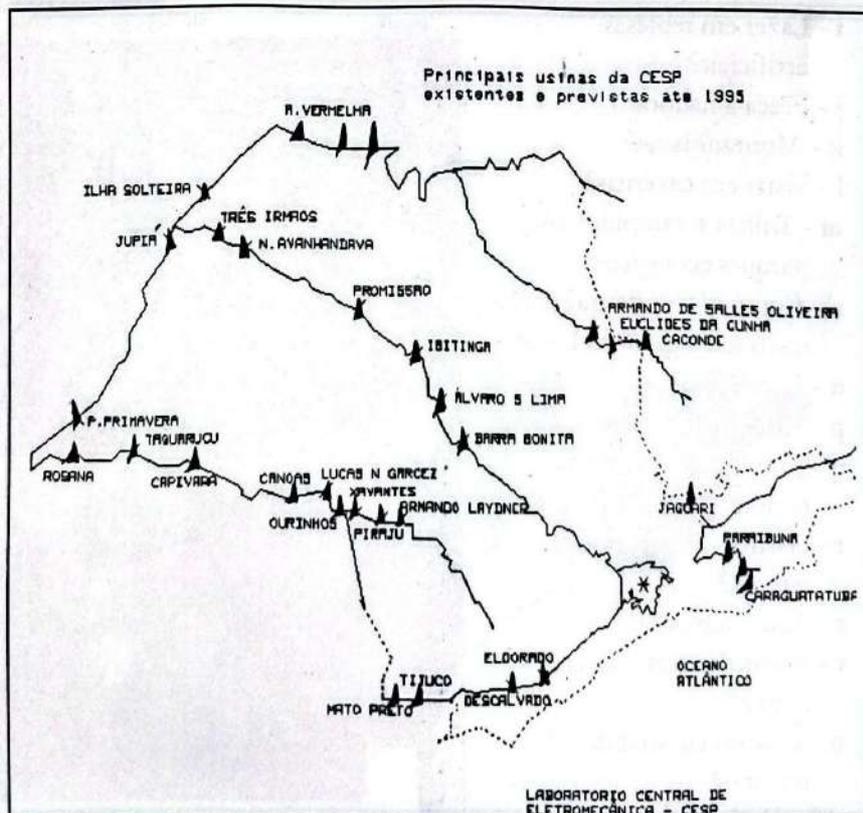
utilizar?

c - O que encontrariam nas cidades escolhidas, lembrando a época da cafeicultura?

8 - Você está olhando um mapa do Estado de São Paulo para montar um roteiro qualquer e alguém observa o grande número de usinas hidrelétricas existentes. Relembrando as aulas de Geografia, você começa a identificar os rios e as hidrelétricas.

7 - Um grupo de descendentes de antigos colonos de café resolveram fazer uma viagem turística de duas semanas seguindo a expansão dos cafezais pelo Estado de São Paulo. Eles pedem a sua ajuda para identificar alguns dos centros mais expressivos e, em seguida, traçar o roteiro. O ponto de saída e de chegada é a cidade de São Paulo.

- a - Que roteiro você sugeriria ao grupo?
- b - Caso eles fossem com carro próprio, quais rodovias teriam que



a - Quais são os rios paulistas aproveitados para a produção de energia elétrica? Liste os rios e as respectivas hidrelétricas.

b - Por que esses rios possuem grande potencial hidrelétrico? Onde e para que esta energia é utilizada?

c - As usinas hidrelétricas permitem visitas e oferecem boas oportunidades de aprendizado sobre o tema. Quem poderia interessar-se pelo turismo técnico?

9 - Quais cidades paulistas você indicaria para pessoas que procuram:

a - Festas do peão?

b - Festas da uva ou de outras frutas?

c - Festivais de Folclore?

d - Exposições agropecuárias?

e - Tratamento em águas com propriedades medicinais?

f - Clima ameno, em locais de altitude elevada?

g - Turismo rural em antigas fazendas de café?

h - Turismo rural em propriedades que utilizam modernas tecnologias?

i - Lazer em represas artificiais?

j - Pesca amadora?

k - Montanhismo?

l - Visita em cavernas?

m - Trilhas e campings em parques ecológicos?

n - Competições de travessia a nado em algum rio local?

o - Canoagem?

p - Artesanato típico?

q - Arquitetura histórica do período do bandeirantismo?

r - Gastronomia regional famosa?

s - Águas termais?

t - Praias de areia e águas limpas?

u - Festival cultural de inverno?

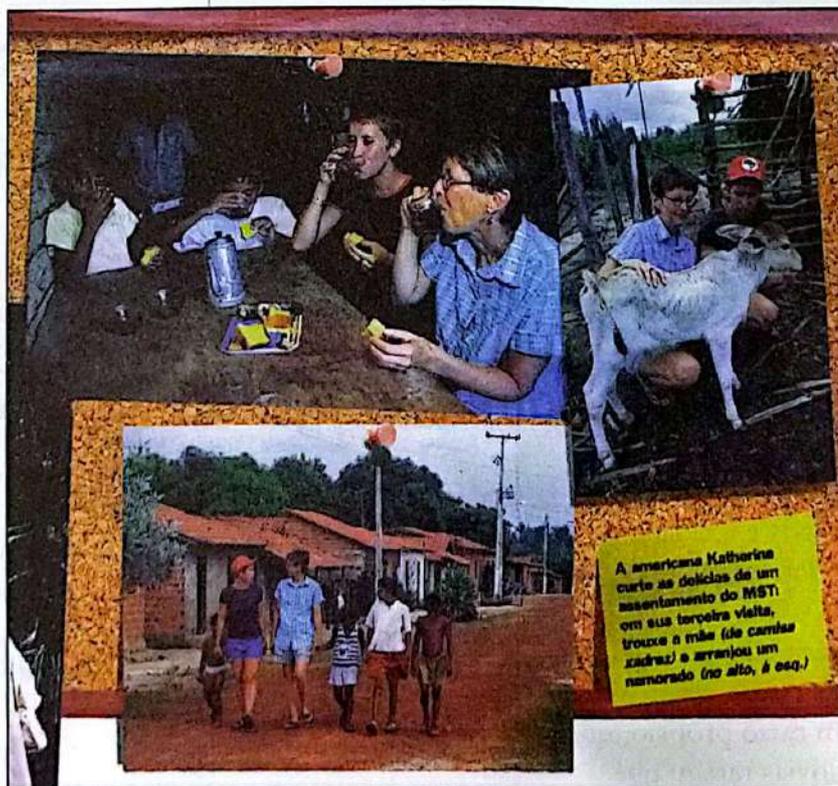
10 - Você conhece uma

comunidade de pessoas muito simples, com estrutura pouco confortável, mas sabe que se trata de uma região antiga, com muita história para contar.

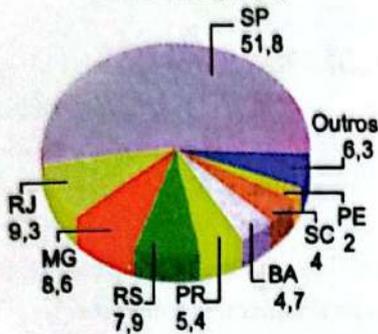
a - Quais aspectos destacaria para convidar e convencer a população local a fazer uma tentativa com o turismo, como uma nova fonte de ocupação e renda?

b - Caso aceitassem, como os prepararia para o novo desafio?

c - O que diria aos turistas para despertar-lhes curiosidade sobre a região? Como os prepararia para que, sem preconceito, pudessem usufruir de uma experiência diferente?

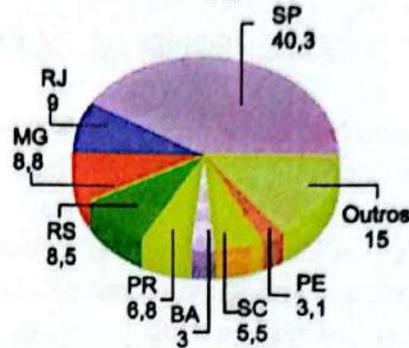


ATIVIDADE INDUSTRIAL
Valor da Produção (%)



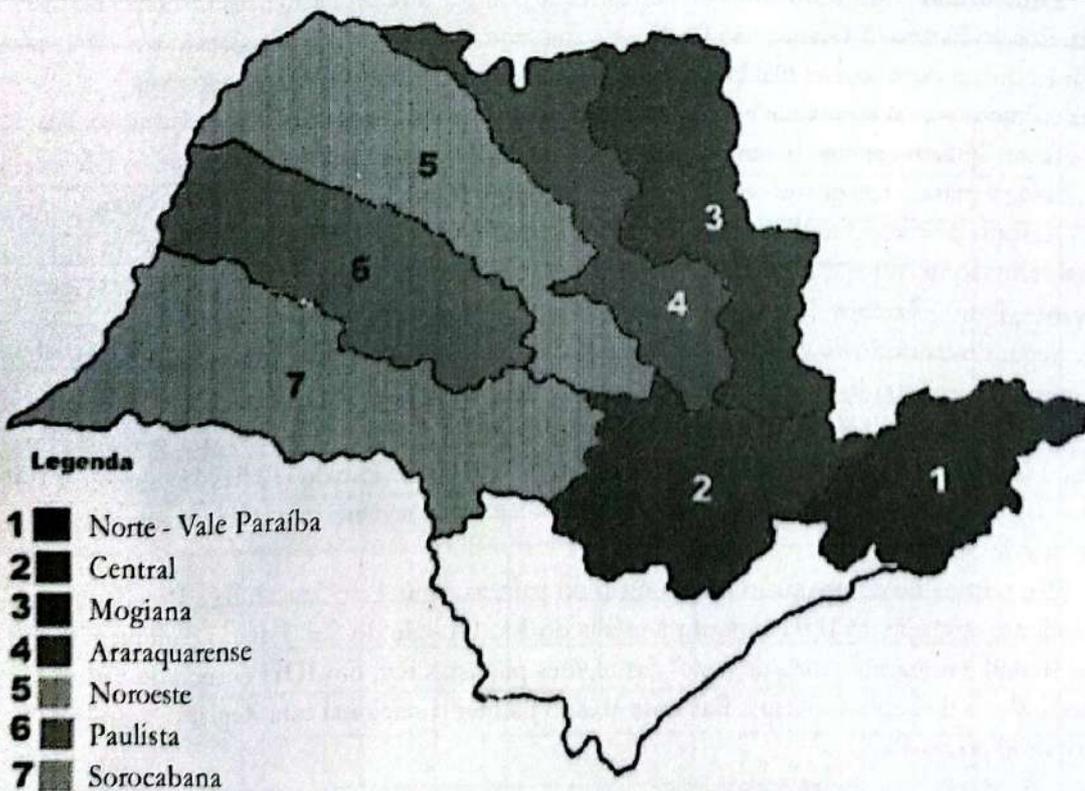
Fonte: Anuário Estatístico - IBGE

PARTICIPAÇÃO INDUSTRIAL
Estabelecimentos Industriais (%)



11 - Observe os gráficos acima e responda:
a - O que se conclui em relação à industrialização brasileira?
b - São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais demonstram maior produção e participação industrial. Quais fatores contribuíram para esse fato?
c - Você vê alguma relação entre industrialização, urbanização e turismo? Comente.

12 - As ferrovias tiveram grande influência na subdivisão regional de São Paulo.
a - Indique cidades expressivas localizadas em cada uma das sub-regiões.
b - Destaque algumas cidades turísticas localizadas em cada uma delas.



12 - Leia o texto com atenção para responder as questões propostas.

ÍNDICE APONTA MELHORA NA QUALIDADE DE VIDA EM SÃO PAULO

Entre 1991 e 1996, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Estado de São Paulo apresentou melhora significativa, deixando o Estado no nível dos 22 países com maior IDH do mundo.

Todas as regiões do Estado, à exceção de Registro, passaram de um IDH médio para alto, segundo estudo divulgado ontem pela Secretaria de Economia e Planejamento do Estado. O IDH, criado pela Organização das Nações Unidas (ONU), é a média aritmética de três indicadores: renda per capita, longevidade e escolaridade. A pesquisa usou a metodologia adotada pela ONU até o ano passado para medir o índice.

Apesar da melhoria global do IDH de todas as regiões do Estado, a evolução do índice de 1991 e 1996 mostra um aumento das disparidades regionais, ao contrário do que ocorreu entre 1970 e 1991.

“O estudo mostra que os indicadores sociais do Estado estão evoluindo melhor que o Produto Interno Bruto (PIB), estamos avançando em educação, saúde e longevidade”, afirmou o secretário de Economia e Planejamento, André Franco Montoro Filho. A evolução do IDH na área de Registro ilustra bem a tese: a região está na rabeira do Estado, sobretudo devido à redução da renda per capita. O índice de renda caiu de 0,769, em 1991, para 0,574, em 1996, mas o índice de educação evoluiu de 0,638 para 0,842 e a longevidade passou de 0,676 para 0,723. Em quase todas as regiões, são os indicadores de educação que elevam o IDH.

Dinamismo – Montoro destacou também que o índice teve evolução mais favorável no interior do Estado. A Grande São Paulo, que apresentou o melhor IDH do Estado em 1991, caiu para a quarta posição, em 1996. “O estudo confirma que o interior está atraindo mais investimentos e apresenta melhora mais acentuada na qualidade de vida”, disse Montoro. Ele destacou ainda o extremo dinamismo na evolução do IDH no Estado, uma vez que os líderes do *ranking* variaram nas quatro vezes em que o estudo foi realizado: 1970, 1980, 1991, 1996.

Araçatuba, Presidente Prudente e São José do Rio Preto são, na ordem, as regiões com IDH mais alto, seguidas pelas regiões da Grande São Paulo, Ribeirão Preto, Campinas, Região Central, Franca, Bauru, Barretos, Marília, São José dos Campos, Sorocaba, Santos e Registro.

Segundo o estudo do governo paulista, apenas dez países do mundo apresentam IDH superior ao registrado na região de Araçatuba, a de melhor IDH do Estado. São eles, na ordem: Canadá, França, Estados Unidos, Japão, Espanha, Reino Unido, Alemanha, Itália, Coreia do Sul e Argentina. A maior parte das regiões administrativas do Estado (12 das 15) apresenta IDH que as deixa entre a Argentina e a Venezuela. Já a região de registro tem IDH próximo ao da África do Sul.

Em termos de comparação com o resto do país, as regiões de Araçatuba e Presidente Prudente apresentam IDH superior à média do Rio Grande do Sul (Estado com melhor IDH do Brasil), enquanto a metade (sete) das regiões paulistas tem um IDH entre o do Distrito Federal e o de Santa Catarina. Bastante abaixo da média nacional está Registro, com IDH próximo ao do Pará.

Pequenos dominam – Os municípios pequenos e muito pequenos são os que apresentam melhor desempenho, o que confirma a tendência de outras pesquisas que mostram que a qualidade de vida se concentra cada vez mais fora das grandes cidades. Os dez municípios com maior IDH são: Águas de São Pedro, Tupi Paulista, Cruzália, Ilha Solteira, São Caetano do Sul, Dumont, Sales Oliveira, Buritizal, Pedrinhas Paulista e Saltinho.

No outro extremo, chamam a atenção os contrastes no nível de IDH da região metropolitana. Nessa área, os municípios de Franco da Rocha, Francisco Morato, Mairiporã e Jujubim apresentam IDH entre o do Egito e o da Indonésia, sendo que os três primeiros e Suzano, apresentam índice de renda do mesmo nível do Iraque, Marrocos e Vietnã. O melhor IDH da região metropolitana é o de São Caetano do Sul. O município com pior IDH do Estado é Barra do Turvo, na região de Registro, com índice 0,5476, próximo ao do Marrocos.

“Precisamos encontrar mecanismos capazes de superar a situação da região de registro, que apresenta o pior IDH do Estado desde 1970”, disse Montoro, afirmando que, além de sólidos investimentos públicos em saúde e educação, a região necessita descobrir sua vocação econômica. (O Estado de S. Paulo, 21/10/99).

a - Destaque as principais informações que o artigo apresenta.

b - Você vê alguma relação entre a melhora no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e a expansão da atividade turística? Comente.

AS ÁREAS DE CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO PAULISTAS

A partir do texto base sobre as Unidades de conservação localizadas no Estado de São Paulo, elaborar um cartaz contendo um quadro esquemático, conforme sugestão do modelo abaixo:

AS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO PAULISTAS									
	identificação	local	área	flora	fauna	relevo	orgão responsável	foto	Obs
Parque Nacional									
Parque Estadual									
Parque Est. Turístico									
Parque Ecológico									
Estação Ecológica									
Reserva Biológica									
APA									
ASPE									
ARIE									
Floresta Nacional									
Área Natural Tombada									
Terras Indígenas									
Reserva de Biosfera									

Indicações para pesquisa: Polícia florestal, IBGE, folhetos e cartazes, prefeituras, Secretaria do meio ambiente, Atlas das Unidades de Conservação.

O SISTEMA VIÁRIO PAULISTA

Use o mapa dos transportes paulistas (neste caderno) e o Guia Rodoviário para responder as questões.

1 - Relacione as principais rodovias paulistas:

- a - longitudinais;
- b - transversais;
- c - diagonais.

2 - Indique as principais estradas que percorrerão turistas que fizerem os seguintes roteiros:

- a - Bauru (SP) – Guarujá (SP);
- b - Ribeirão Preto (SP) – Campos do Jordão (SP);
- c - São Paulo (SP) – Bonito (MS);
- d - Belo Horizonte (MG) – Porto Seguro (BA);
- e - Campo Grande (MS) – Fortaleza (CE);
- f - Porto Alegre (RS) – Foz do Iguaçu (PR);
- g - Palmas (TO) – Rio de Janeiro (RJ).

3 - Entre Santos e Natal, quais cidades são potenciais para receber passageiros de um cruzeiro marítimo por mais de 24 horas, para reabastecer o navio?

4 - Indique os principais aeroportos:

- a - do Estado de São Paulo;
- b - da região Norte;
- c - da região Centro-Oeste;
- d - da região Nordeste;
- e - da região Sul;
- f - da região Sudeste.



BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, José Vicente. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1998.
- ANGELO, Ivan et al. **São Paulo – 110 anos de industrialização – 1880 – 1990**. São Paulo: Editora Três, 1992.
- BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 2ª edição. São Paulo: Editora SENAC, 1998.
- BENJAMIN, Roberto Schuray. **A cafeicultura no município de Osvaldo Cruz: gênese – auge – decadência – perspectiva de recuperação**. Dissertação de mestrado. Presidente Prudente: FCT/UNESP, 1998.
- CERED. **Geografia para o ensino médio**. Colégio Objetivo, 1999.
- CORRÊA, Tupã Gomes. (Org.) **Turismo e Lazer**. SP: Edicon, 1996.
- GUERRA, Antônio Teixeira et al. **Geomorfologia e meio ambiente**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.
- GUIMARÃES, C. e FAJARDO, E. **O diálogo com a natureza**. Revista Ecologia e desenvolvimento n.º 13, ano 2, 1992.
- IBGE. **Região Sudeste**. Rio de Janeiro: FIBGE, 1974.
- KOWARICK, Lúcio. **Trabalho e Vadiagem. A origem do trabalho livre no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- MARTINELLI, Marcelo. **Cartografia do turismo: que cartografia é essa?** In: Lemos, Inés G. de. **Turismo: impactos Socioambientais**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MEC-FAE. **Atlas geográfico**. Rio de Janeiro: MEC/FAE, 1986.
- MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984.
- MORANDI, Sonia e GIL, Izabel Castanha. **O espaço do homem. Caderno experimental de geografia I**. São Paulo: CEETEPS, 1998.
- _____. **O espaço do homem na época industrial. Caderno experimental de geografia II**. São Paulo: CEETEPS, 1999.
- _____. **Tecnologia e meio ambiente**. São Paulo: CEETEPS, 1999.
- PASSOS, Messias M. **Biogeografia e paisagem**. Presidente Prudente: FCT-UNESP, 1998.
- PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Agroturismo e Desenvolvimento Regional**. SP: Hucitec, 1999.
- RODRIGUES, Adyr Balastreri. **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. **Curso de Capacitação em Geografia do Turismo**. Palestras realizadas em 27/nov./98, 13/abr./99, 8/jun./99, 4/set./99, CEETEPS/ CETEC, 1999.
- _____. (org.) **Turismo e ambiente. Reflexões e Propostas**. SP: Hucitec, 1997.
- _____. (Org.) **Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. (Org.) **Turismo, modernidade, globalização**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. **Turismo e Espaço. Rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1997.

- ROSS, Jurandyr L. S. (org.). **Geografia do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996.
- RUSCHMANN, Doris. **Turismo e Planejamento sustentável - a proteção do meio ambiente**. Campinas: Papirus, 1997.
- Santos, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. **A Natureza do espaço. Técnica e tempo**. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.
- SÃO PAULO, SEMA - Secretaria do Meio Ambiente. Curso de Capacitação para professores. Ilha do Cardoso, 1988.
- SIMIELLI, M. Helena. **Geotlas**. São Paulo: Ática, 1996.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Difel, 1983.
- _____. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.
- Vários autores. **Atlas das Unidades de Conservação do Estado de São Paulo**. São Paulo: Metalivros e Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Parte I, Litoral, 1996.
- Vários Autores. **Atlas das Unidades de Conservação do Estado de São Paulo**. São Paulo: Metalivros e Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Parte II, Interior, 1998.
- VESENTINI, José W. e VLACH, Vânia. **Geografia crítica, v.1**. São Paulo: Ática, 1998.

AS AUTORAS

SONIA MORANDI

Graduada em Geografia pela PUC de São Paulo em 1976. Professora de Geografia na área de Educação Profissional desde 1978. Atualmente coordena as Disciplinas Geografia, no Ensino Médio, e Geografia do Turismo, no Ensino Técnico em Turismo, nas escolas do CEETEPS.

Co-autora dos Cadernos curriculares *O Espaço do Homem, O espaço do homem na época Industrial e Tecnologia e Meio Ambiente*.

Participa do Programa Integrar : *Qualificação de Trabalhadores Empregados e Desempregados da CUT*, como membro da equipe curricular e autora dos cadernos curriculares de Geografia.

Pós-graduanda pela Universidade de São Paulo, pesquisadora na área de Educação Profissional e Ensino da Geografia.

IZABEL CASTANHA GIL

Professora de Geografia da ETE Prof. Eudécio Luiz Vicente, em Adamantina, e da rede particular de ensino. Leciona também nas Faculdades Adamantinenses Integradas - FAI - e no Centro de Ensino Superior de Dracena.

Mestra em Geografia pela UNESP de Presidente Prudente. Participa do Projeto de Elaboração de Material Didático, no CEETEPS. Co-autora dos Cadernos curriculares *O Espaço do Homem, O Espaço do Homem na Época Industrial e Tecnologia e Meio Ambiente*.

Colaboradora nas capacitações de professores de Geografia da CETEC/CEETEPS.

Membro da APROMAM - Associação Adamantinense de Proteção ao Meio Ambiente.

Espaço e Turismo é fruto dos encontros de capacitação docente realizados na Coordenadoria de Ensino Técnico - CETEC, desde novembro de 1998, ano da implantação do curso técnico em Turismo, no Centro Paula Souza.

Primeiramente, sob o enfoque espacial, enseja proporcionar uma reflexão crítica sobre o fenômeno turístico na nova ordem econômica mundial e seus desdobramentos sobre a organização socioespacial com significativas repercussões ambientais. Busca-se problematizar o turismo como uma das mais expressivas atividades da atualidade e avaliar sua dimensão econômica, em geral voltada para atender os interesses do capital hegemônico, impondo uma transformação radical do território, em contraponto a um turismo voltado para o desenvolvimento com base local (Rodrigues: 1998) que permite promover uma melhoria das condições de vida das populações receptoras.

Propugna-se o desenvolvimento local, tendo em vista a gestão participativa das comunidades receptoras, contemplando a geração de ocupação e renda, com capitais locais de pequena escala. Em segundo lugar, visa à construção de conhecimentos e habilidades ligadas à ciência geográfica. Prevê o estudo de conteúdos de uma **Geografia aplicada ao turismo**, cujos saberes instrumentalizam o futuro profissional nas habilidades requeridas de interpretação, análise e elaboração de mapas, cartas e instrumental de pesquisa, recursos que certamente contribuem para a construção da competência do profissional do turismo. À luz da Geografia, o enfoque temático deste volume recai sobre o potencial turístico do Estado de São Paulo.